



UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

RICARDO TADEU DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DO SOFRIMENTO: UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE  
TRABALHO E DESEMPREGO NO NEOLIBERALISMO**

POUSO ALEGRE

2019

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

RICARDO TADEU DE SOUZA

**A PRODUÇÃO DO SOFRIMENTO: UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE  
TRABALHO E DESEMPREGO NO NEOLIBERALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Análise de Discurso  
Área de concentração: Linguagem e Sociedade  
Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup> Juliana Santana

POUSO ALEGRE

2019

de Souza, Ricardo Tadeu

A produção do sofrimento: um olhar discursivo sobre trabalho e desemprego no neoliberalismo / Ricardo Tadeu de Souza; orientação: Profª Drª Juliana Santana. – Pouso Alegre, MG: 2019. 122 f.: il.; 30 cm.

Trabalho para conclusão de curso (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Vale do Sapucaí - (UNIVÁS).

1. trabalho. 2. desemprego. 3. Análise de Discurso. 4. sofrimento. 5. neoliberalismo. I. De Souza, Ricardo Tadeu. II. Santana, Juliana (orient.). III. Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS. IV. A produção do sofrimento: um olhar discursivo sobre trabalho e desemprego no neoliberalismo.

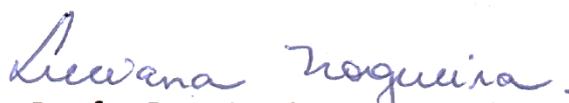
CDD: 410

## CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada “A PRODUÇÃO DO SOFRIMENTO: UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE TRABALHO E DESEMPREGO NO NEOLIBERALISMO” foi defendida em 11 de dezembro de 2019, por RICARDO TADEU DE SOUZA, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº98014312, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Profa. Dra. Juliana de Castro Santana  
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS  
Orientadora



Profa. Dra. Luciana Nogueira  
Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS  
Examinadora



Profa. Dra. Clarice Pimentel Paulon  
Universidade de São Paulo – USP  
Examinadora

DOCUMENTO VÁLIDO SOMENTE SE NO ORIGINAL

*Ao meu esposo, Wagner,  
que em sua paciência, amor e cuidado decidiu seguir  
por essa e tantas outras jornadas da vida ao meu lado;*

*À minha sobrinha-filha, Letícia,  
que me fez descobrir um novo tipo de amor;*

*À minha ir(mãe), Meiry,  
que sempre exerceu papel fundamental em minha vida;*

*À minha mãe, Luiza de Marilac,  
que, aonde quer que esteja, olha e guarda por mim;*

*Aos trabalhadores LGBTQI+,  
que, além dos desafios sociais encontrados, veem-se desamparados  
e sem representatividade em ambientes corporativos e acadêmicos.*

*A nossa luta tem que continuar!*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço à minha orientadora, Profª Drª Juliana Santana, pelas nossas trocas de conhecimento e pelos encontros, sempre repletos de aprendizado. Pela orientação brilhante, cuidadosa, rica e cheia de interesse e entusiasmo. Pela solidariedade, empatia e compreensão demonstradas ao longo do meu percurso de escrita, que foi cercado de intempéries, mas finalizado com êxito, graças ao seu suporte. Minha admiração e carinho.*

*Agradeço à minha amiga e mentora, Profª Mestre Thatiana Cappellano, por me inspirar e me mostrar que, sim, há formas mais justas e humanas de se trabalhar e de viver em sociedade. Por me abrir os olhos para o mundo acadêmico e me incentivar a buscar conhecimento. Todo meu amor por você.*

*Agradeço à Profª Drª Luciana Nogueira, que gentilmente se dispôs a me auxiliar nessa jornada, contribuindo de maneira ímpar com o meu processo de reflexão e escrita.*

*Agradeço aos professores do PPGCL, em especial à Profª Drª Paula Chiaretti e à Profª Drª Luiza Castello Branco, que brilhantemente me ajudaram a buscar novos saberes e olhares para as questões sociais e para a vida. Todos vocês são gotas de esperança em um Brasil cada vez mais árido.*

*Agradeço à minha família, por ser o pilar constituinte de tudo aquilo que sou e daquilo que vou me tornar. Se há uma certeza em minha vida é a de que sempre fui cercado de amor e afeto. Meu amor incondicional por vocês.*

*Agradeço à minha mãe, Luiza de Marillac, por fazer tudo o que estava ao seu alcance para que eu tivesse uma vida digna e cheia de amor. Hoje, você se faz presente de outra maneira em meus dias, pelas memórias, boas lembranças, pelo legado que deixou e, principalmente, pelo amor indescritível e incondicional que sinto por você. Aonde quer que esteja, sei que olha por mim.*

*Agradeço ao meu esposo, Wagner, por me incentivar a buscar a minha melhor versão. Por dividir sua vida comigo, permitindo-me embarcar em seus sonhos e colocá-lo como parte dos meus. Meu amor incondicional por você.*

*Agradeço à minha irmã, Meiry, por ocupar o papel de minha mãe e acreditar sempre em meu potencial. Por ser essa mulher de fé, forte, determinada, amorosa e verdadeiramente caridosa. Meu sentimento por você é de orgulho e amor incondicional.*

*Agradeço à minha sobrinha-filha, Letícia, por acreditar que eu sou capaz de realizar os meus sonhos e por ter sempre uma palavra de incentivo e carinho para me oferecer. Por me escutar e ser responsável pelas conversas mais francas, reflexivas e deliciosas. Por ser forte, determinada e ter um coração de ouro. Meu amor incondicional por você.*

*Agradeço à minha irmã, Cláudia, por estar sempre presente em minha vida, dando o seu melhor por mim e me amparando nos momentos mais decisivos e importantes. Meu amor incondicional por você.*

*Agradeço aos meus sobrinhos e afilhados, Paula, Miguel e Roberta, por me mostrarem que dá para seguir a vida com a leveza e a alegria de criança. Vocês encantam a minha vida e renovam a minha capacidade de amar.*

*Agradeço à equipe 4CO, por me permitirem conciliar a vida profissional e acadêmica, encorajando, de maneira irrestrita, a minha busca pelo saber. Por se tornarem inspirações diárias nos meus últimos três anos, me ensinando, não só tecnicamente, mas “humanamente”. Agradeço, em especial, à minha querida amiga Mariana Arruda, por todas as conversas revigorantes e amparo emocional ao longo desta jornada. Meu carinho por você é desmedido.*

*Agradeço aos colegas e amigos do PPGCL, em especial à Talita Carvalho e ao Bruno César, que me auxiliaram com carinho, apoio emocional, incentivo e tornaram meu período acadêmico mais leve e feliz.*

*Agradeço à minha família Pouso Alegreense, em especial Dola Faria, João Poteiro, Terezinha Pereira e Ana Lúcia Pereira, por sempre me acolherem como filho e fazerem com que eu me sinta parte.*

*Agradeço aos meus queridos amigos, os de infância, os Pouso Alegrenses, os Joseenses, os Cruzilienses, os Paulistanos e os que entraram há pouco em minha vida, por serem o meu elo com a realidade e a minha engrenagem para o futuro.*

*Agradeço aos meus professores, por me ajudarem em toda a minha trajetória do saber. Vocês têm participação fundante no meu interesse e busca pelo conhecimento.*

*Agradeço à secretaria do PPGCL, em especial à Gislaine Bittencourt, por pacientemente e cordialmente estarem sempre dispostos a me auxiliar, mostrando verdadeira empatia nesse período de Mestrado. O meu muito obrigado.*

*Agradeço, por fim, àqueles que acreditaram em mim, que me deram um voto de confiança; seja ao meu trabalho, às minhas ideias, aos meus projetos ou por acreditarem que eu poderia chegar até aqui. Sou grato e feliz por trazer comigo pessoas que têm fé em dias melhores.*

## RESUMO

O objetivo deste trabalho de pesquisa é analisar discursos do/sobre o trabalho que circulam em nossa sociedade, de maneira institucionalizada ou não, considerando a constituição histórica, ideológica e heterogênea dos processos de significação e de subjetivação do sujeito trabalhador. Para tanto, pretendemos lançar luz à produção do sofrimento gerada pelas relações de trabalho nas atuais condições de produção, que derivam da forma sujeito histórica capitalista neoliberal, de modo a contribuir para reflexões que levem em conta a linguagem na produção de sentidos e de práticas que afetam o funcionamento social. Por meio do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD), a constituição do *corpus discursivo* foi feita a partir de recortes de escutas discursivas com sujeitos trabalhadores, expressões populares, dados estatísticos e enunciados que circulam na internet sobre o trabalho. Foram selecionados alguns recortes discursivos, a partir da seguinte afirmação de Confúcio: “Escolha um trabalho que ame e não terás que trabalhar um único dia em sua vida”. Os sentidos de trabalho em expressões como “ossos do ofício” e em definições dicionarizadas também foram historicizados, com base nos pressupostos da AD. O materialismo histórico nos permitiu sair da superficialidade linguística e da evidência dos sentidos, para adentrar à opacidade da língua e ao funcionamento da ideologia, interrogando e problematizando alguns dos sentidos e discursos em circulação do/sobre trabalho e desemprego e sua forma de interpelação do sujeito no processo de individuação do ser social. Ademais, as análises nos permitiram compreender como o trabalho é significado pelo Estado, pelas Instituições, incidindo e determinando as relações estabelecidas e praticadas pelo sujeito trabalhador, inscrito ora como sujeito produtor ora como sujeito-produto. Em todo o percurso de análise e pesquisa, destaca-se a centralidade do trabalho no processo de constituição das relações sociais e do processo de subjetivação.

**PALAVRAS-CHAVE:** trabalho, desemprego, Análise de Discurso, sofrimento, neoliberalismo.

## ABSTRACT

The objective of this research is to analyze discourses of/about work that circulate in our society, in an institutionalized way or not, considering the historical, ideological and heterogeneous constitution of the signification and subjectivation processes of the working subject. Therefore, we intend to shed light upon the production of suffering generated by labor relations under current production conditions, arising from the neoliberal capitalist historical subject form, so that we can contribute to reflections that encompass language in the production of meanings and practices that affect the social functioning. Through the theoretical-methodological device of Discourse Analysis (DA), the constitution of the *discursive corpus* was made from excerpts taken from discursive hearings of the working subjects, as well as popular expressions, statistical data and sayings spread on the internet about work. Some discursive sequences derived from the following statement by Confucius: "Choose a job you love, and you will never have to work a day in your life" were also analyzed. Some meanings of work in expressions such as "*ossos do ofício*" as well as in other expressions found in the dictionary has also been historicized, based on the assumptions of the DA. Historical materialism has allowed us to move beyond linguistic superficiality and evidence of meaning, into the opacity of language and the ideology functioning, questioning and problematizing some of the current meanings and discourses of/about work and unemployment and the way they interpellate the individual in the subjection process of the social being. Moreover, the analyzes sought to dissert on how work is signified by the State and its Institutions, and also in the relations established and practiced by the working subject, sometimes seen as a producer subject and sometimes as a product subject. Throughout the course of the analysis and research, we highlight the main role played by the work in the process of establishing social relations and in the subjectivation process.

**KEYWORDS:** work, unemployment, Discourse Analysis, suffering, neoliberalism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 – O DISCURSO SOBRE O TRABALHO</b> .....	21
1.1 Significações do trabalho ao longo da história .....	21
1.2 Sentidos da palavra trabalho .....	25
1.3 “Ossos” ou “ócios” do ofício? .....	30
1.4 Sentidos sobre o trabalho em dizeres socialmente compartilhados .....	33
1.5 <i>Birôla, Karoshi e burnout</i> . A institucionalização do sofrimento.....	42
<b>CAPÍTULO 2 – NEOLIBERALISMO, TRABALHO, DESEMPREGO E A BANALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO</b> .....	49
2.1 Escutas discursivas e o jogo das formações imaginárias.....	50
2.1.1 Práticas de linguagem: a realização das entrevistas.....	54
2.2 A autoexploração da sociedade neoliberal.....	55
2.3 Desemprego e precarização: as faces do neoliberalismo.....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	90
<b>ANEXO I – ROTEIRO EXPLORATÓRIO</b> .....	97
<b>ANEXO II – TRANSCRIÇÕES DAS ESCUTAS DISCURSIVAS</b> .....	98

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Significados da palavra trabalho no dicionário.....	28
Figura 2 - Discurso sobre trabalho que circula nas redes sociais.....	35
Figura 3 - Discurso sobre trabalho que circula nas redes sociais.....	41
Figura 4 - Um sistema social de autoexploração.....	64
Figura 5 - Foto de trabalhador informal que viralizou nas redes sociais.....	78
Figura 6 - Comentários de internautas em postagem.....	82

## INTRODUÇÃO

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho (HAN, 2017, p.22).

A relação dos indivíduos e da sociedade com o trabalho já foi explorada em diversas áreas do conhecimento. Estudiosos, empresários e empreendedores já montaram suas teorias e transformaram, ao longo do tempo, a maneira como enxergamos o tema. No passado, Henry Ford ganhou renome mundial, pois queria atar seus empregados, de uma vez por todas, às suas empresas, criando uma nova maneira de produzir, por meio da relação de dependência e dívida dos trabalhadores com sua montadora. No presente, Byung-Chul Han (2017), uma das vozes filosóficas da atualidade, diz que o ocidente está se tornando uma sociedade do cansaço, graças à forma como encaramos as práticas laborais, enquanto para Zygmunt Bauman (2001) a relação com o trabalho se tornou líquida, rasa e volátil.

Início esta dissertação compartilhando um pouco das minhas motivações pessoais, enquanto pesquisador, para a escolha de uma temática tão complexa e ampla. Desde quando me tornei bacharel em Comunicação Social, trabalhei com Comunicação Corporativa e Cultura Organizacional, vertente mercadológica que explora, de maneira muito próxima, a relação dos empregados com as empresas e, conseqüentemente, com o trabalho. Nestes anos em campo, visitei muitas empresas, de diferentes segmentos, com públicos diversificados, que iam desde os popularmente nomeados “peões de fábrica” até executivos dos mais altos escalões. Com o aprofundamento de meus estudos na área de Psicologia Organizacional, minha inquietação sobre as questões de classe e a relação das pessoas com o trabalho aumentou e, somente pude observar o quão fascinante é a inscrição humana com a ocupação e o labor, quando consegui sair da evidência dos sentidos e entendi como o funcionamento da língua, do sujeito e da ideologia constroem, graças à espessura histórica da linguagem posta em funcionamento, essa interdependente ligação da sociedade com as práticas laborais.

Na atual sociedade, estas relações de trabalho estabelecem o dinheiro como elo central e, segundo Dardot e Laval (2016), são guiadas pela racionalidade

neoliberal: uma forma de ser e estar no mundo que é orientada pela discursividade capitalista e tem a generalização da concorrência praticada nas empresas como norma de conduta das relações interpessoais e como forma de subjetivação. Os mesmos autores definem o neoliberalismo como “o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens” (DARDOT; LAVAL, 2016, p.17).

Ou seja, de tempos em tempos, a conturbada relação com o trabalho vai se modificando em função de determinadas condições sócio-históricas, novas demandas vão sendo constituídas, tornando outras obsoletas. Este movimento cíclico de recriar e reproduzir as práticas de trabalho produz efeitos de evidência que atrelam o trabalho como constituinte da sociedade. A partir da definição de Marx (MARX *apud* TONET; NASCIMENTO, 2019), o trabalho é fundante do ser e é o que faz a mediação entre o ser natural e o ser social. Logo, o trabalho ocupa um lugar de centralidade nas práticas sociais. Nas palavras do referido autor,

[...] o trabalho também é o fundamento do ser social porque é por meio dele que são produzidos os bens materiais necessários à existência humana e porque, em consequência disto, ele - o trabalho - sempre será a base a partir da qual se estruturará qualquer forma de sociabilidade. Não importa qual seja a sua forma concreta; o trabalho, como produtor de valores de uso, será uma necessidade inescapável para a humanidade enquanto ela existir (MARX *apud* TONET; NASCIMENTO, 2019, p.4).

O mesmo autor afirma que: “até mesmo a linguagem, embora indissociável do trabalho desde o mais primitivo instante, é apenas uma mediação para a realização do trabalho” (2019, p.4). Deste modo, independentemente de ser a linguagem o início, meio ou fim, é impossível pensar as práticas sociais fora dela, motivo este que torna o discurso o principal objeto de estudo desta pesquisa. É importante ressaltar, ainda, que, embora as discussões mobilizadas tenham afinidade e transversalidade com conceitos da sociologia, filosofia, antropologia e psicologia do trabalho, nossos esforços estão nas análises do discurso “do” e “sobre” o trabalho.

Podemos dizer que a forma sujeito histórica da contemporaneidade, a partir da qual nos constituímos, é a forma sujeito capitalista neoliberal, segundo a qual os indivíduos são interpelados em sujeitos jurídicos, de direitos e deveres, pela ideologia, conforme explica Orlandi (2014, p.154).

O indivíduo é afetado pela língua, e interpelado pela ideologia, constituindo a forma sujeito histórica. E a isto chamamos de assujeitamento: para ser sujeito 'de' o indivíduo é sujeito 'a' (língua e ideologia). Dessa forma, pelo simbólico, e determinada historicamente, se constitui a forma sujeito histórica, a do capitalismo, sustentada no jurídico. Uma vez constituído em sua forma histórica, a do capitalismo, com seus direitos e deveres, e sua livre circulação social, como dissemos, temos a individuação do sujeito pelo Estado (ORLANDI, 2014, p.155).

Sendo assim, os indivíduos são assujeitados e inscritos ora como trabalhadores para o Mercado [de trabalho], ora como consumidores ativos do Mercado [de consumo], por meio do dinheiro e do capital, posições estas que influenciam diretamente suas vidas, desde o convívio social até sua posição de fala. Esta forte influência do sistema capitalista neoliberal não existe por acaso, ela é resultado de um processo histórico e de um discurso construído socialmente, em que a importância destas relações de troca está impregnada no imaginário e presente na memória discursiva, através do interdiscurso. Como define Orlandi (2015, p.25), “todo dizer se acompanha de um dizer já dito e esquecido que o constitui em sua memória. E a esse conjunto de enunciações já ditas e esquecidas, e que são irrepresentáveis, é que damos o nome de interdiscurso”.

Bauman (2013), em entrevista concedida ao projeto “Fronteiras do Pensamento”, discorreu sobre a ambivalência da vida humana e a nossa dicotômica busca incansável por segurança e liberdade, elementos contrapostos que são essenciais para uma vida digna e civilizada e endossam a lógica neoliberal; afinal, segurança sem liberdade é escravidão/prisão e liberdade sem segurança é um caos completo. O filósofo polonês afirma, ainda, que a sociedade não encontrará a solução e o equilíbrio perfeito para o dilema entre segurança e liberdade tão cedo, sempre haverá sobreposição de um em detrimento do outro, mas esta é uma busca irrefreável da vida em sociedade, que produz consequências e transformações sociais.

Se partirmos, pois, da lógica de que toda civilização existe por uma troca, em que você dá algo valioso e recebe algo de volta, a reflexão proposta pelo estudioso abraça também as dinâmicas do trabalho, que se baseiam, estruturalmente, na mudança de interesses individuais e coletivos (força física, força intelectual,

riquezas, poder, acesso, ego etc.), inclusive na ambição de usufruir da liberdade e conquistar alguma segurança física e financeira, ainda que imaginárias. A contragosto, o equilíbrio também não é um atributo presente nestas relações, não é como funciona o jogo do dinheiro, uma vez que a sensação de segurança e estabilidade de ter um trabalho faz com que abra-se mão, cada vez mais, do tempo, da saúde, da família, do conhecimento e de tudo aquilo que pode ser oferecido em prol do capital. É uma sucção da liberdade individual e coletiva, do ir e vir, do falar, do ser e do fazer. Em contrapartida, a liberdade de não estar ativamente nestas práticas neoliberais e poder gozar do tempo, da convivência social, da priorização do “eu” e lutar contra um sistema que impõe e assujeita, vem fatidicamente acompanhada da falta de segurança física, mental e intelectual, diminuição ou anulação dos movimentos de consumo, do cerceamento de diversos direitos – como o de possuir um CPF<sup>1</sup>, um CEP<sup>2</sup>, um FGTS<sup>3</sup> ou aposentar-se pelo INSS<sup>4</sup>-, invisibilização do lugar social e da impossibilidade de estar em uma posição sujeito socialmente aceita, que tem poder de consumo. Perde-se a dignidade, a civilidade e, em casos extremos, esvai-se a humanidade e, tragicamente, a própria liberdade.

---

<sup>1</sup> Sigla para Cadastro de Pessoa Física, que é o registro mantido pela Receita Federal do Brasil no qual podem se inscrever, uma única vez, quaisquer pessoas naturais, independentemente de idade ou nacionalidade, inclusive falecidas. Cada inscrito é unicamente identificado por um número de inscrição no CPF de 11 dígitos decimais. Esse número jamais muda senão por decisão judicial ou administrativa.

<sup>2</sup> Sigla utilizada para Código de Endereçamento Postal, com estrutura de 5 (cinco) dígitos, criado pela empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, em maio de 1971. Sua divulgação ao público em geral ocorreu com a publicação do Guia Postal Brasileiro, edição de 1971. Em maio de 1992, sua estrutura foi alterada para 8 (oito) dígitos e oficializada junto ao público em geral, com a publicação do Guia Postal Brasileiro.

<sup>3</sup> Sigla para Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, criado pela Lei nº 5.107, de 13 de setembro de 1966 e vigente a partir de 01 de janeiro de 1967, com o objetivo de proteger o trabalhador demitido sem justa causa, mediante a abertura de uma conta vinculada ao contrato de trabalho. No início de cada mês, os empregadores depositam em contas abertas na Caixa, em nome dos empregados, o valor correspondente a 8% do salário de cada funcionário. O FGTS é constituído pelo total desses depósitos mensais e os valores pertencem aos empregados que, em algumas situações, podem dispor do total depositado em seus nomes.

<sup>4</sup> Sigla para Instituto Nacional do Seguro Social, criado com base no Decreto nº 99.350 de 27 de junho de 1990, mediante a fusão do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS), com o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). O Instituto é responsável pelo pagamento da aposentadoria e demais benefícios aos trabalhadores brasileiros, com exceção de servidores públicos. Para ter direito ao benefício, o trabalhador deverá pagar uma contribuição mensal durante um determinado período ao INSS, variando de acordo com o tipo de aposentadoria.

O discurso libertário que o Mercado atrela ao dinheiro é sedutor, uma busca fascinante (ou delirante) pela soberania do tudo querer e tudo poder, em que o sujeito é orientado a trabalhar mais para poder consumir em maior quantidade e o consumo em escala crescente gera mais trabalho e acúmulo de riquezas. É um mecanismo de prisão bem arquitetado, que poderia até ser funcional, não fosse pela ânsia de se produzir cada vez mais com menos tempo e reter o acesso desta produção para usufruto de poucos. Discursos de desempenho, “fazer mais e melhor” e “lucrar mais com menos” ganham cada dia mais espaço nas instituições privadas e públicas, que, por sua vez, passam a “coisificar” o sujeito trabalhador e a tratá-lo como máquina, como sujeito produto(r), produzindo efeitos de sentido de que o ser humano é uma força automatizada, numérica, que deve ser explorada tanto quanto resistir e depois ser descartada, assim como produtos em uma prateleira de supermercado, que perdem a validade. Uma venda/troca que explora e precariza as condições humanas (produz sofrimento), tira-lhes a segurança e a liberdade, mas que é aceita como prática discursiva e social, graças ao efeito de evidência produzido pela ideologia.

O trabalho é fundante do ser social, atividade vital e *omnilateral* na incessante luta pela sobrevivência e felicidade humana (ANTUNES, 2018, p.26), por isso, não queremos (e seria leviano de nossa parte) rotulá-lo como uma atividade que tem funcionamento social unilateral, tanto para um olhar que coloca o trabalho como o exclusivo e maior causador das mazelas e sofrimento social, como para àqueles que o enxergam como único caminho para o sucesso e felicidade; queremos nos distanciar daqueles que o encaram de maneira simplista e fazem o seu culto acrítico. Segundo Marx (*apud* TONET; NASCIMENTO, 2019, p.4), mesmo que em suas formas históricas concretas o trabalho esteja associado à degradação do ser humano trabalhador, seria uma falsa constatação e uma visão empobrecida da realidade e do processo histórico acreditar que essa degradação abarque a natureza integral do trabalho e seja insuperável. Pelo contrário, o ato de trabalhar é autêntico e manifesta autoexpressão do próprio homem. “O trabalho, portanto, tem a potencialidade de permitir ao homem expressar as suas forças essenciais; de constituir-se como um ser autenticamente humano” (*ibidem*). Entretanto, sob as condições do capitalismo neoliberal, o trabalho e o desemprego constituem

diferentes significações e incidem, diretamente, no processo de subjetivação. Assim sendo, nos pareceu relevante e necessário olhar discursivamente para os sentidos de trabalho na produção do sofrimento, lançando luz ao funcionamento que, por vezes, aliena, aprisiona e explora o sujeito trabalhador.

A partir deste olhar, e entendendo a importância das posições sujeito trabalhador/produto(r), o Brasil encontra-se em uma delicada situação, visto que, nos últimos anos, com escândalos de corrupção, controvérsias políticas, sucateamento da educação e mudanças significativas das condições trabalhistas, a população foi impactada pelo temido desemprego, condição que faz romper um dos elos mais característicos entre o indivíduo e a sociedade, o de “ter” para “ser”. Esta lógica é tão perversa quanto estabelecida e imposta sua força a ponto de fazer com que o desemprego, nas atuais condições de produção, produza um lugar à margem da sociedade e da economia, uma vez que aquele que não produz para consumir torna-se um estorvo, inútil e inconveniente para o Estado e para o Mercado.

Tendo em vista que o capital diz muito sobre o indivíduo e suas relações sociais, o trabalho e os vínculos de emprego significam e individualizam o sujeito trabalhador como ocupado ou desocupado, empregado ou desempregado, à medida que o inscreve na posição de sujeito produto e sujeito consumidor. Neste prisma, trabalho e consumo se retroalimentam e a produção em massa cria a atmosfera de que o seu sentido está dado: produzir mais e mais, explorar ao máximo os recursos e as pessoas, ou melhor, os recursos humanos (habilidades, competências, etc.). Só é possível observar o quão imbricada é a relação humana com o trabalho quando percebemos que a interdependente ligação da sociedade com as práticas laborais não são infundadas e aleatórias; elas advêm da reprodução incessante de determinados dizeres e se tornam centrais e constituintes do funcionamento da sociedade.

Dito isso, o objetivo geral desta pesquisa é fornecer subsídios para compreensão do modo como o trabalho produz significações e afeta processos de subjetivação na sociedade neoliberal contemporânea, sem perder de vista a centralidade do trabalho na modulação das relações sociais. Para tanto, delimitamos

os seguintes objetivos específicos, com base em recortes discursivos que circulam sobre trabalho e desemprego em nossa sociedade:

- a. Analisar discursivamente como o trabalho constitui e organiza as práticas sociais ao longo da história;
- b. Analisar como o trabalho é significado pelo Estado, pelas Instituições e pelo sujeito trabalhador;
- c. Compreender como se constitui as discursividades do/sobre o trabalho no neoliberalismo e seus efeitos no processo de constituição do sujeito trabalhador e nas relações de trabalho.

Para nós, interessa olhar discursivamente para algumas sequências discursivas que circulam nas redes sociais, de modo a analisar a maneira que o Estado e as Instituições tentam administrar os sentidos de trabalho. A partir de recortes das escutas discursivas realizadas com sujeitos trabalhadores desempregados, buscamos a compreensão de como a ideologia capitalista neoliberal interpela o indivíduo em sujeito trabalhador, deslocando-o de sujeito produtor para sujeito-produto, à medida que consome e é consumido sistematicamente. Interessa-nos, ainda, desnaturalizar algumas práticas laborais, observando a produção do sofrimento e as possíveis formas de resistência do sujeito trabalhador. Da mesma maneira que não existe o 'fora' das condições de produção, o assujeitamento "perfeito" também é impossível. Não há ritual sem falhas, também não há dominação sem resistência.

Compreendemos o discurso "*sobre*" e o discurso "*do*" trabalho, conceito que se mostrou extremamente relevante para o desenvolvimento deste estudo, a partir das proposições de Mariani (1998):

Os discursos *sobre* são os discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os discursos *sobre* são discursos intermediários, pois ao falarem *sobre* um discurso *de* ('discurso-origem'), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De modo geral, representam lugares de autoridade, em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que o falar *sobre* transita na correlação entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor (MARIANI, 1998, p. 60).

Para endereçarmos os objetivos deste estudo, foram feitos recortes discursivos e análises de dizeres da internet, de dados estatísticos, de expressões populares sobre o trabalho, bem como a análise de respostas fornecidas por pessoas que estavam desempregadas quando as entrevistas discursivas foram realizadas. As entrevistas foram empreendidas de maneira individual, presencialmente, e se pautaram em um roteiro inicial, que não tinha o objetivo de limitar ou induzir as respostas dos entrevistados, mas de mobilizar suas falas acerca da temática deste estudo. O roteiro exploratório, que amparou a escuta discursiva que constituiu a coleta do material de pesquisa, está disponível no anexo 1.

Deste modo, esta dissertação constitui-se de dois capítulos e suas subdivisões que não findam as possibilidades de exploração da temática, e nem é esta a pretensão, mas que buscam refletir sobre processos de significação “do” e “sobre” o trabalho ao longo da história, lançando um olhar para o funcionamento discursivo na forma sujeito histórica neoliberal e ampliando a leitura por uma ótica discursiva. Para tanto, os temas foram organizados em subitens ou subcapítulos, de modo a estabelecer um diálogo teórico-analítico entre os recortes discursivos que compõem este estudo.

O capítulo primeiro apresenta uma breve retrospectiva acerca do discurso sobre o trabalho na história da humanidade e o seu processo de significação dos/nos sujeitos e da/na sociedade, com base nas obras de Harari (2017), Han (2017), Bauman (2001), Bechara (2015), Antunes (2018) e Orlandi (2015, 2016). Com o objetivo de ilustrar e discutir algumas transformações sobre o ato de trabalhar e alguns sentidos que são produzidos a partir desta prática, foram utilizados, como objeto de análise, recortes discursivos que circulam na internet sobre o trabalho. O capítulo também traz ponderações voltadas às atuais condições de produção e a relação do trabalho com o sofrimento físico e psíquico, se apoiando nas obras de Dejours (2004, 2007, 2015) e Foucault (2009).

No capítulo segundo, a reflexão se volta para o discurso do/sobre o trabalho no neoliberalismo. Em vista das atuais condições de produção, a escrita se pauta em leituras como as de Dardot e Laval (2016), Dejours (2004, 2007, 2015), Mbembe

(2019), Pêcheux ([1975] 1995, [1979] 2001), Orlandi (2015, 2016), Nogueira (2015), Baldini (2012), Payer (2004), Gadet e Hak (2014), Graeber (2018), Santana e Costa (2014), entre outros, para delinear a constituição, formulação e circulação de novos sentidos, que afetam as relações sociais baseadas tanto no trabalho quanto no consumo. O capítulo e suas subdivisões navegarão por discursos de precarização do trabalho, envelopados sob o dizer de autoempendedorismo, que incita fenômenos como a redução de direitos trabalhistas e a necropolítica, e discursos que, transpassados pela memória discursiva e pelo funcionamento ideológico, dão forças aos sentidos do “ter para ser”, do sujeito produto(r), da competitividade, da liberalidade econômica, da comercialização do etéreo, das novas gerações e do sucesso.

Ressaltamos a relevância e atualidade do tema deste estudo, pois o trabalho é uno e múltiplo, é antigo e novo, é sobrevivência e morte, liberdade e prisão, acesso e exclusão; é discurso, gesto, ideologia, memória e história, postos em funcionamento. Sua importância permanece em nossa sociedade, de outras maneiras, ganhando formas distintas, significando os sujeitos e tornando inadmissível a existência do sujeito que não trabalha, classificado como “vagabundo”. É preciso produzir! Desta forma, gostaríamos de mobilizar, nesta pesquisa, boas reflexões, para que a mesma inquietação que um dia nos motivou, possa fazer-se presente na mente daqueles que têm interesse pela temática e pelo funcionamento das relações de trabalho na sociedade neoliberal. “Trabalho” é um tema que não morre, mas produz sentidos de sofrimento e a morte através dos séculos.

Se hoje a principal fonte de injustiça e de sofrimento na sociedade francesa é o desemprego, o grande palco do sofrimento certamente é o trabalho, tanto para os que dele se acham excluídos, quanto para os que nele permanecem (DEJOURS, 2007, p.37).

# CAPÍTULO 1 – O DISCURSO SOBRE O TRABALHO

## 1.1 Significações do trabalho ao longo da história

Escravos, obedecem a seus senhores terrenos com respeito e temor, com sinceridade de coração, como a Cristo. Obedeçam-lhes, não apenas para agradá-los quando eles os observam, mas como escravos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus. Sirvam aos seus senhores de boa vontade, como servindo ao Senhor, e não aos homens, porque vocês sabem que o Senhor recompensará cada um pelo bem que praticar, seja escravo, seja livre (Bíblia Sagrada, Efésios 6:5-8, Nova Versão Internacional, 1993).

Assim como é inconcebível imaginar a humanidade sem a língua, o progresso das sociedades parece sempre estar atrelado ao labor. Marx (*apud* TONET; NASCIMENTO, 2019) consagrou em seus estudos o trabalho como base fundante do ser social e do nosso agrupamento em grandes bandos, a fim de permitir a conservação da espécie. De modo a corroborar essa afirmativa, nos valem dos estudos de Yuval Noah Harari (2017), que traz em seu livro “Sapiens: uma breve história da humanidade” a positivista cronologia dos acontecimentos sobre a evolução do homem, de modo a iniciarmos a compreensão de como o discurso do/sobre o trabalho permeou a relação humana, no decorrer da história.

Desde os primórdios, o homem se vale do próprio trabalho como forma de sobrevivência, caçando, criando ferramentas, estocando sua própria comida e provendo às suas crias a segurança necessária para o crescimento e reprodução. Um trabalho não institucionalizado pelo estado e que possuía características distintas das atuais configurações, mas que utilizava das tecnologias criadas pelo homem como forma de permanência e subsistência da espécie. O trabalho ancestral era símbolo de avanços civilizatórios que permitiu, com o passar das eras, que a primeira faísca de fogo fosse acesa, redefinindo toda a existência humana e suas práticas alimentares. Desse modo, a utilização de técnicas com vistas a facilitar a convivência do ser humano em comunidade foi transformando e mobilizando a criação de diferentes artifícios e aparatos para permitir e desenvolver os agrupamentos de pessoas, tal como a invenção da roda, que é um dos mecanismos mais utilizados na modernidade para a locomoção e geração de energia, e da

agricultura, que expandiu rapidamente a produção de alimentos em massa e a domesticação de animais.

A Revolução Agrícola é um dos acontecimentos mais controversos da história. [...] Esse foi o ponto decisivo, afirmam, em que os *sapiens* abandonaram sua íntima simbiose com a natureza e correram rumo à ganância e alienação. Qualquer que fosse a direção dessa estrada, não havia retorno. A agricultura permitiu que as populações aumentassem de maneira tão rápida e radical que nenhuma sociedade agrícola complexa poderia se sustentar novamente se voltasse a se dedicar à caça e à coleta (HARARI, 2017, p.107).

Com as transformações das práticas culturais estabelecidas, que vão desde a invenção da moeda até a troca por mercadorias e pessoas, o avanço da língua e da própria intelectualidade do *homo-sapiens*, estabelece-se, 5.000 anos antes de cristo, predominantemente o regime escravocrata, que nada mais é que relações de força perante a organização social e dominação de *uns* sobre *outros*, em que imperadores e reis usufruíam da capacidade física de seus considerados “inferiores” sem recompensar-lhes, sem dar-lhes espaço para manifestação, sob pena de severas punições. Uma forma de trabalho não remunerada. Dentro destes moldes, a grande massa populacional escrava tinha sua existência preservada apenas para a construção, manutenção e expansão de impérios e grandes monumentos. A Esfinge e as Pirâmides do Antigo Egito, por exemplo, são arquétipos deste *modus operandi* e, até hoje, estampam o título de monumentos históricos da humanidade, tamanha suas dimensões e resistência ao tempo. É interessante também observar que o que perdura é a grandiosidade da obra e não o número de escravos e de sofrimento que ela gerou.

Séculos depois, com o estabelecimento do Cristianismo, a escravidão perpetua-se numa relação intermediada pela divindade, em que a servidão se qualifica no discurso sagrado, como se fora merecimento; vinha da vontade do todo poderoso a condição e posição de senhor ou de servo, sendo este último devedor de obediência e lealdade àquele estabelecido como superior. A busca por produzir, fazer, desempenhar é inerente ao homem, uma vez que até o próprio Deus, superior a tudo e todos, trabalhou por seis dias, fez os céus, a terra e as criaturas que nela habita e no sétimo dia descansou “[...] de todo o trabalho que havia realizado. Então

abençoou Deus o sétimo dia e o santificou, porquanto nele descansou depois de toda a obra que empreendera na criação” (Gênesis, 2:2-3, Antigo Testamento)<sup>5</sup>, o que nos remete aos moldes que o ocidente reproduz em suas jornadas de trabalho até a atualidade. As relações laborais passavam, então, pelo misticismo, pelo céu e inferno, pelo pecado, pelo ser temente e desviado, segundo os dizeres do livro sagrado, mas ao final de uma vida de cansaço e sofrimento, tudo valeria à pena, pois alcançar-se-ia o descanso eterno no reino dos céus. Deitar-se-ia em campos verdejantes e em ócio permaneceria, sem sofrimento, sem dores, sem tristezas e, ao que tudo indica, sem trabalho e sem remorso por não estar trabalhando. A religião se manifestava em uma relação de força e dominação imposta pelo medo e pela culpa, que tinha como objetivos prioritários a afirmação da supremacia do senhor sobre o escravo e a produção e acúmulo de riquezas.

Se na idade média as relações laborais eram interpostas ideologicamente pela religião e quem trabalhava eram os impuros subalternos, no século XVII, com a ascensão do capitalismo e de grandes mudanças culturais, sociais e políticas, aconteceu, na Revolução Industrial, a transição (ou substituição) do domínio dessas relações laborais para os poderes do Estado e do Mercado que, por meio do discurso democrático, do capital e crédito, da mecanização, dos impostos, taxas, juros e dos direitos aos trabalhadores começaram a prescrever o formato que hoje reconhecemos por trabalho.

O capitalismo distingue o ‘capital’ da mera ‘riqueza’. O capital consiste de dinheiro, bens e recursos que são investidos na produção. A riqueza, por outro lado, é enterrada debaixo do solo ou desperdiçada em atividades improdutivas. Um Faraó que destina recursos a uma pirâmide improdutiva não é capitalista. [...] Mas um operário diligente que reinveste parte de sua renda na bolsa de valores, sim (HARARI, 2017, p.323).

Com o capitalismo ganhando mais espaço e uma nova forma sujeito histórica se delineando e ganhando robustez, é preciso produzir. Com a migração dos camponeses para as grandes cidades e centros urbanos, é preciso produzir mais. Com a população crescendo, tendo mais acesso aos bens e sendo estimulada a criar novas necessidades de consumo, é preciso produzir muito mais. Acontece, então, o desencadeamento da produção em massa, com processos mecanizados e

---

<sup>5</sup> Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI Copyright 1993, 2000, 2011 por Bíblica, Inc.

industrializados, que permitiam uma confecção idêntica, repetível e escalável de inúmeros produtos e bens de consumo. A necessidade de reter os trabalhadores e formar uma mão de obra qualificada para fazer as engrenagens girarem vai se tornando clara: é preciso treinar o povo para operar as máquinas e estreitar a relação, para que as pessoas queiram permanecer e permaneçam vivas em ambientes toxicamente insalubres. O Estado e o ambiente fabril industrial estreitam suas articulações políticas, para que, dizendo de forma bem simplista, todo o processo passasse a funcionar de maneira mais ordenada, sincronizada, gerando riqueza e desenvolvimento aos grandes centros. Eis que surgem também, neste movimento, os primeiros textos de regulamentações trabalhistas e a concepção de empresas e emprego, já que para o sistema capitalista funcionar são necessárias pessoas trabalhando, produzindo, investindo e consumindo.

Adam Smith, economista clássico, faz as primeiras referências ao mercado de trabalho no final do século XVIII. Nesta perspectiva, o funcionamento do mercado de trabalho é idêntico aos demais mercados, podendo ser ali verificados comportamentos econômicos de firmas e indivíduos que buscam maximizar seu bem-estar e onde as funções da oferta e demanda de emprego dependem do nível de salário (OLIVEIRA; PICCININI, 2011, online).

Nestas condições de produção, que compreendem as circunstâncias de enunciação, o aqui e o agora do dizer e também o contexto sócio-histórico e ideológico (ORLANDI, 2015, p.17), relações de força outras começam a se estabelecer na sociedade, sendo uma delas a relação entre trabalhadores e empresas. As relações de força se agigantam no processo de interpelação do indivíduo em sujeito, sujeito trabalhador, neste caso, e também pelas marcas materializadas no discurso devido ao lugar social do qual é falado: a força desta locução e do que este lugar/instituição representa (*ibidem*). Esta dinâmica humana mais sistematizada, de vender sua força de trabalho e receber algo em troca de maneira legítima e amparada pelas leis (Estado) é, não o início, mas um importante corte sociológico na maneira como o exercício laboral se organiza e é também a raiz das diretrizes e condutas de trabalho adotadas hoje no ocidente e em diversas partes do mundo.

O objetivo desta sintética recapitulação histórica é lançar um olhar sobre as práticas laborais sem perder de vista a relação da língua com a história, que nos permite observar como o trabalho é significado por diferentes discursividades (religiosa, jurídica, capitalista-neoliberal etc.) e as consequências sociais e subjetivas produzidas a partir dessas discursividades, que vão sendo moldadas e sobrepostas, sob determinadas condições sócio-históricas, sendo, pois, impossível “pensar os sentidos [do trabalho] e os sujeitos [trabalhador] sem pensar a ideologia. Do mesmo modo não podemos pensar a ideologia, em termos discursivos, sem pensar a linguagem” (ORLANDI, 2015, p.20 *apud* Pêcheux, 1975). É na materialidade histórica que se originam as práticas discursivas e os sentidos de trabalho na modernidade, entrelaçando relações institucionalizadas e constituintes da formação do sujeito trabalhador, do sujeito de direitos e deveres, do sujeito econômico e do sujeito consumidor.

## 1.2 Sentidos da palavra trabalho

Até se procura mostrar que as palavras se originam da justaposição de elementos mais simples a cuja essência o investigador pode chegar pela análise da sua estrutura fônica e pela comparação com outras palavras com igual ou aproximado aspecto sonoro. Serviram de apoio as tais ilações de que Platão não se mostra convicto – as onomatopeias, argumento que muitos séculos depois, na linguística de nossos dias, vem aflorar como contraprova a arbitrariedade do signo linguístico. Por esse princípio da etimologia, supunham os antigos que as coisas desagradáveis eram expressas por palavras cujas raízes tinham desagradável sonoridade, enquanto as agradáveis eram expressas por elementos de sonoridade agradável (BECHARA, 2015, p.171).

As formas e os sentidos do trabalho passaram por mudanças significativas, muito em razão da revolução tecnológica, da ampliação do saber humano e das ciências, e pela própria necessidade da coletividade de se adaptar às novas formas de ofertar produtos, serviços e “nutrir” o capital. O trabalho como algo essencial para se obter o progresso é um discurso que já se fez memória no imaginário social. O uso da palavra trabalho (*labour*), no sentido de esforço físico, foi registrado pela primeira vez em 1776, segundo o dicionário Oxford. Décadas mais tarde, a palavra veio a significar, além de esforço físico em prol de atender as necessidades materiais da comunidade, a própria autoconstituição de classe dos operários e a

política que permeia estas relações, três eixos constitutivos do trabalho, aos quais Bauman (2001) nomeia de “trindade do trabalho”.

[...] ‘trindade do trabalho’: a proximidade (de fato, a convergência semântica ligada à identidade de destino) entre a significação atribuída ao trabalho (essa labuta ‘física e mental’), a autoconstituição dos que trabalham numa classe e a política fundada nessa autoconstituição – em outras palavras, a ligação entre definir a labuta física como a principal fonte de riqueza e bem-estar da sociedade, e a autoafirmação do movimento trabalhista (BAUMAN, 2001, p.176).

Ao adentrarmos a espessura histórica do vocábulo trabalho podemos observar sua constituição polissêmica e o modo como os sentidos foram se constituindo e se deslocando. A origem etimológica<sup>6</sup> desta palavra provém do latim *tripalium*, termo formado pela conexão dos elementos *tri*, cujo significado é “três”, e *palum*, “madeira”: uma ferramenta de tortura formada por três estacas afiadas de madeira, muito comum na Europa antiga, utilizada para flagelar os escravos e aqueles que não conseguiam pagar os impostos. Ironicamente, naquele tempo, as pessoas que não tinham posses eram as que trabalhavam e tinham a obrigação de produzir, ou seja, o trabalho árduo era realizado pelos desafortunados e socioeconomicamente desfavorecidos.

Atualmente, o discurso em circulação sobre o trabalho ganhou uma roupagem meritocrática, ao preconizar que aqueles que não têm posses, bens materiais e condições financeiras favoráveis não se esforçaram o suficiente; não trabalharam duro o bastante e são, portanto, preguiçosas, relapsas, desinteressadas e não merecem a recompensa de ter acesso a oportunidades e bens de consumo que só os “verdadeiros” trabalhadores conseguem obter. Esses dizeres foram sendo construídos por meio de práticas sociais, culturais, políticas e econômicas e, principalmente, pela tônica do capitalismo e da necessidade de ampliação da produção.

Com base no latim, o termo *tripalium* deslizou para *travailler*, em língua francesa, que também remete, inicialmente, a definição de “sentir dor” ou “sofrer” e, com o passar das décadas, a palavra foi sendo empregada para se referir a “uma

---

<sup>6</sup> Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras©, 2008 – 2019. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br>>. Acesso em: 08/08/2019.

atividade exaustiva ou atividade difícil, dura”. Foi somente no século XIV que a palavra trabalho e suas três poderosas sílabas começaram a ter o sentido que lhe é atribuído nos dias de hoje, que se relaciona à “aplicação das forças e faculdades (talentos, habilidades) humanas para determinado fim. A palavra trabalho carrega, em si, um efeito polissêmico e muitas significações. Como exemplo, podemos mencionar o dicionário online Michaelis<sup>7</sup>, que apresenta 23 definições distintas para o verbete trabalho, incluindo definições teóricas e não consensuais advindas de diferentes campos do saber: da Sociologia, Antropologia, História, Psicologia, etc.

Ao dicionarizar o verbete, há a tentativa de estabilização, de contenção dos sentidos que atravessam a palavra trabalho, mas que sempre falha, tendo em vista que o sentido sempre pode vir a ser outro no acontecimento de sua enunciação. As classificações tentam dar conta do seu efeito polissêmico e, sob o efeito de transparência da linguagem, abarcar suas possíveis significações; no entanto, os sentidos são sempre moventes e se deslocam graças aos gestos de interpretação e à relação da língua com a história. Nunes e Seligman (2003) partem dos postulados de Orlandi (1999) para discorrer sobre o funcionamento da linguagem e dos processos de significação:

Sabe-se que, ao pensarmos discursivamente a linguagem, é difícil traçar limites estritos entre o mesmo e o diferente, a tal ponto que se leva a considerar que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, retornando aos mesmos espaços do dizer - estando do lado da estabilização. Na polissemia, o que se tem é o deslocamento, a ruptura de processos de significação, jogando com o equívoco (NUNES; SELIGMAN, 2003, p.39).

Passemos às acepções de trabalho que foram dicionarizadas, para ancorarmos nossas discussões.

---

<sup>7</sup> Dicionário Michaelis©. Editora Melhoramentos Ltda., 2019. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 10/08/2019.

**Figura 1- Significados da palavra trabalho no dicionário.**

**trabalho**

tra·ba·lho

sm

- 1 Conjunto de atividades produtivas ou intelectuais exercidas pelo homem para gerar uma utilidade e alcançar determinado fim: *Ele sempre se dedicou ao trabalho acadêmico.*
- 2 Atividade profissional, regular, remunerada ou assalariada, objeto de um contrato trabalhista: *Conseguiu seu primeiro trabalho quando tinha 18 anos.*
- 3 O exercício dessa atividade: *O trabalho de um professor é muito mal remunerado.*
- 4 Local onde se exerce essa atividade: *Saiu para o trabalho muito cedo.*
- 5 Qualquer obra (manual, artística, intelectual) realizada; empreendimento, realização: *Seu trabalho à frente do coral é fantástico.*
- 6 A feitura ou execução de uma obra; labor: *O trabalho que ele executa na pedra-sabão é bellissimo.*
- 7 Ação ou maneira de executar uma tarefa, de utilizar um instrumento: *Seu trabalho com nanquim é perfeito.*
- 8 Tarefa a ser cumprida; serviço: *"A Bruxa, indiferente, não interrompera sequer o seu trabalho; ao passo que a das Dores, de mãos nas cadeiras [...], um cigarro no canto da boca, encarava desdenhosa a sanha daquele marido [...]" (AA1).*
- 9 Esmero ou cuidado empregado na feitura de uma obra ou de um serviço: *Teve muito trabalho para entregar a reforma da casa com um alto padrão de qualidade.*
- 10 Qualquer tarefa que é ou se tornou uma obrigação ou responsabilidade de alguém; dever, encargo: *Meu trabalho passou a ser a coordenação das tarefas dos monitores que participariam do congresso.*
- 11 Tarefa escolar com prazo de entrega predeterminado, feita individualmente ou um grupo, geralmente fora do estabelecimento de ensino, envolvendo pesquisa e maior reflexão: *Ainda não consegui terminar o trabalho de história.*
- 12 Conjunto de exercícios objetivando desenvolvimento e aprimoramento físico, artístico, intelectual etc.: *O preparador físico já definiu o trabalho que fará com os jogadores.*
- 13 Esforço incomum; faina, lida, luta: *"Achava que estava ficando velho, só lhe nasciam filhas com todas as mulheres, a vida se tornava cada vez mais difícil e então queria passar uns dias descansando, sem o trabalho pesado da caça" (JU).*
- 14 Ação exercida por elemento natural de forma progressiva e contínua e o efeito dessa ação sobre o meio.
- 15 Resultado útil da ação e do funcionamento de um aparelho, de um maquinismo etc.: *O trabalho do trator é indispensável para a movimentação de terra e cascalhos na construção de estradas.*
- 16 **BIOL** Conjunto de fenômenos que ocorrem em determinada matéria, produzindo alteração de sua natureza e forma.
- 17 Movimento produzido nos materiais industriais.
- 18 **ECON**, **POLIT** Atividade humana caracterizada como fator principal da produção de bens ou serviços.
- 19 **FILOS** No marxismo, atividade de transformação do trabalhador que, além de tirar da natureza os bens necessários para sua subsistência, usa sua força produtiva para criar uma nova ordem social, política e econômica com a emancipação do proletariado e a socialização dos meios de produção.
- 20 **FIS** Grandeza escalar obtida do produto dos vetores força e deslocamento do seu ponto de aplicação, cuja unidade de medida no SI é o joule; é uma forma de transferir energia.
- 21 **REL** Em cultos afro-brasileiros, principalmente na umbanda e na quimbanda, rituais realizados para alcançar objetivos de proteção e auxílio ou de malefícios e prejuízo a alguém: *Pediu a sua mãe de santo que fizesse um trabalho para ele conseguir um emprego.*
- 22 **PEJ** Execução de um delito: *O trabalho do intermediário do bicheiro era negociar o valor da aprovação das licitações superfaturadas.*
- 23 **COLOQ** Qualquer roubo ou assalto: *Aqui estão as joias, chefe. O trabalho foi executado com sucesso.*

Fonte: Dicionário Michaelis, 2019 (ver nota 7).

No dicionário, “trabalho” está para os efeitos da física, assim como está para ritos religiosos; está para a biologia assim como está para a filosofia; está para a arte, para o esforço, para o saber-fazer e realizar uma tarefa assim como está para o roubo, o assalto, a bandidagem. Sentidos que, sob diferentes condições de produção, se deslocam de práticas desejáveis socialmente para comportamentos repugnados e inaceitáveis.

No atual Mercado, o termo *emprego* sofreu um efeito metafórico e deslizou, passando a fazer parte das práticas discursivas sobre o trabalho. A noção de deslize e efeito metafórico situa a questão do funcionamento na relação do discurso com a língua em sua espessura histórica.

Michel Pêcheux (1969) vai chamar de efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que esses deslizamentos de sentido entre x e y é constitutivo do sentido designado por x e por y. Como esse efeito é característico das línguas naturais, por oposição aos códigos e às línguas artificiais, podemos considerar que não há sentido sem essa possibilidade de deslize e, pois, sem interpretação. O que nos leva a colocar a interpretação como constitutiva da própria língua (natural) (ORLANDI, 2015, p.31).

Este deslizamento pode ser percebido etimologicamente<sup>8</sup>, pois a palavra “*emprego*” vem do latim “*implicare*”, que significa “*juntar*”, “*unir*” ou “*entrelaçar*”, termo formado a partir do prefixo “*in*” e a palavra “*plicare*”, que respectivamente remetem à “*em*” e “*enrolar ou dobrar*” (como uma folha de papel). Diante disso, “*implicare*” definia-se pelo ato de envolver alguém em determinada situação ou ato e foi se modificando para a atual grafia da língua portuguesa, passando antes por “*enplegar*”, “*enpregar*”, “*enpregare*”, por fim, “*empregar*”.

Conceder emprego ou empregar alguém também significa manter alguma relação de envolvimento fixo, contínuo ou periódico, baseado em um ponto de interesse em comum: o trabalho e seu produto ou produção. Observa-se que a paráfrase e a polissemia são eixos que constituem os sentidos das palavras “*emprego*” e “*trabalho*”, produzindo, na atualidade, um efeito de sinonímia ou de quase indistinção entre esses termos. Sobre as noções de paráfrase e de polissemia

---

<sup>8</sup> Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras©, 2008 – 2019. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br>>. Acesso em: 08/08/2019.

que constituem os processos discursivos e de significação, Nogueira (2015), retomando os estudos de Orlandi, afirma que:

A paráfrase e a polissemia são dois eixos que constituem o funcionamento da linguagem e o movimento permanente da produção da significação por meio da repetição e da diferença e é aí que podemos tratar da dispersão e da incompletude, pensando a relação de sentidos (NOGUEIRA, 2015, p.42).

Nesse prisma, se retomarmos os significados de “*trabalho*” como uma forma de tortura (*tripalium*) e sofrimento (*travailler*), não atrelados somente à ação de açoitar outrem, mas também às extenuantes atividades físicas realizadas pelos trabalhadores, podemos afirmar que, salvo as devidas proporções, esses sentidos ainda se fazem presente na atual forma sujeito histórica neoliberal e seu modo de se relacionar com o trabalho. Na sequência, abordaremos alguns dizeres que circulam em nossa sociedade sobre o trabalho, de modo a vislumbrarmos alguns efeitos das práticas laborais na contemporaneidade que incidem na sociedade e nos processos de subjetivação.

### 1.3. “Ossos” ou “ócios” do ofício?

Em sua materialidade linguística, a palavra trabalho estabelece uma relação com o suplício, calvário, dissabor e esses sentidos se repetem e se deslocam nas práticas discursivas cotidianas, inclusive através dos ditados populares. Estes ditados, geralmente constituídos de pequenas frases, carregam um dizer sucinto sobre algo, sem uma origem ou autoria definida, ganham circulação no meio social pela forma simples, objetiva e associativa que se apresentam, tocando a realidade dos sujeitos e fazendo com que se identifiquem com estas práticas discursivas. Os ditados populares fixam-se pela conexão com a vivência e repetição de seus dizeres ao longo dos tempos, por vezes de maneira jocosa, irônica, cômica, jogando com as palavras, ou mesmo determinados pelo meio cultural que exprime parte de um saber coletivo. Sobre a natureza dos provérbios<sup>9</sup>, Lyssandro-Dias (2001) afirma que,

---

<sup>9</sup> Definições pautadas na tese de doutorado da pesquisadora Dylia-Lysardo Dias, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Linguísticos da UFMG, com o intuito, exclusivo, de fazer uma breve contextualização do conceito acadêmico de “ditados populares” alinhado a uma perspectiva discursiva.

[...] Os provérbios têm dualidades, ou seja, apesar de já estarem cristalizados, são flexíveis e se adaptam a temas atuais. São um elemento familiar e, ao mesmo tempo, trazem novidade e estranhamento porque rompem com o fio do discurso (LYSANDRO-DIAS, 2001, online).

Ao percorrermos alguns ditados relacionados ao trabalho, deparamo-nos com frases utilizadas recorrentemente, que reforçam e naturalizam a dificultosa, penosa e dura vinculação do homem com o labor, tais como: “Deus ajuda quem cedo madruga”, “o preguiçoso trabalha dobrado”, “amigos, amigos, negócios à parte”, “em casa de ferreiro o espeto é de pau” e “filho criado trabalho dobrado” e etc.

Este preâmbulo é elucidativo e fez-se necessário apenas para demarcar o que estamos entendendo por ditado popular, não com a intenção de adentrar seus outros possíveis conceitos teóricos, estruturais, origem ou história, mas sim de lançar luz sobre como a produção de sentidos atrelados ao trabalho, ao longo dos séculos reforçam e reafirmam, por meio do discurso, o imaginário do padecimento e da sufrença do sujeito trabalhador.

Por conseguinte, e diante de incontáveis dizeres que se fazem presentes até hoje, gostaríamos de dissertar e chamar a atenção para um em específico: a expressão “**ossos do ofício**”, que parece brincar com a língua, valendo-se da polissemia para produzir significação. Uma das mais populares definições do verbete “ofício”<sup>10</sup> está atrelada à realização de algum esforço para o qual alguém é capacitado, especializado e apto a fazer. A palavra “ossos”, além de sua definição científica relacionada à anatomia, como parte rígida e estruturante da composição do corpo humano e animal, ganha sentidos outros, produzindo um efeito sinonímico de dificuldade, empecilho ou obstáculo, “a parte mais difícil de roer” ou “osso duro de roer”, como se diz popularmente.

Logo, “ossos do ofício” costuma ser empregado para expressar e descrever ocasiões, situações ou acontecimentos em que um profissional precisa executar atos

---

LYSANDRO-DIAS, Dylia. Provérbios que são notícia: uma análise discursiva. Boletim UFMG, Belo Horizonte, ano 27, n. 1316, 4ª página, online, 2001. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1316/quarta.shtml>>. Acesso em: 30/08/2019.

<sup>10</sup> Dicionário Michaelis©. Editora Melhoramentos Ltda., 2019. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 31/08/2019.

ou tarefas pelos quais não tem apreço. É possível observar o jogo discursivo acontecendo nesta expressão: há uma fal(h)a na língua que cria dubiedade, estabelecendo, assim, um vínculo entre o ofício e o sacrifício. Este funcionamento só ganha significação porque está atrelado à história, ao funcionamento da ideologia e da memória discursiva, que interpela o sujeito em trabalhador. São sentidos produzidos historicamente, que conferem a este dizer um efeito polissêmico, “um deslocamento, ruptura de processos de significação. [...] joga com o equívoco” (ORLANDI, 2015, p.34).

Ao longo de nossa pesquisa, nos deparamos com variações desta mesma expressão e conjecturas sobre o seu possível surgimento que se mostraram significativas sob o ponto de vista discursivo. Encontramos, no Dicionário inFormal<sup>11</sup>, a variação do referido ditado para “ócios do ofício”, que, independentemente da época de seu surgimento, é produto de um deslize, da movimentação da própria língua e de sua formulação. Ao defrontarmos as duas versões, o efeito metafórico é percebido: um deslocamento da palavra “ócios” para “ossos” (ou de “ossos” para “ócios”), preservando elementos fonéticos que produzem homofonia, alterando sutilmente a estrutura gramatical e impactando radicalmente a produção de sentidos, uma vez que eles “poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras” (ORLANDI, 2015, p.50). Ao estabelecer a relação de “ócios” e “ossos” a contradição aparece; há um furo, uma fuga dos sentidos, já que “ócio” está associado ao tempo livre, descanso, um momento prazeroso, enquanto o sentido produzido pela palavra “osso” nos remete à fadiga, cansaço. Para além de sua estrutura morfológica, observamos que *ossos* e *ócios* funcionam e significam como antítese, pois, ao mesmo tempo em que causam um mecanismo de antecipação dos sentidos, conduzem os interlocutores a gestos de interpretação distintos. Orlandi (2015, p.37), retomando os estudos de Pêcheux, conceitua o mecanismo de antecipação como a capacidade que todo sujeito tem de se colocar no lugar em que o seu interlocutor

---

<sup>11</sup> Dicionário inFormal®, 2006-2019. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 31/08/2019.

“ouve” suas palavras. Antecipando-se, assim, a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem.

Como um último gesto de leitura, gostaríamos de trazer para a reflexão elementos encontrados no dicionário eletrônico Significados BR<sup>12</sup>, que busca uma possível origem deste ditado popular. De acordo com este dicionário, a expressão emerge do processo produtivo de branqueamento da folha de papel com tutano, papel este com medidas e gramaturas específicas, conhecido também como ofício. O pó de tutano é uma substância encontrada no interior dos ossos e, decênios atrás, era utilizado como alvejante, responsável por dar o aspecto alvo às folhas de papel. Como este processo de clareamento era extremamente trabalhoso, lento e possuía uma simbologia negativa, ancorou-se o termo “ossos do ofício” às atividades que exigissem esforço ou grande dificuldade em sua execução. É uma origem instigante, mas o surpreendente é que, mesmo em diferentes condições de produção e com distintos sentidos atribuídos às materialidades “ofício” e “ossos”, a expressão ganha significação não por conta da folha ou do tutano, mas por causa do dificultoso trabalho vivenciado durante o processo de branqueamento da folha, pela experiência em si de empreender um grande esforço para executar uma tarefa ou atividade. Historicizando este dito popular, são notórios os deslizamentos e efeitos de sentido produzidos por ele, graças ao funcionamento da ideologia, do interdiscurso e da memória discursiva; fenômenos que são da instância do inconsciente e se dão pelo esquecimento (ORLANDI, 2015).

#### **1.4. Sentidos sobre o trabalho em dizeres socialmente compartilhados**

Trouxemos, anteriormente, a noção de deslize e efeito metafórico, pois “o modo de conceber o deslize, o efeito metafórico como constitutivo do funcionamento discursivo, liga-se ao modo de conceber a ideologia, discursivamente [...] e isso nos aponta para o discurso duplo e uno” (ORLANDI, 2015, p.20 *apud* PÊCHEUX, 1975). Essa noção nos permite entrever o jogo discursivo em funcionamento no mercado de trabalho e nas significações que o trabalho produz na atualidade. Apesar de os

---

<sup>12</sup> Significados BR: o que significa (significados), conceitos e definições ao seu alcance, 2019. Disponível em: < <https://www.significadosbr.com.br/ossos-do-oficio>>. Acesso em: 31/08/2019.

dados numéricos mostrarem, em várias pesquisas, que o sofrimento relacionado ao trabalho tem tomado proporções gigantescas, o discurso posto em circulação parece produzir efeitos de sentido totalmente avessos a essa lógica, incentivando que a população trabalhe cada vez mais e se esforce para ter oportunidades e atingir a felicidade pelo sucesso profissional que aparece vinculado à ascensão social. Discursos de autoempreendedorismo, motivação, superação, reconhecimento, autonomia, poder e tantos outros aparecem aos montes no mercado de trabalho mundial; frases formuladas por grandes nomes e de alto impacto social são massificadas e transpostas de um cenário a outro, sem a devida problematização, a fim de tornar o trabalho a melhor e a única saída para todos.

A famosa afirmação de Confúcio “Escolha um trabalho que ame e não terás que trabalhar um único dia em sua vida” e o provérbio japonês “Treine enquanto eles dormem, estude enquanto eles se divertem, persista enquanto eles descansam, e então, viva o que eles sonham” são sequências discursivas que exemplificam a nova roupagem que o trabalho ganhou na contemporaneidade, na qual não se questiona a importância de produzir. A recompensa do progresso e de uma vida melhor torna-se a mais importante das promessas supostamente alcançadas através do trabalho.

É interessante observar que a afirmação de Confúcio só significa porque evoca sentidos que relacionam o trabalho com algo que, necessariamente, não se ama, que traz sofrimento. Então, é preciso buscar o prazer de alguma forma nas práticas laborais. O pensador chinês projeta toda a responsabilidade da realização profissional no sujeito trabalhador, ao passo que, fazer o que se ama, o blindará das mazelas e o protegerá de todo o “mal” que podem ser ocasionados pelo labor. Em contrapartida, fazer aquilo que não se ama ressoa como a consequência vivida por uma escolha equivocada do próprio sujeito. Não pretendemos ser incrédulos diante das possibilidades de satisfação e autorrealização que o trabalho é capaz de proporcionar; no entanto, nos parece bastante questionável a conexão estabelecida entre trabalho e amor, apenas pela ótica passional e romantizada, segundo a qual felizes são aqueles que fazem o que lhes proporciona prazer. Trata-se de uma prescrição idealizada de felicidade, uma vez que poucos têm a possibilidade de escolher o trabalho que desejam e, mesmo aqueles que o escolhem, trabalham em

ambientes profissionais diversos, cercados de relações interpessoais, sociais, culturais e políticas conflituosas, que produzem algum tipo de mal-estar, mesmo diante daquilo que se tem apreço.

A sequência discursiva de Confúcio tende a produzir identificações, angariando adeptos para a força de trabalho, mas, ao sairmos de sua superficialidade ou do efeito de evidência do sentido, notamos se tratar de um dizer cujos sentidos podem ser outros, pois está sujeito à equivocidade da língua posta em funcionamento sob determinadas condições de produção do dizer. A fim de explorarmos alguns dos sentidos que derivam da afirmação inicial de Confúcio, trazemos, abaixo, algumas postagens retiradas da internet que atualizam os sentidos deste enunciado, ao se configurarem como paródias.

**Figura 2** –Discurso sobre trabalho que circula nas redes sociais: postagem de um usuário no Twitter.



Fonte: @startupdareal, Twitter, 2018<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> STARTUPDAREAL. Trabalhe com o que você ama e passe a odiar tudo o que um dia você gostou. Via Twitter: @startupdareal. Publicado em: 30/04/2018, 06:26. Disponível em: <https://twitter.com/startupdareal/status/990945391133720576>. Acesso em: 20/08/2019.

É possível observarmos as noções de intertextualidade e interdiscurso funcionando e produzindo novos sentidos na postagem anterior, fazendo com que os dizeres sobre o trabalho se redefinam e signifiquem, na relação da língua com a história. Para entender a paródia contida no *post* é necessário ter o conhecimento e resgatar, intertextualmente, os dizeres iniciais de Confúcio, de modo que ocorra a antecipação dos sentidos, bem como o deslize, que abre espaço para novos gestos de interpretação e de significação. É nesta relação que o intertexto e o interdiscurso parecem funcionar, ao evocarem o enunciado primeiro e produzirem sentidos outros, sob determinadas condições de produção.

Estamos considerando estes dizeres como uma atualização da célebre frase, pois a forma como o trabalho é significado atualmente se modificou em diversos aspectos. Confúcio<sup>14</sup> viveu na Idade Média oriental, cerca de 500 anos antes de Cristo, em uma época desprovida de tecnologias de plantio e com necessidade de fortalecimento da agricultura. Como mencionado anteriormente, as práticas trabalhistas ainda eram baseadas na servidão, que provia poucas opções aos explorados, senão trabalhar duro para seu sustento e de sua família. Naqueles tempos, alguns filósofos faziam parte da nobreza, pela sua intelectualidade e influência social, outros sofriam perseguição, dependendo do quão controversas suas ideias soavam para o Estado. Confúcio se destacava por seu brilhantismo, característica que lhe atribuiu o título do pai do Confucionismo, um código filosófico-político, com normas e comportamentos sociais baseados na ética e no humanismo, que beira a religião e é seguido fortemente por empresas ocidentais e orientais na atualidade que parecem desconhecer as condições em que o dizer de Confúcio foi produzido.

No que tange sua conhecida frase, quando Confúcio diz para fazer o que se ama, ao que, de fato, ele se referia? A quem era direcionado este dizer, tendo em vista que os servos deveriam continuar as atividades de sua família? Seria essa uma

---

<sup>14</sup> SGARIONI, Mariana. As lições do Mestre. Revista digital Superinteressante. Publicado em 21/12/2004, 22:00. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/as-licoes-do-mestre/>>. Acesso em: 25/09/2019.

prerrogativa para abreviar o sofrimento da força de trabalho explorada ou para alimentar as esperanças e aumentar a produtividade em corpos cansados?

Descrever as condições de produção do dizer primeiro de Confúcio se faz necessário, pois, desde os tempos do filósofo, as práticas discursivas sobre o trabalho passaram a produzir sentidos outros; os sujeitos também passaram a se inscrever e a se identificar com estas práticas laborais de formas distintas, atribuindo ao ato de trabalhar muito mais do que um ganha-pão, tornando-o, além de fonte de subsistência, um ponto de convergência com o consumo, com o *status* e com a base de sua constituição subjetiva.

O *animal laborans* pós-moderno não abandona sua individualidade ou seu ego para entregar-se pelo trabalho a um processo de vida anônimo da espécie. A sociedade laboral individualizou-se numa sociedade de desempenho e numa sociedade ativa. O *animal laborans* pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se. Ele pode ser tudo, menos ser passivo (HAN, 2017, p.43).

Mesmo que grandes empresas e lideranças tenham incorporado a frase de Confúcio para motivar seus empregados e seguidores, colocando o amor ao trabalho como resultado do sucesso e da produtividade, os efeitos de sentido que um dia sustentaram esse dizer se imbricaram à diferentes formações discursivas, produzindo outra significação para a relação do humano com o trabalho, não mais atrelada ao sofrimento, mas ao amor. Ao pressupor que a manifestação do prazer é trabalhar com o que se ama, coloca-se o trabalho como eixo central da vida do homem, um pilar constituinte de sua felicidade, realização e sucesso. Na postagem reproduzida previamente, ao evocar o dizer de Confúcio e produzir uma paródia a partir dele, assumindo a função autor, outro gesto de interpretação se produz pelo atravessamento do interdiscurso, pelas atuais condições de produção e pela filiação a determinadas formações discursivas.

Quando nos referimos ao autor como função, estamos nos ancorando na noção postulada por Orlandi (2015), como uma função da noção de sujeito, não um quadro restrito e privilegiado de produtores originais de linguagem, como Confúcio e tantos outros estudiosos. Nas palavras da referida autora,

Ao nosso ver, a função autor é tocado de modo particular pela história: o autor consegue formular, no interior do formulável, e se constituir, com seu enunciado, numa história de formulações. O que significa que, embora ele se constitua pela repetição, esta é parte da história e não mero exercício mnemônico. Ou seja, o autor, embora não instaure discursividade (como o autor original de Foucault) produz, no entanto, um lugar de interpretação no meio de outros (ORLANDI, 2015, p.27).

Quando o autor da postagem diz “trabalhe com o que ama e passe a odiar tudo o que um dia gostou”, cria um efeito contraditório que traz em sua textualidade uma série de práticas que estão se tornando naturalizadas sobre a atual forma de se trabalhar e de se relacionar com o trabalho. Uma dessas práticas é a repetição incessante da mesma função, a fim de se alcançar a perfeição, ou se aproximar dela, exigindo do empregado muito esforço e horas intermináveis dedicadas à mesma atividade, a fim de aprimorar determinada habilidade (motora ou intelectual).

Outra prática bastante propagada é a da produtividade, que está presente nos discursos corporativos e faz parte de qualquer organização, pública ou privada, na atualidade. Já não basta o trabalhador ser muito bom – ou próximo da perfeição – na tarefa que realiza, é preciso produzir cada vez mais, elevar os níveis de rendimento, ser proativo e gerar, como consequência, excelentes resultados, que vão aumentando, de tempos em tempos, obrigando-o a produzir ainda mais e a pensar em formas mais eficientes de realizar as mesmas atribuições, de preferência em tempo recorde. Junta-se a isso as pressões que o mercado impõe em termos de prazos, qualidade, redução de gastos, concorrência, postura profissional, controle emocional, cumprimento de metas para se obter o bônus e tantas outras. O amor que se tinha por realizar um trabalho acaba sendo abafado em meio a tantas exigências, produzindo ansiedade e desprazer.

Observa-se, ainda na postagem, a utilização dos antônimos *amor* e *ódio* como um jogo de linguagem que nos remete ao que Pêcheux (*et al.*, 2014, p.73) define como “campo semântico”, que é essa escolha das palavras que visa coerções semânticas entre os campos morfemáticos em uma área de significação dada, criando, neste caso, efeitos de interpretação opostos, em que o trabalho é capaz de transformar a afeição em aversão, por apontar para certas condições sócio-históricas que transformam o que era amor em ódio. Retomando o referido autor,

[...] pode-se dizer que a normalidade local que controla a produção de um tipo de discurso dado concerne não somente à natureza dos predicados que são atribuídos a um sujeito mas também às transformações que esses predicados sofrem no fio do discurso e que o conduzem a seu fim nos dois sentidos da palavra (PÉCHEUX *et al.*, 2014, p.73).

O enunciado “trabalhe com o que ama e passe a odiar tudo o que um dia gostou” apresenta a transformação de uma determinada atividade em trabalho como sendo a raiz do problema, colocando, no centro do dilema, não a função, atividade ou *hobby* desempenhados, ou mesmo o processo em si do saber-fazer, mas o desafeto com aquilo que se torna institucionalmente uma ocupação. Ao ser atravessado pela ideologia e evocar a memória do dizer, a postagem em questão nos permite vislumbrar que o amor se torna ódio, a partir do momento que algum ofício se qualifica socialmente como trabalho, significando numa relação de oposição e contradição com a afirmação inicial de Confúcio.

A identificação produzida por esta postagem pode ser percebida nos comentários que a seguiram, nos quais outros internautas corroboram a percepção do autor e reforçam seu posicionamento, afirmando: “parei de fotografar, não consigo nem fotografar como *hobby* mais” e “se trabalhar fosse bom, ninguém te pagaria por isso”. A institucionalização do saber-fazer como profissão pode mudar o sentimento do trabalhador em relação a algo que ele costumava gostar, talvez por tornar a prática tão desgastante e obtusa a ponto de o sujeito não conseguir mais encontrar nada de prazeroso naquela atividade. Os gestos de leitura e interpretação mobilizados, com base nesses textos, vão ao encontro da ideia de que o trabalho precisa ser duro, que o dinheiro justo não vem fácil e fazer aquilo que se ama pode ser uma armadilha. Quando o usuário reforça “se trabalhar fosse bom”, ele filia-se à formações discursivas em que o trabalho representa, necessariamente, algo ruim. Ao empregar o verbo “ir” no pretérito imperfeito do subjuntivo, sua formulação frasal expressa um desejo distante, não concluído, de que o trabalho fosse algo bom. Logo, diante de tanto desprazer, uma importante recompensa é o dinheiro: moeda de troca pela qual vale tolerar tamanhos abusos, pois é no poder econômico que se instalam as possibilidades de prazer e fuga das consequências e síndromes geradas por este ciclo vicioso de cansaço.

A Consolidação das Leis do Trabalho<sup>15</sup> brasileiras oficializa a relação entre empregador e empregado, estabelecendo regras e cargas horárias de trabalho de até 44 horas semanais, com folgas aos sábados e domingos. Existem diversas outras modalidades de ocupação como os horistas, mensalistas e autônomos, mas, para fins ilustrativos, nos limitaremos ao formato mais recorrente de “segunda a sexta”, já que, graças a ele, originaram-se duas expressões que reforçam a proximidade entre o trabalho e os sintomas de mal-estar. A primeira delas é a chamada “Síndrome da segunda-feira”, que não é classificada oficialmente pelo Ministério da Saúde<sup>16</sup> ou OMS<sup>17</sup> (Organização Mundial da Saúde), mas é popularmente conhecida pela sensação de desânimo, letargia e desconforto que acomete os trabalhadores quando as segundas-feiras se aproximam, já que remetem ao início de mais uma semana de trabalho. A segunda expressão é definida por “Síndrome do Fantástico”, que produz um sentido próximo ao da “Síndrome da segunda-feira”; no entanto, faz referência ao horário noturno em que começa o programa dominical Fantástico, exibido pela Rede Globo de televisão, há duas gerações, programa este que se tornou indicativo de que o início da semana está próximo, inclusive por sua música, que ficou marcada na memória, tornando-se motivo de melancolia e incômodo.

O que ambas expressões carregam em comum vêm da forma como a nossa rotina é organizada, com base na centralidade do trabalho como organizador das práticas sociais: com responsabilidades e trabalho durante a semana e lazer quase que exclusivamente aos finais de semana. Essas práticas nos dizem muito sobre a

---

<sup>15</sup> Consolidação das leis do trabalho – CLT e normas correlatas. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt\\_e\\_normas\\_correlatas\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt_e_normas_correlatas_1ed.pdf)>. Acesso em: 08/08/2019.

<sup>16</sup> O Ministério da Saúde é o órgão do Poder Executivo Federal responsável pela organização e elaboração de planos e políticas públicas voltados para a promoção, a prevenção e a assistência à saúde dos brasileiros. Disponível em: <<http://saude.gov.br/acesso-a-informacao/institucional>>. Acesso em: 08/08/2019.

<sup>17</sup> Agência especializada em saúde, que teve sua fundação em 1948 e está alinhada à Organização das Nações Unidas. Consta em sua constituição que a OMS tem por objetivo desenvolver ao máximo o nível de saúde de todos os povos. A saúde sendo definida nesse mesmo documento como um “estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consistindo somente da ausência de uma doença ou enfermidade”. Disponível em: <<https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>>. Acesso em: 08/11/2019.

inquietação instalada na população brasileira. O incômodo é tanto que dicas<sup>18</sup> de como driblar a “Síndrome de segunda-feira” / “Síndrome do Fantástico” começaram a aparecer, para domar a apreensão antes de iniciar mais uma jornada semanal de trabalho.

**Figura 3** – Discurso sobre trabalho que circula nas redes sociais: postagem de um usuário noTwitter.



Fonte: @crltttn via @MemestoDopl3, Twitter<sup>19</sup>.

Esta outra paródia, construída a partir dos dizeres de Confúcio, nos remete ao igual e ao diferente, pois, ao mesmo tempo que retoma, intertextualmente, o que foi dito pelo filósofo também dá continuidade ao texto, transformando-o em outro, atribuindo-lhe novas e diferentes significações, que repousam sob condições de produção específicas do Brasil e sua acentuada crise econômica, que se acentuou desde 2015. Devido à situação do país, as taxas de desemprego atingiram níveis alarmantes, com um percentual de desocupação de 12,7% da força de trabalho<sup>20</sup>. A

<sup>18</sup> FERNANDEZ, Adriana. Como driblar a síndrome de segunda-feira? Portal digital EXAME. Publicado em: 27/07/2015, 11:05. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/saiba-o-que-fazer-para-driblar-a-sindrome-da-segunda-feira/>>. Acesso em 10/10/2019.

<sup>19</sup> CRLTTTN via MEMESDOPL3. Escolha um trabalho que você ame e nunca terá que trabalhar, porque não tem vaga. Ano (?). Via Twitter: @crltttn. Disponível em: <<https://pt.dopl3r.com/memes/810149/>>. Acesso em: 07/10/2019.

<sup>20</sup> Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no primeiro trimestre de 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?edicao=24663&t=destaques>>. Acesso em: 14/08/2019.

falsa sensação de segurança, discursivizada pelo meio corporativo, passou a ser ameaçada, gerando instabilidade emocional ao trabalhador e alimentando uma atmosfera social de medo e insegurança.

Alguns gestos de leitura nos chamam a atenção na referente postagem: primeiro, a produção de efeitos de sentido que remetem ao fato de que não são todas as pessoas que podem escolher um trabalho, apesar de o dizer inicial ser constituído de um verbo imperativo que soa como prescrição e possibilidade (escolha!); segundo, caso o sujeito trabalhador só aceite fazer o que ama, corre o risco de ficar sem emprego, uma vez que a oferta de mão-de-obra é grande e não há vagas suficientes para todos, especialmente se houver uma seleção criteriosa para exercer determinada atividade, fazendo valer a expressão que circula popularmente “se tu não quer, tem quem queira”; terceiro, as tecnologias estão avançando e substituindo algumas das atividades que costumavam ser exercidas por humanos, deixando as oportunidades e alguns postos de trabalho cada vez mais restritos. Nestes três gestos de leitura e interpretação da postagem acima, mobiliza-se o interdiscurso e a memória discursiva, que faz despontar um dizer não dito, mas que segue produzindo significações.

Com base em Orlandi (2015, p.24), que retoma o conceito de memória discursiva proposto por Pêcheux, podemos compreender que a afirmação acima traz à tona dizeres anteriores, já falados em outros lugares, independentemente - sobre a política brasileira, a pobreza, a violência, a falta de educação, o fracasso associado ao desemprego - que apontam para condições sócio-históricas que costumam ser apagadas ou esquecidas nos dizeres sobre o trabalho, mas que são de suma importância para compreensão da organização social a partir do trabalho e da constituição do sujeito de direitos e deveres.

### **1.5. *Birôla, Karoshi e burnout. A institucionalização do sofrimento***

O trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar. O real do trabalho sempre se manifesta afetivamente para o sujeito, aí se estabelece uma relação primordial de sofrimento, experimentada pelo sujeito, corporificada.

Trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real (DEJOURS, 2004, p.27).

As reflexões levantadas até o momento se unem às advindas da psicodinâmica do trabalho, desenvolvida por Dejours (2015, p.30), como dimensão do sofrimento subjetivo implicado nas atividades laborais e processos de trabalho. O autor destaca alguns comportamentos que aparecem como psicopatologia do trabalho, como a anulação dos “comportamentos livres<sup>21</sup>” do trabalhador e a dominação da vida mental do operário pela organização do trabalho, causando danos imensuráveis à sua saúde mental.

A recorrente vigília e punição criam corpos cansados, uma massa de trabalhadores exauridos, que travam batalhas diárias pela sobrevivência. Nestas condições de produção, vemos emergir novas expressões, que passam a estampar o cotidiano do trabalhador moderno: *Birôla*, *Karoshi* e *burnout* são algumas delas. Esse trio carrega algo em comum: a reincidência de trágicas histórias com trabalhadores em seus limites físicos e psicológicos de esgotamento. As expressões *Birôla*<sup>22</sup>, utilizada informalmente por trabalhadores rurais de língua Portuguesa, *burnout*, com origem na língua Inglesa, e *Karoshi*, termo originado no Japão, estão atreladas à estafa e exaustão extrema oriundas da jornada profissional, que desencadeiam doenças mentais e físicas no sujeito trabalhador e, cada vez mais, o condenam a morte.

Ao analisarmos as discursividades e os sentidos que são produzidos a partir da definição de trabalho do século XIV e da noção de tortura e flagelos físicos atreladas ao labor, podemos observar que, nos tempos atuais, estes sentidos também deslizaram e passaram a significar não só os desgastes corpóreos, mas também os desgastes psíquicos. Alinhados à teoria de Dejours (2015), segundo o qual o trabalhador vive sob constante medo, pressão e submissão, é possível

---

<sup>21</sup> Em seu livro, “A loucura do trabalho”, Dejours (2015, p.31) busca elucidar o trajeto que vai do comportamento livre ao comportamento estereotipado no trabalho. O autor entende como comportamento livre não a liberdade metafísica, mas “um padrão comportamental que contém uma tentativa de transformar a realidade circundante conforme os desejos próprios do sujeito.”

<sup>22</sup> Silva (2016) define como “birôla” as mortes decorrentes do excesso de trabalho, que estão circunscritas dentro de uma conjuntura internacional de banalização da vida e da injustiça social, que contribui sobremaneira para a reafirmação da simples condição de labor da força de trabalho.

entender como o trabalho se tornou a *causa mortis* de cerca de 120.000 pessoas por ano (somente nos Estados Unidos), em função de transtornos mentais e doenças como a síndrome de *burnout*, depressão e ansiedade. Estes dados são um triste retrato social, apontado pela pesquisa de Jeffrey Pfeffer<sup>23</sup>. Mortes como consequência de rotinas altamente estressantes, excesso de horas de atividade, cobranças por produção e agilidade, pressão e precarização das formas de trabalho são comuns no neoliberalismo. Os números da Previdência Social do Brasil mostram que o nosso país também sofre deste mal, com um crescimento de 12% (comparado a 2017) das licenças concedidas pelo INSS por transtornos mentais e comportamentais adquiridos no trabalho, superando 8.000 licenças formais concedidas nos primeiros nove meses do ano 2018.

A associação do trabalho com o progresso faz parte de uma lógica vociferada pelo Mercado e pelo Estado neoliberal, que vem aplacando não somente o indivíduo (aqui falando empiricamente), mas também a coletividade, produzindo consequências destrutivas em países como o Japão que, no período pós-guerra, precisou estimular a população a trabalhar de modo desenfreado para reconstruir o país e hoje colhe os frutos dessa busca desmedida pelo progresso. Segundo matéria veiculada no jornal BBC News Brasil<sup>24</sup>, o país registra, desde a década de 60, casos de *Karoshi*, que se caracteriza pela morte por excesso de trabalho, causada especialmente por doenças cardíacas e mentais associadas diretamente ao exagero de horas dedicadas ao trabalho. Ademais, 208 suicídios foram oficialmente considerados *karojisatsus* em 2017, quando um trabalhador finda a própria vida em razão de problemas psicológicos ligados às experiências profissionais. Essas consequências sociais se dão pelo funcionamento das práticas discursivas atreladas ao corpo do sujeito e ao político. Foucault (2009) aborda o fenômeno de “sistemas punitivos concretos”, trazendo contribuições relevantes para pensarmos a relação entre o corpo, o político, as relações de poder e a produção. Nas palavras do autor,

---

<sup>23</sup> Revista Você RH – Edição fevereiro/março de 2019 – Matéria *Causa Mortis: trabalho*. São Paulo: Editora Abril, 2019.

<sup>24</sup> Jornal eletrônico BBC News Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45253773>>. Acesso em: 10/08/2019.

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 2009, p. 22).

O assujeitamento ao modelo de Mercado, que se apodera dos corpos como força de trabalho e os individua como sujeitos trabalhadores, é inevitável, pois, nos organizamos em uma sociedade na qual o trabalho exerce uma posição de centralidade, produzindo identificações com dizeres quase inquestionáveis, do tipo: “é o trabalho que dignifica o homem”. São discursividades como essa, institucionalizadas pelo Estado e suas políticas, que passam a produzir um efeito de verdade e de evidência, dentro de um sistema regido por práticas neoliberais que pregam a máxima produção e a competitividade. A crítica de Foucault (2009) ao contratualismo parte do fato de o ser já nascer como um sujeito de direitos e deveres, só que são contratos fantasiosos, já que não há o indivíduo, tampouco direitos. Na obra “Vigiar e punir” (FOUCAULT, 2009), o referido autor ressalta que a vigilância das instituições está tão presente no discurso social e na exterioridade que se torna inquestionável na interioridade do homem, que passa a encarar determinados comportamentos/práticas sociais como verdades absolutas e, ele próprio, se incube de vigiar-se e punir-se por fazer algo diferente do prescrito.

Entre 2004 e 2005, outro dado foi levantado. Foram registradas 13 mortes de trabalhadores rurais, cortadores de cana, todas em função da “*birôla*”: que caracteriza a morte pelo esforço excessivo no trabalho. Os sintomas relatados pelos trabalhadores eram: dores de cabeça, fortes câibras, seguidas de desmaios e, por fim, parada cardiorespiratória. Esses dados foram coletados pela pesquisadora Doutora Maria Aparecida de Moraes Silva (2000-2006)<sup>25</sup>, que retratou, em seu

---

<sup>25</sup> Utilizamos como referência de pesquisa o artigo de 2006, que se revelou como um desdobramento dos estudos da pesquisadora.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; *et al.* Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado. Revista Nera, ano 9, nº 8, p. 74-108, janeiro/junho de 2016.

estudo, o descaso e exclusão empresarial com a classe operária rural, intensificando os debates sobre o tema e fazendo emergir diversos outros casos similares não registrados de trabalhadores e parentes de trabalhadores que sucumbiram à exaustão, em precárias condições de trabalho.

Fenômenos sociais dessa natureza e proporções pressionam o Estado, e até mesmo o Mercado, a observarem e classificarem estes episódios oficialmente como problema de saúde pública. A exemplo disto, a síndrome de *burnout* passou a fazer parte da lista de doenças classificadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>26</sup>, e a nova Classificação Internacional de Doenças (CID), que entrará em vigor a partir de janeiro de 2022, que classifica a síndrome como um “fenômeno ocupacional”. A lista elaborada pela organização é baseada nas conclusões de médicos do mundo todo e é a primeira vez que o esgotamento profissional entra para a classificação de doenças. Em seu site, a OMS classifica (em tradução livre) o *burnout* como “síndrome resultante de um estresse crônico no trabalho que não foi administrado com êxito”, enquadrando a doença em três dimensões: “sensação de esgotamento e exaustão”, “distanciamento, cinismo ou sentimentos negativos relacionados ao seu trabalho” e “eficácia profissional reduzida”.

Ao mesmo tempo em que o Estado e o Mercado colocam essas mazelas relacionadas ao trabalho em evidência, nomear esses fenômenos é também uma forma de institucionalizar determinadas práticas e, até mesmo, de naturalizar o sofrimento e o mal-estar causado por elas. As Instituições acabam por elaborar planos defensivos para lidar com a exaustão de seus trabalhadores, nem sempre de maneiras contundentes e cada vez mais se distanciando do real<sup>27</sup>. Eis que surgem estratégias de “distorções comunicacionais”, sendo a Comunicação Interna, a Publicidade e o “apagamento dos vestígios” algumas delas. Estes termos são utilizados por Dejours (2007, p.64) para classificar as mentiras das instituições, que

---

<sup>26</sup> Organização Mundial da Saúde©, 2019. Disponível em: <[https://www.who.int/mental\\_health/evidence/burn-out/en/](https://www.who.int/mental_health/evidence/burn-out/en/)>. Acesso em: 18/11/2019.

<sup>27</sup> O real para Dejours (2007, p.61) é entendido como “aquilo que, na experiência do trabalho, se dá a conhecer ao sujeito por sua resistência ao domínio [...] A experiência do real no trabalho se traduz (continuação) pelo confronto com o fracasso [...] tanto concernente à ordem material das máquinas, das ferramentas, das instalações etc., quanto à ordem humana e social”.

“consistem em produzir práticas discursivas que vão ocupar o espaço deixado vago pelo silêncio dos trabalhadores sobre o real e pela supressão do *feedback*”. Ainda segundo o autor, as mentiras corporativas possuem características essenciais, sendo a primeira delas a descrição da produção (fabricação ou serviço), a partir dos resultados, e não a partir das atividades das quais são decorrentes. E a segunda consiste em construir uma descrição organizacional que mente, que omite tudo o que representa falha ou fracasso, levando em conta somente os resultados positivos da empresa. Estas táticas são incorporadas como práticas discursivas não por ingenuidade, mas por duplicidade, pois a reputação da empresa se vale dessas inverdades para construir a sua “imagem” perante a empregados, sociedade e Mercado.

Silva (2016) também atribui às vitrines iluminadas do progresso um discurso retórico, que não passa de fachada das empresas para esconder a precarização de seus ambientes internos. Nas palavras do autor,

Existe uma certa tendência em se acreditar que o sofrimento no trabalho foi bastante atenuado, ou mesmo eliminado, pela mecanização, pela automação e pela robotização, que teriam abolido as obrigações mecânicas e o trabalho desumanizante. Infelizmente, tudo isso não passa de um discurso retórico, pois só o que as empresas revelam são as suas fachadas, oferecidas aos olhares dos curiosos visitantes. Por trás destas vitrines iluminadas do progresso, existe o sofrimento dos trabalhadores, que assumem inúmeras tarefas arriscadas para a saúde, em condições tão precarizadas, quanto aquelas de antigamente e, por vezes mesmo, agravadas pela intensificação do trabalho e por frequentes infrações das leis trabalhistas (SILVA, 2016, p.82).

Para encerrar este primeiro capítulo, gostaríamos de reforçar que cada nação ou território possui seus próprios conjuntos de diretrizes que regulam as atividades laborais. No Brasil, estas leis foram consolidadas através do documento intitulado Consolidação das Leis do Trabalho, a CLT. Esses conjuntos de leis não são estáticos e se modificam drasticamente de território para território, a depender das condições políticas, sociais e econômicas do país. De modo semelhante, também refletem no modo como as pessoas executam suas atividades, produzem e se relacionam com o trabalho. A nossa proposta, neste item, foi resgatar e analisar diferentes expressões que produzem efeitos de sentido de sofrimento relacionados ao trabalho. Este movimento de análise se deu como uma tentativa de refutar o

efeito de verdade que circula sobre países chamados de subdesenvolvidos e elucidar que as doenças relacionadas ao trabalho não são comuns apenas em países considerados emergentes, pois se manifestam em todo o globo, em maior ou menor escala, e mostram ser uma fotografia do modo como se dá a relação com o trabalho em todo o mundo.

## **CAPÍTULO 2 – NEOLIBERALISMO, TRABALHO, DESEMPREGO E A BANALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO**

O neoliberalismo transformou profundamente o capitalismo, transformando profundamente as sociedades. Nesse sentido, o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida (DARDOT; LAVAL, 2016, p.7).

Socialmente, alguns discursos postos em circulação sobre trabalho, emprego e consumo se atrelam ao fato de que nem todas as pessoas conseguem fazer parte deste sistema institucionalizado pelo Mercado e acabam por se inscreverem (ou serem inscritas) no papel de sujeito trabalhador desempregado. A “falta de” emprego passa a significar o sujeito de direitos e deveres, emergindo um processo de (des)identificação que afeta a concepção de si, sua representação social, tornando-se uma constante ameaça à sua cidadania. Porém, nas atuais condições de produção, a “falta de” emprego parece ter se tornado algo banal e frequente, já que não há espaço para todos os trabalhadores na pirâmide econômico-social e as novas tecnologias ajudam a naturalizar o discurso de que as máquinas exercerão a função laboral do homem, restando ocupações formais apenas para os “eleitos”. É o Mercado colocando em evidência um discurso amigável e próximo, mas que, por si só, já é uma forma de dominação.

Partindo das afirmações anteriores, buscaremos, neste capítulo, compreender o discurso do/sobre o trabalho atrelado ao desemprego e à forma sujeito histórica capitalista neoliberal. Nossas proposições serão pautadas em leituras como as de Dardot e Laval (2016), Dejours (2004, 2007, 2015), Mbembe (2019), Pêcheux ([1975] 1995, [1979] 2001, 2014), Orlandi (2015, 2016), Nogueira (2015), Baldini (2012), Payer (2004), Gadet e Hak (2014), Graeber (2018), Santana e Costa (2014), entre outros, para delinear a constituição, formulação e circulação de sentidos estabilizados e (re)significados, que afetam as relações sociais centradas no trabalho e no consumo. Navegaremos por discursos de precarização do trabalho e autoempreendedorismo, redução de direitos trabalhistas, necropolítica, discursos do “ter para ser”, do sujeito produto(r), da competitividade e da liberalidade econômica, a fim de problematizarmos práticas e funcionamentos do trabalho no neoliberalismo e seus impactos na vida do sujeito trabalhador.

As análises que se seguem pautam-se em conceitos basilares da Análise de Discurso e buscam, por meio da materialidade histórica, sair da superficialidade linguística e acessar os processos discursivos que estão na constituição dos sentidos. A polissemia, a paráfrase, as formações imaginárias, o equívoco, os sentidos outros, a opacidade da linguagem; tudo se interliga na/pela linguagem, em uma trama em funcionamento. Fundamentados pela AD, visamos à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos. Nas palavras de Orlandi (2015):

Em suma, a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura. Face ao dispositivo teórico da interpretação, há uma parte que é da responsabilidade do analista e uma parte que deriva da sua sustentação no rigor do método e no alcance teórico da Análise do Discurso. O que é de sua responsabilidade é a formulação da questão que desencadeia a análise (ORLANDI, 2015, p.24).

Além disso, realizamos escutas discursivas com sujeitos desempregados, cujos dizeres serão utilizados como parte constituinte do nosso *corpus discursivo*. Analisaremos alguns excertos, não de forma conteudística, tampouco determinista ou prescritiva, mas buscando observar o funcionamento dos processos discursivos e das formações imaginárias manifestas e não-manifestas nas escutas realizadas, em que os interlocutores fazem projeções de si e do outro. Interessa-nos descortinar os sentidos produzidos na/pela materialidade textual e refletir sobre a maneira como os sujeitos se inscrevem em determinadas formações discursivas para que seu dizer produza sentidos. Afinal, o discurso pode produzir um efeito de evidência, mas não existe o óbvio, já que os dizeres possuem falhas, equívocos, deslizos, resistências, que apontam para sentidos outros. O nosso intuito é percorrer pelas vastas possibilidades de interpretação.

## **2.1. Escutas discursivas e o jogo das formações imaginárias**

Nomear as entrevistas de “escutas discursivas” requer salientar seus desafios e especificidades como material de pesquisa. É, também, uma maneira de nos afastarmos de determinados métodos adotados em pesquisas qualitativas e de permanecermos no trajeto teórico da AD, analisando, discursivamente, nosso objeto de análise. Não se trata, para nós, de entrevistas com informantes ou da aplicação

de questionários enrijecidos, pois o intuito não é acumular dados e informações dos participantes, tampouco é trabalhar com uma quantidade massiva de pessoas, a fim de produzirmos um efeito de confiabilidade e de diminuição da margem de erro. Não é um ouvir para concluir, aferir, apurar ou propor soluções resolutivas para as problemáticas debatidas. O que buscamos, por meio da entrevista compreendida como uma prática de linguagem é, sobretudo, “compreender o funcionamento de discursos, a atualização de memória, acontecimentos que irrompem, e, por isso mesmo, produzem deslocamentos sobre as identificações de quem se dispõe a escutar” (SANTANA; COSTA, 2014, p.3).

Partindo dos pressupostos de Orlandi (2015, p.19), enxergamos o nosso *corpus discursivo* e os textos que o compõem como um material linguístico inicial, a ser lapidado, que primeiramente precisa ser de-superficializado, para que se acesse o objeto de discurso. A partir deste objeto, procuramos identificar que relação o discurso estabelece com as formações ideológicas, chegando ao processo discursivo. E, somente então, a partir do reconhecimento do processo discursivo, é possível se afastar do material de análise inicial, para a compreensão do modo como o sentido é produzido e sócio-historicamente compartilhado.

Ao recorrermos à produção de sentidos em esferas institucionalizadas e estabilizadas, de alguma maneira evocamos discursos já ditos em outro lugar, em outro tempo, outros dizeres que se tornaram cristalizados e naturalizados, mas que foram afetados pela história e pelo funcionamento da ideologia. Mesmo os dizeres das Instituições, do Mercado, do Estado, que tentam apagar os vestígios<sup>28</sup> do passado e produzir efeitos de sentido de imutabilidade, carregam marcas. O enunciado, em seu funcionamento, está intrinsecamente ligado à sua exterioridade, suas condições de produção. E é esse processo discursivo que sustenta os processos de significação que nos interessa. É um entrelaçar da ideologia,

---

<sup>28</sup> O apagamento de vestígios aqui cria efeitos de sentido polissêmicos. Em AD, Orlandi (2015, p.24) propõe a existência deste apagamento, porém, algo lhe escapa, continua a funcionar, traz marcas e carrega significações em seus esquecimentos; é a memória discursiva e o interdiscurso em pleno (continuação) funcionamento na história. Já para Dejours (2007, p. 66), o apagamento de vestígios é uma das artimanhas das Instituições para omitir os seus fracassos e tentar “apagar a lembrança de práticas do passado que possam servir de comparação crítica com a época atual”. Este último refere-se ao ambiente de trabalho e suas práticas; Orlandi, por sua vez, refere-se a um processo histórico, onipresente e em constante funcionamento. Ambas as definições teóricas se cruzam em determinado ponto, funcionam e significam no texto.

historicidade, condições de produção, contradição, equívoco, antecipação e relações de força, que são discursivizadas na fala dos entrevistados e que nos propomos a escutar, com base no dispositivo teórico-metodológico da AD.

Ainda que entrevistado e analista assumam diferentes posições, o trabalho do analista o permite deslocar-se nas/das suas filiações ao adentrar a materialidade discursiva. Santana e Costa (2014, p.3) se referem a uma “dupla corporeidade” de voz e gestos entre interlocutores, que fará nascer o produto de escuta e o objeto de análise, que acaba por ser construído na própria relação estabelecida entre os participantes de um acontecimento discursivo. São pontos da relação de interlocução, indicando diferentes posições-sujeitos, neste caso: de entrevistado e analista ou trabalhador desempregado e pesquisador, atravessadas e afetadas pelas formações imaginárias.

E isto [relação de interlocução] se dá no jogo das chamadas formações imaginárias que presidem todo discurso: a imagem que o sujeito faz dele mesmo, a imagem que ele faz de seu interlocutor, a imagem que ele faz do objeto do discurso. Assim como também se tem a imagem que o interlocutor tem de si mesmo, de quem lhe fala e do objeto do discurso (ORLANDI, 2015, p.18).

Deste modo, Pêcheux ([1969] *in* GADET; HAK, 2014, p.82) supõe a existência de formações imaginárias em todo processo discursivo e as designa da seguinte maneira:

$I_A(A)$	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	Quem sou eu para lhe falar assim?
$I_A(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	Quem é ele para que eu lhe fale assim?
$I_B(B)$	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	Quem sou eu para que ele me fale assim?
$I_B(A)$ :	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	Quem é ele para que me fale assim?

Na proposição pecheutiana, os interlocutores fazem projeções do outro e de si mesmos, construindo, a partir deste funcionamento, as relações de sentido e,

consequentemente, se posicionando nestas relações. Neste processo os interlocutores também acabam por se deslocar de suas filiações, metaforizar, deparar-se com resistências e contradiscursos e deslizar sentidos que pareciam estabilizados. Na tensão que é própria do discurso, que reside em formações discursivas (complementares, dissonantes e na própria contradição), os interlocutores, a partir de suas posições-sujeito, constroem o fio do discurso (intradiscurso), mobilizando a trama de significações advindas de formações discursivas distintas e heterogêneas. Partimos, como analistas, para compreensão do modo como os sentidos são produzidos, tomando, como ponto de partida, a memória discursiva, o interdiscurso, as formações discursivas ocupadas pelos sujeitos trabalhadores desempregados e as formações imaginárias presentes, que acabam por marcar a fala dos entrevistados, seja pelo funcionamento das relações de força ali instituídas ou mesmo pela antecipação dos sentidos das perguntas e respostas.

Serão utilizados, como parte constituinte do *corpus*, recortes discursivos (RD) que foram realizados sem perder de vista os objetivos deste estudo, a partir das respostas fornecidas pelos entrevistados, que foram transcritas de modo semelhante ao que foi discursivizado, contemplando suas pausas, uso de gírias, supressões gramaticais, repetição etc. A transcrição completa das entrevistas está disponível no anexo II deste estudo.

Tendo em vista que a AD se define como uma disciplina de entremeio e de interpretação, desenvolveremos análises de base interpretativista, com o intuito de promover discussões e problematizações acerca da temática abordada, sem perder de vista a intrínseca relação entre linguagem e sociedade. O nome dos entrevistados, de seus respectivos empregadores e empresas citadas durante as escutas foram suprimidos, como forma de preservar a identidade dos participantes. Segundo a AD, não nos interessa quem fala, mas o lugar do qual o sujeito de linguagem fala, dentro de uma formação social ampla, sob determinadas condições de produção.

### **2.1.1. Práticas de linguagem: a realização das entrevistas**

As entrevistas discursivas foram realizadas entre 17 de julho e 08 de agosto de 2018, com entrevistados que atendiam aos seguintes critérios: serem brasileiros, entre 18 e 55 anos, trabalhadores desempregados, demitidos ou desligados de empresas de médio ou grande portes, de grandes cidades dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Para melhor delimitarmos nosso material de pesquisa, os entrevistados deveriam ter em comum os seguintes aspectos: a. ter ficado desempregado(a) nos últimos dois anos, considerando a data inicial desta pesquisa, por demissão involuntária de seus empregos; b. terem trabalhado, ao menos, o período de um ano na última empresa, critério delineado apenas para que o entrevistado tivesse um tempo considerável para estreitar vínculos com a empresa e/ou parceiros de trabalho.

As entrevistas se deram de maneira individual, presencialmente, e se pautaram em um roteiro exploratório, que tinha por objetivo mobilizar a fala inicial dos entrevistados a respeito da temática explorada neste estudo (ver roteiro para entrevista no anexo I). O roteiro em questão foi dividido em quatro blocos de perguntas.

Como temática um, foi pedido ao entrevistado que relatasse, brevemente, seu histórico profissional, sua atual situação no mercado de trabalho, estado civil, situação familiar, motivo da demissão, tempo que ficou/estava desempregado(a) e seu último salário. A intenção era ter acesso as condições específicas de produção dos dizeres dos entrevistados.

Para adentrar à temática do desemprego, o pesquisador proferiu a seguinte questão: “O que você pensa sobre a atual situação do trabalho e do desemprego no Brasil?”, a fim de que o entrevistado refletisse, livremente, sobre questões acerca das relações de trabalho e da sociedade, a situação atual do Brasil, dentre outras coisas.

A partir da pergunta “Como foi receber a notícia e qual o primeiro sentimento gerado pela demissão?”, esperávamos que o entrevistado verbalizasse sobre o

desemprego, as sensações vividas e sentidas durante o processo de demissão, os impactos (positivos e negativos) do desemprego em seu estilo de vida.

No quarto e último bloco, o entrevistado foi questionado sobre os efeitos e interferências do desemprego em suas relações interpessoais, seja com pessoas distantes (sociedade) ou próximas (familiares e amigos). A conversa era finalizada com a reflexão “defina o desemprego em uma palavra” e pontuações livres sobre o tema.

## **2.2 A autoexploração da sociedade no Neoliberalismo**

O mecanismo de exploração circunda a forma de viver do homem; dos recursos naturais – renováveis ou não-, de terras, exploração animal e, claro, a exploração dos seus. Somos uma espécie encadeada socialmente pela dominação, que acontece não somente pela nossa força, destreza ou agilidade, mas por sermos sujeitos de linguagem e sujeitos à língua. Ao sermos individuados em sujeito trabalhador pela racionalidade neoliberal, o sujeito se inscreve em formações discursivas que (re)significam e (re)atualizam os sentidos de exploração, identificando-se a esses discursos, naturalizando distintas formas de assujeitamento social no/pelo trabalho.

Nas atuais condições de produção emerge o discurso da produtividade, do rendimento, da velocidade, do ser eficiente, esforçado, trabalhador focado em resultados e metas, dizeres que se entrelaçam fortemente ao imaginário de progresso social, realização e sucesso. São discursos postos em circulação pelo Mercado, como forma de angariar e controlar a força de trabalho e motivar empregados a permanecerem firmes diante da estafa; afinal, sem esforço não há recompensa.

Em uma relação estabelecida pela constante ameaça da perda do posto de trabalho, pelo cansaço e dominação, a exploração se faz presente, mesmo que encoberta e tácita, disfarçada de um discurso motivacional, envolvente e cativante. Tem-se a contradição e o deslizamento nesta movimentação dos sentidos de “exploração” e “produtividade”, palavras que nada têm de familiar se olharmos para o

efeito de evidência dos sentidos, mas que apontam para o funcionamento ideológico em sua materialidade linguística, nos permitindo compreender que a produtividade é a forma de exploração a até mesmo de escravização do século XXI. Por conseguinte, não nos parece mera coincidência que surjam como regularidades enunciativas nas entrevistas analisadas dizeres sobre resultado e rendimento, que significam e tencionam as relações de trabalho e acabam por ser a parametrização entre o trabalhador que permanece no emprego - e submete-se à pressão- e aquele que sai.

Os excertos abaixo foram obtidos como respostas dos entrevistados quando questionados sobre como se estabeleciam as relações com suas respectivas empresas. Partimos de regularidades enunciativas, que refletem a formação ideológica dos enunciadores e que apontam para identificação à mesma formação discursiva na qual se inserem, fazendo emergir na materialidade posta uma relação de empresa e empregado pautada, fundamentalmente, na produção, no resultado e no descarte.

**(RD1)<sup>29</sup> “Então, os resultados que a gente estava entregando não estavam satisfatórios e eles já falavam de corte há um tempinho, já.” (entrevista 1)**

**(RD2) “Era um resultado em equipe e o resultado individual também, mas o meu setor não tinha metas, a gente não tinha metas, mas tinha que entregar o resultado.” (entrevista 1)**

**(RD3) “É, somos um número dentro das empresas, né?!” (entrevista 2)**

O deslizamento de “produtividade” para “exploração” se dá pelo excesso, pelo abuso; é o trabalhador produzindo sempre mais e se assujeitando ao funcionamento empresarial que demanda metas e resultados, ainda que os resultados estejam dissociados das metas, como enfatizado no trecho: “a gente não tinha metas, mas tinha que entregar o resultado”. De forma hipotética, se encarássemos isoladamente estas práticas exploratórias do mercado, seria mais fácil percebê-las, ou mesmo desestruturá-las; no entanto, isso acontece paralelamente ao movimento de

---

<sup>29</sup> {RD1, 2, 3...} é o símbolo utilizado para enumerarmos os Recortes Discursivos (RD) analisados.

consumo, que incentiva a compra desenfreada, cria necessidades, desejos e prazeres, institucionalizando o *poder-ter*. Curiosamente, o consumo torna-se uma fuga, um proporcionador de felicidades momentâneas que permite ao ser social amortecer os sintomas do sofrimento muitas vezes produzidos no/pelo ambiente de trabalho e escapar das mazelas do mundo moderno. A estreita relação entre trabalho e consumo explicaria, pelo menos em parte, porque o sujeito trabalhador aceita ser apenas um número dentro da empresa e “ser cortado”, descartado e dispensado se não cumprir as metas e entregar os resultados. E, mesmo diante das possibilidades de furos, certo conformismo com essa realidade manifesta-se na afirmação de um dos entrevistados, ao dizer “É, somos um número dentro das empresas, né?!”. A inscrição do sujeito nestas práticas regidas por princípios neoliberais é inerente à sua existência. São os sentidos de liberdade e prisão funcionando simultaneamente, representando a pluralidade contraditória das filiações históricas vividas na sociedade neoliberal.

Apontando para a paradoxal relação de liberdade e aprisionamento, amplamente debatida por Bauman (2001) e Foucault (2009), os recortes discursivos a seguir materializam como se dá, espontaneamente, o enclausuramento, na busca pela suposta plenitude de “poder fazer o que bem entender”.

**(RD4) “A sensação foi de liberdade no primeiro momento, porque trabalhar na (Empresa de telemarketing A) também te trazia... te colocava... eu não sei descrever, mas é uma coisa que parecia que aquilo era...era... não sei explicar, velho. Aquilo parecia mais importante do que realmente era. [...] mas o ambiente te deixava... te dava essa noção de que você tinha que se entregar muito pra aquilo. Então, quando a gente, isso acho que a maioria das pessoas ali, quando a gente saiu, quando a gente foi demitido, a primeira sensação foi de liberdade, assim, se juntou todo mundo, depois de assinar a homologação lá e foi meio de comemoração, porque não era um trabalho tão bacana, sabe?” (entrevista 1)**

**(RD5) “Então... Só que depois da sensação de liberdade, vem a sensação de vazio, tipo... ‘E agora? O que farei?’ [...] A liberdade que eu senti ao sair da**

**empresa não existe mais, entendeu?! Fica difícil tomar qualquer decisão, para resolver a vida quando você está desempregado porque você não tem recurso...você tem que ter recurso para fazer qualquer coisa. Então, você perde essa liberdade de ir e vir [ ...] cê tem que se privar de muita coisa que cê fazia antes, tem que ser muito mais controlado.” (entrevista 1)**

Nos excertos acima é possível perceber uma relação contraditória e conflituosa com o trabalho que produz efeitos de liberdade e de provação para o sujeito entrevistado. Ter um trabalho liberta, no sentido de produzir um efeito de ser socialmente útil e produtivo. Ao garantir o acesso ao consumo, liberta, tornando-lhe apto a frequentar espaços e adentrar o ambiente da empresa para a qual trabalha. Possuir um crachá, com nome e foto, autoriza a abertura das catracas, filiando-se ao universo controlado por um CNPJ.

Todavia, a relação paradoxal entre liberdade e aprisionamento se apresenta quando o entrevistado relata que o ambiente organizacional em que estava inserido era deveras opressor e a sensação de liberdade se deu não ao vincular-se à empresa e ao obter um trabalho, mas ao desamarrar-se dos laços empregatícios; colocando em evidência o sentido de que o sofrimento está no trabalho, pelo menos inicialmente, e não no desemprego. A princípio, a sensação de liberdade se deu no ato da homologação da demissão que chegou a ser comemorada com outros colegas de trabalho, mas, posteriormente, a falta de emprego e de recursos financeiros para fazer parte do sistema capitalista em que estamos inseridos é que o aprisionou, retirando-lhe o acesso a certos espaços e recursos. Poderíamos dizer que é uma liberdade obrigatória em um espaço de livre obrigatoriedade. É a contradição do sujeito livre e submisso.

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório, visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem (FOUCAULT, 2009, p.15).

Se estar no ambiente de trabalho aprisionava, pela hostilidade, pelo excesso de regras e pela anulação de si mesmo, estar fora dele imobiliza pela privação. As normas de comportamento, horários de entrada e saída, pressões por resultados,

hierarquias de obediência e procedimentos obrigatórios são substituídos por outras práticas de controle e submissão. É estar em uma nova situação de controle às avessas, que se impõe graças à privação do consumo e do acesso a certos espaços e produtos, à pressão por encontrar um novo emprego, submissão à qualquer relação que ofereça suporte financeiro, o descontentamento diante da sensação de vazio, a sensação de inutilidade e as horas dedicadas ao objetivo de se tornar novamente um trabalhador empregado. Por mais esquizofrênico que possa soar, a ideologia neoliberal interpela e assujeita o indivíduo em força de trabalho para que ele se liberte (econômica, social e politicamente) aprisionando-o ao trabalho, com a promessa de uma futura aposentadoria, que novamente o libertará de trabalhar sem culpa, pois terá “cumprido seu papel” perante a sociedade.

A forma-sujeito histórica que corresponde à sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento (ORLANDI, 2015, p.48).

É o chamado do capital, a forma como sua lógica se estabelece e assujeita o indivíduo, colocando em circulação os discursos do consumo excessivo como questão de sobrevivência, da troca constante pelo “modelo mais novo” e descarte do “velho” que rapidamente se torna obsoleto; tudo em prol da lógica de mercado e do crescimento da economia. Para produzir mais é preciso ampliar recursos – que se regenerem rapidamente, devido ao aceleração do estilo de vida – e aumentar a força de trabalho. Então, é necessário explorar (aqui mobilizando os diferentes sentidos de explorar) novos recursos e diminuir despesas, para assim, e somente assim, proporcionar o acúmulo de riquezas e a expansão do capital. Funcionar neste *modus operandi* é a forma de subsistência do próprio sistema econômico e tornou-se inimaginável (ou desinteressante) propor outra forma de funcionamento.

Qual seria a real necessidade de se produzir mais? Produz-se para quê? Produz-se para quem? Um estudo publicado pela *Food and Agriculture Organisation of the United Nations*<sup>30</sup> mostra que o mundo produz comida para alimentar todo o

---

<sup>30</sup> OECD/FAO/UNCDF. Adopting a Territorial Approach to Food Security and Nutrition Policy. OECD, Paris: Publishing, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/9789264257108-en>>. Acesso em: 02/09/2018.

planeta; no entanto, a fome e a desnutrição ainda atingem 800 milhões de pessoas. Ao depararmos com esses dados, o efeito de verdade produzido pelo discurso de “produzir para um mundo melhor” e “trabalhar para o progresso do país” se rompe totalmente; algo escapa e fura estes dizeres, denunciando uma naturalização do mal-estar social.

A exploração social por meio do trabalho deixa marcas enunciativas profundas ao longo da história, determinando formações discursivas que regem o que pode e deve ser dito, quais discursos são válidos e de quais posições discursivas devem advir. São discursos que se estabelecem na relação com o anterior (com a memória do dizer, com a memória discursiva) e aponta para outro dizer (ORLANDI, 2015, p.29). A inscrição do sujeito de direitos e deveres em determinadas formações discursivas refletem as filiações ideológicas que, por sua vez, ditam as práticas discursivas com as quais o sujeito se identifica.

Com base nas afirmações anteriores, é possível ilustrarmos, com base na contradição a seguir, como essas filiações e identificações significam nas/pelas práticas discursivas. Os sentidos de produtividade giram em torno da ideia de “progresso coletivo” e “evolução da sociedade”, entretanto, a “mesma” produtividade se faz “outra”, dotada de sentidos de “deterioração” e “extinção”, se olharmos pela perspectiva dos recursos naturais e meio ambiente, por exemplo.

Nestas relações de força parece que há um adormecimento dos sentidos, que deixam o sujeito produto(r) inerte, a ponto de não perceber que, apesar de o sujeito produtor e do sujeito produto ocuparem diferentes lugares na formação social ampla, sofrem do mesmo mal, sendo as posições de dominação e de forças que diferenciam *uns* de *outros*. O sujeito produto(r) explora sua própria força de trabalho e termina por acreditar que isso é realização, à medida que entra de cabeça, muitas vezes sem se dar conta disso, em um ciclo de autoexploração<sup>31</sup> e degradação. O trabalhador vive na angústia, idealizando que poderia ter produzido mais, poderia ter feito melhor e que não está usando o máximo de sua potencialidade para atingir as metas e alcançar os melhores resultados para a empresa “da qual veste a camisa”.

---

<sup>31</sup> Conceito esmiuçado por Byung-Chul Han em “Sociedade do Cansaço”, 2017.

Os discursos mercadológicos produzem efeitos de verdade que impulsionam o sujeito trabalhador a acreditar que se ele não é um vencedor, a culpa é toda sua por não estar se esforçando o suficiente. A filiação à determinadas formações discursivas acabam por deflagrar a hipercompetitividade e um processo de exploração do outro e de si mesmo.

Han (2017, p.99) aponta que hoje as lutas não se dão tanto entre grupos, ideologias e classes, mas entre os indivíduos. A problemática, para o autor, não é a concorrência entre os indivíduos, mas o fato de tomarem a si mesmos como referência, aguçando em si sua “concorrência absoluta”.

O sujeito de desempenho concorre consigo mesmo e, sob uma coação destrutiva se vê forçado a superar constantemente a si próprio. Essa autocoação que se apresenta como liberdade acaba sendo fatal para ele. O *burnout* é resultado da concorrência absoluta (HAN, 2017, p.99).

Essa é uma das lógicas perversas do neoliberalismo, que prega a busca de um *eu* ideal e pleno, subjetivando o sujeito produto(r), inscrevendo-o em práticas que fazem-no explorar e alienar-se a si mesmo, até consumir-se por completo. Ainda para o autor, o “sujeito de desempenho” explora a si mesmo do modo mais efetivo quando se torna flexível, pois a sociedade do desempenho não industrial necessita de sujeitos trabalhadores flexíveis, já que quanto mais se troca de identidade mais se impulsiona a produção. O autor (*ibidem*) afirma ainda que a síndrome de *burnout* é a consequência patológica da autoexploração. Nesse esgotamento sofrido pelo trabalhador é muito melhor e mais rápido se valer de remédios e antidepressivos para restabelecer o sujeito produto(r) do que buscar rever os conflitos gerados socialmente pelas condições atuais de trabalho, formando uma legião de trabalhadores medicalizados.

Essa necessidade de ser flexível e estar aberto a mudanças, todo o tempo, foi tornando-se o *status quo* do Mercado, pois, atrelado a esse discurso de superprodutividade e “fazer mais com menos” está funcionando, também, o discurso de que o bom profissional é flexível, inquieto e gosta de sair da zona de conforto. Esta tensão de ter que dar conta de tudo e estar preparado para todas as demandas sociais e empresariais torna o trabalhador mais ansioso, angustiado, volátil e

apressado. Há muito a se fazer em pouco tempo e, paralelamente, é preciso fazer com cada vez menos recursos e preparação, abrindo, assim, uma grande brecha para a exploração e precarização do trabalhador. Esta exigência do Mercado surge na fala dos entrevistados e, ao serem questionados sobre o quanto o desemprego afetou suas áreas de atuação, relataram:

**(RD6) “Então, o que eu vejo, o que eu percebi na minha área é que até afetou a forma de como se contrata um profissional, na minha área hoje em...nessa situação toda [crise], porque a maioria dos trabalhos que contratavam *Designer Gráfico*, não contratava só “*Designer Gráfico*”, sacou?! Por exemplo, tinha uma empresa que contratava *Designer Gráfico*, mas o *Designer Gráfico* fazia papel de várias coisas, ele tinha que... é... lançar nota, era uma coisa mais administrativa, sacou?! Tinha um desvio da função. Tinha que saber mexer com programação, que também faz parte da área, mas não é tão da área, sacou?! [...]E eu acredito que sim. Essa cobrança da vaga seja maior por conta da crise [...] porque aí diminui o quadro de funcionário e aumenta a função pra cada funcionário atuante.” (entrevista 1)**

**(RD7) “...eu tive algumas amigas que ficaram muito tempo desempregadas, uma, inclusive, ficou dois anos [...] e ela conseguiu um emprego agora numa farmácia de manipulação ganhando R\$ 1.300,00 e ela me consultou: ‘Ai, será que eu devo ir? Não é na minha área’. E eu falei: ‘Olha, devido à sua circunstância, dois anos sem nada, eu acho que faria girar alguma coisa, pelo menos você estaria fazendo alguma coisa’.” (entrevista 2)**

Nas atuais condições de produção, o sujeito flexível é o trabalhador que se adapta à qualquer situação, que executa qualquer trabalho sem questionar, independentemente de sua formação. Esteja este trabalhador preparado ou não, capacitado ou não, é preciso realizar a tarefa, ou, como diz o entrevistado, fazer alguma coisa (ou qualquer coisa). Em outras palavras, faz-se qualquer coisa para não ficar desempregado. Os sentidos de flexibilidade são evocados quando os entrevistados dizem “contratava o *Designer Gráfico*, mas o *Designer Gráfico* fazia papel de várias coisas” e “não é na minha área. [...] devido à sua circunstância [...]

pelo menos você estaria fazendo alguma coisa”. Ainda que existisse para os trabalhadores a clareza sobre “desvio de função” (por ser uma das regulamentações contidas na Consolidação das Leis do Trabalho), era preciso ser flexível e se submeter a estas práticas para manter o emprego ou a renda, especialmente em uma época de crise, em que o medo de perder o emprego se torna um aliado das empresas no ganho de produção. Valer-se do termo “pelo menos você está fazendo alguma coisa” como justificativa, também filia o sujeito à Formação Discursiva que dita que o importante e valioso é ter uma ocupação e uma renda, independentemente de qual seja, mesmo que a atividade represente uma violência ao trabalhador e à sua função, acredita-se que é melhor fazer parte do Mercado do que estar fora dele.

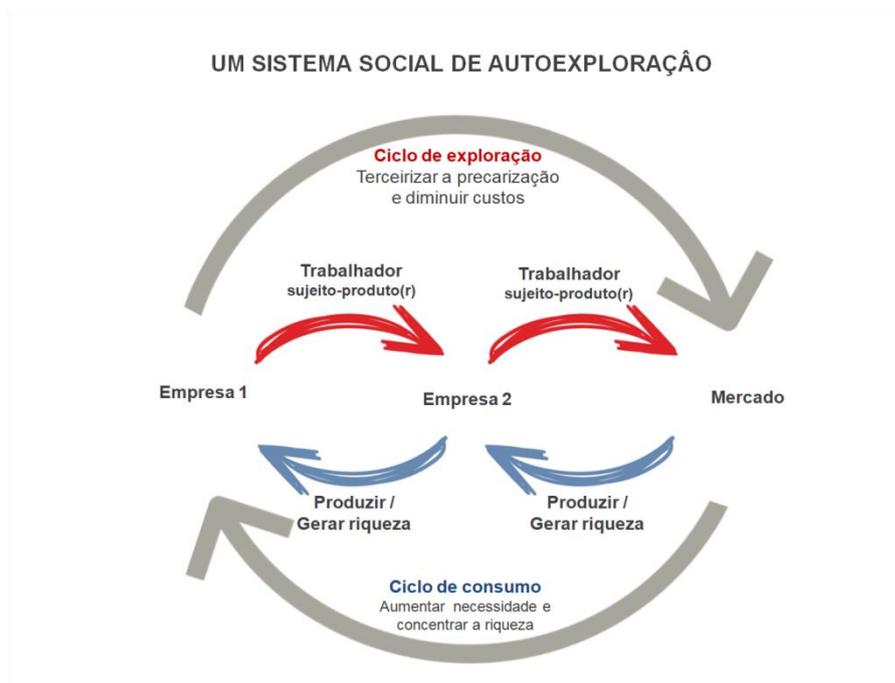
As empresas passam a travestir essa necessidade acelerada de produção e redução de quadro ocupacional com o discurso positivista do profissional flexível, multitarefa, que trabalha com poucos recursos e improvisa com soluções, tornando-o o perfil de trabalhador ideal para as empresas, o trabalhador do futuro. Entretanto, a busca pelo profissional múltiplo se faz necessária porque um trabalhador que transita melhor em diferentes funções consegue realizar o trabalho de mais pessoas, reduzindo os investimentos da empresa em contratações de mão de obra especializada. Lucra-se em cima do trabalhador que faz um pouco de tudo, ainda que ele o faça de maneira inexperiente, despreparada e não qualificada. A flexibilização se expressa na sensação de compressão do tempo e no aumento das jornadas de trabalho, além de significar e se manifestar na “diminuição drástica das fronteiras entre atividade laboral e o espaço da vida privada, no desmonte da legislação trabalhista, nas diferentes formas de contratação da força de trabalho e em sua expressão negada, o desemprego estrutural” (ANTUNES, 2018, p.141).

O funcionamento da contradição se materializa no discurso quando o entrevistado menciona: “...porque aí diminui o quadro de funcionário e aumenta a função pra cada funcionário atuante”. Estes dizeres descortinam a realidade da classe trabalhadora, que, sob a postura de flexibilidade assumida pelas empresas, sofrem com o medo do desemprego e com a deflagração de ambientes corporativos cada vez mais precarizados, exaustivos e exploratórios. O medo do desemprego,

fundamentado pelo discurso da crise, faz com que o funcionário aceite tal precarização e ainda se sinta satisfeito por não estar fora do Mercado de trabalho.

Propomos, com base nas escutas discursivas e no conceito de autoexploração de Han (2017), o fluxograma abaixo, que tem por objetivo ilustrar o que estamos nomeando de “sistema social de autoexploração”.

**Figura 4** – Um sistema social de autoexploração.



Fonte: o próprio autor.

Ao nos referirmos ao ciclo de exploração e ao ciclo de consumo, cada um deles carrega dois eixos constituintes importantes. No ciclo de exploração, os eixos são a precarização e a diminuição de custos, que são consequência um do outro, e o distanciamento entre os trabalhadores, para que foquem mais no “eu” e reduzam a solidariedade com o “nós”. No ciclo de consumo, um de seus eixos é aumentar a necessidade de consumo da população e o outro eixo é a concentração de riquezas, que influenciam diretamente nas relações de poder e domínio e resultam em uma má distribuição de renda e submissão da classe trabalhadora.

A exploração do medo, da ansiedade, da frustração, são artifícios neoliberais para mobilizar a produção. Essas manobras funcionam muito bem pela dificuldade

de se mensurar e visualizar todos os danos psicológicos causados por um ambiente de trabalho hostil e degradante; são dimensões da vivência do trabalhador recorrentemente ignoradas, que desencadeiam sérias questões sociais e subjetivas.

Quando mencionamos a precarização, ela se consolida de diferentes formas nos ambientes corporativos, começando pela falta de estrutura e passando por rotinas desgastantes, baixos salários, práticas e discursos abusivos. Ao mesmo tempo que surge incredulidade diante destas práticas, perguntamo-nos: por que as pessoas deixam isso acontecer? Como tolerar o intolerável?

Dejours (2017, p.19) detecta uma “clivagem” nesse processo, que se divide em duas vias: a injustiça e o sofrimento. Apesar de seu efeito parafrástico, essa clivagem é grave, pois passa a produzir efeitos de evidência de que é assim que as coisas funcionam. O sofrimento humano, ainda que seja uma adversidade, não é visto como um acontecimento que mereça necessariamente uma reação política, pois está dado, o sofrimento faz parte da vida e todos iremos sofrer. O sofrimento pode até gerar caridade, compaixão e solidariedade, mas não cria indignação. Já a injustiça, ancora-se em uma questão de responsabilidade ética e pessoal e tem apelo à ação coletiva.

Deste modo, ver o sofrimento de pessoas trabalhando em situações precárias, se violentando e sendo violentadas, tornou-se uma prática naturalizada, pois acredita-se que é assim que funciona o Mercado de trabalho. O aumento exponencial de desempregados e o aumento da exclusão social agravam e reforçam ainda mais o funcionamento dessas práticas laborais abusivas que se tornam naturalizadas e, até mesmo, necessárias em momentos de crise econômica. Esses trabalhadores não são vistos mais como vítimas, afinal, estes acontecimentos e práticas fazem parte do funcionamento ideológico neoliberal e contribuem para uma sociedade mais narcísica e focada no *self*.

O Estado e o Mercado se valem de justificativas econômico-sociais para se resguardarem legitimarem estas práticas de trabalho, ao afirmarem: “precisamos reduzir custos e expandir nossa atuação de mercado”, “é melhor demitir 200 empregados do que fechar a empresa e todos ficarem sem emprego”, “precisamos

dobrar a meta do ano passado para conseguir manter todo o quadro de empregados”. Culpabilizando o sistema (como se funcionasse de forma independente e autônoma), as empresas naturalizam as transformações que vão surgindo nas relações de trabalho, abafando o sentimento de indignação que poderia emergir nos trabalhadores, que vão perdendo sua identidade e a noção de classe, ao se identificarem com práticas que promovem a hipercompetitividade e a autoexploração. Nos excertos abaixo, podemos relacionar o funcionamento da clivagem proposta por Dejours (2017).

**(RD8) “...pela última estatística que eu li, a gente tem 13 milhões de desempregados no Brasil [...] a gente tem também muitas pessoas que estão naquele momento de desalento, né?! De não procurarem mais emprego, já procuraram tanto que desistiram de procurar e perderam as esperanças.”**  
*(entrevista 2)*

**(RD9) “[sobre sua última chefe] era uma pessoa muito preconceituosa, era uma pessoa que desdenhava de funcionários que tinham um cargo mais baixo, falava mal [...] Ela foi racista muitas vezes, ela foi gordofóbica, ela foi homofóbica muitas vezes, e eu questionava, né?!”** *(entrevista 2)*

No RD8 há menção ao dado numérico (“13 milhões de desempregados”) que, ao mesmo tempo que impacta ao produzir um efeito de verdade, numerifica as pessoas que estão em situação de desemprego. A estatística produz efeitos de um sofrimento já naturalizado à condição de desemprego, pois são muitas pessoas na mesma condição. Assim sendo, o efeito produzido é de que estes acontecimentos são parte de uma crise econômica ampla no país; ela simplesmente acontece, de maneira etérea e intangível, e não há o que se fazer.

O termo “desalentados<sup>32</sup>” surge como uma nova classificação das pessoas que já desistiram de procurar emprego. Trata-se de uma outra maneira de nomear e

---

<sup>32</sup> De acordo com a classificação do IBGE, as pessoas desalentadas são classificadas dentro do seguinte perfil: “pessoas fora da força de trabalho na semana de referência que estavam disponíveis para assumir um trabalho na semana de referência, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por não ter conseguido trabalho adequado, não ter

institucionalizar as injustiças sociais e categorizar o número de trabalhadores fora do mercado de trabalho, que, segundo o IBGE, já ultrapassa a marca de 4,9 milhões de brasileiros. Em seu dizer, o entrevistado parece estar a par da situação econômica atual, mas não se incomoda o suficiente a ponto de achar que alguma mobilização precisa ser iniciada.

Em contrapartida, no RD9, em dizeres do mesmo entrevistado, observamos um posicionamento diferente. As frases “era uma pessoa preconceituosa”, “desdenhava de funcionários que tinham um cargo mais baixo”, “foi racista”, “foi gordofóbica”, “foi homofóbica”, geram incredulidade, descontentamento e a sensação de que sua antiga chefe estava sendo injusta. Deste modo, surge um questionamento, que sinaliza um embate entre os interlocutores, que pôde ser vislumbrado na afirmação “muitas vezes eu questionava, né?!”. O questionar desliza neste enunciado e o não dito significa o “questionar” como uma desaprovação do entrevistado em relação à atitude de sua chefe. A tomada de posição parece ter acontecido, ainda que tenha ocasionado a demissão do entrevistado.

Em suma, ainda que práticas interpretadas como injustas ou como injustiça criem revolta, o sofrimento acaba por contribuir para o aumento da produção, pois quanto mais o trabalhador quer se ver livre do trabalho que o atormenta, mais rápido ele produz, na ilusória ânsia de finalizar suas responsabilidades. Quanto mais medo ele tem de perder o seu emprego, mais ele precisa render, e a somatização destes fatores de tensão reforçam as práticas de autoexploração e hipercompetitividade. É a sobredeterminação do trabalho pelo sofrimento. Nas palavras de Dejours (2015):

De um lado, temos a angústia como correia de transmissão da repressão e, de outro, a irritação e a tensão nervosa como meios de provocar um aumento de produção. Mostra-se então, nesse trabalho de informações telefônicas, que o sofrimento psíquico, longe de ser um epifenômeno, é o próprio instrumento para obtenção do trabalho. O trabalho não causa sofrimento, é o sofrimento que produz trabalho (DEJOURS, 2015, p.134).

---

experiência profissional ou qualificação, não haver trabalho na localidade em que residia ou não conseguir trabalho por ser considerado muito jovem ou muito idoso”.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no primeiro trimestre de 2018. Disponível em: <[http://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Trimestral/Novos\\_Indicadores\\_Sobre\\_a\\_Forca\\_de\\_Trabalho/pnadc\\_201201\\_201801\\_trimestre\\_novos\\_indicadores.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Novos_Indicadores_Sobre_a_Forca_de_Trabalho/pnadc_201201_201801_trimestre_novos_indicadores.pdf)>. Acesso em: 29/12/2019.

O distanciamento também é uma das formas de subjetivação pela força de trabalho. Distanciar as pessoas umas das outras, mina a cidadania, cria a falta de empatia e reforça a satisfação do ego e da hipercompetitividade, criando ambientes de competição generalizada (DARDOT; LAVAL, 2016, p.16). Distanciar líderes de seus liderados, colocando-os em escritórios distantes do que acontece nos campos fabris, por exemplo, é também uma maneira de fazer com que as pessoas não vejam o mal que suas decisões causam no ambiente de trabalho. É uma setorização alienante, em que cada empregado está tão preocupado em fazer o seu trabalho, que não percebe o mal que está causando ao início ou ao final do processo. É uma naturalização de práticas que geram sofrimento.

Antunes (2018, p.28) pondera sobre esta precarização estrutural do trabalho, que tenta ser mascarada com discursos de engajamento e com o distanciamento da realidade vivida pela mão de obra produtora, especialmente no que tange as matérias-primas. Da Índia à França, da Alemanha à Finlândia, a precarização parece ser um movimento que acontece globalmente, como forma de nutrir a racionalidade e o discurso neoliberal. Antunes (*ibidem*) faz uma menção especial à China, que ostenta a fama de ser um país que superexplora sua classe trabalhadora e vive altas taxas de greves. A terceirização destes serviços permite que as grandes transnacionais se distanciem do problema e terceirizem também a culpa da exploração apenas às suas subcontratadas. O mesmo autor faz alguns relatos em sua obra, que nos ajudam a compreender este funcionamento:

A China merece uma nota especial. Lá encontramos, neste início do século XXI, altas taxas de greves, uma vez que as engrenagens do início do capitalismo das transnacionais estão levando ao extremo os níveis de superexploração da classe trabalhadora. As causas são várias, e o exemplo da Foxconn é elucidativo. Fábrica do setor de informática e das tecnologias da comunicação, a Foxconn é um exemplo de *eletronic contract manufacturing* (ECM), modelo de empresa terceirizada responsável pela montagem de produtos eletrônicos para Apple, Nokia, entre várias outras transnacionais. Em sua unidade de Longhua (shenzhen), onde são fabricados os iPhones, ampliaram-se desde 2010 os suicídios de trabalhadores, em sua maioria denunciando a intensa exploração do trabalho ao qual são submetidos (ANTUNES, 2018, p.28).

Esta “terceirização do sofrimento” é também parte do movimento de autoexploração social e surge como tentativa de repassar a responsabilidade da exploração a outrem. A terceirização, e até a quarteirização, aparecem como

manifestações desse distanciamento que precariza. Se são as subcontratadas que exploram seus empregados, as empresas que as contratam se eximem da responsabilidade e preservam sua reputação perante a sociedade. Empresas subcontratadas, muitas vezes, não figuram entre grandes multinacionais, deste modo, têm menos visibilidade e conseguem pagar menos impostos, reduzir a remuneração da mão de obra e encontram facilidades para burlar as leis e certificações trabalhistas. À medida que estas práticas avançam, postos de trabalhos *pejotizados*, intermitentes, informais e até ilegais, passam a fazer parte da nova realidade do trabalho. Antunes (2018) afirma que,

A importância desse mecanismo de contratação se deve, entre outros aspectos, ao fato de que, ao dissimular as relações sociais estabelecidas entre capital e trabalho, convertendo-as em relações interempresas, viabiliza maior flexibilidade das relações de trabalho impondo aos trabalhadores contratos por tempo determinado, de acordo com o ritmo produtivo das empresas contratantes, auxiliando também, de forma importante, na desestruturação da classe trabalhadora (ANTUNES, 2018, p.149).

O distanciamento entre empresas e empregados, entre o trabalhador e a classe trabalhadora e o distanciamento por meio da terceirização, também afastam o trabalhador dos seus direitos. No recorte abaixo podemos observar a materialização de algumas destas estratégias corporativas:

**(RD10) “... eu sempre tive um distanciamento muito grande do meu trabalho, é um trabalho que eu sabia que eu fazia, não porque eu gostava, não porque eu queria, mas é... era só um trabalho [...] a (empresa de telemarketing A) é uma multinacional e ela tem esse distanciamento do funcionário realmente [...] sempre que você tem um problema de salário, de alguma coisa, é uma burocracia enorme para resolver, e as decisões que ela toma em relação ao aumento de salário, pagamento de PLR [Participação nos Lucros e Resultados] é sempre vantajoso para a empresa em si e nunca para o funcionário... ela já lida com o funcionário desta maneira, com esse distanciamento [...] cria um ambiente não agradável, então, eu já tinha esse distanciamento por causa disso.” (entrevista 1)**

No início do recorte, ao dizer “eu sempre tive um distanciamento grande do meu trabalho” o entrevistado parece romper com o que se espera de um empregado da atualidade: ser engajado e “vestir a camisa”. Apesar dos discursos das empresas de “somos uma família”, há um furo, uma falha, que leva o entrevistado para um caminho distinto: o da indiferença com a empresa. Essa indiferença aparece atrelada às práticas institucionalizadas da própria companhia, que prega a proximidade, mas manifesta o distanciamento com o empregado quando “cria um ambiente não agradável”, ou quando “é sempre vantajoso para a empresa em si e nunca para o funcionário” ou ainda ter “burocracia enorme para resolver” qualquer tratativa necessária com o trabalhador. É uma proximidade massificada, automatizada, sem identidade e sem identificação, que acaba por corroborar a sensação do trabalhador de ser apenas um número na organização.

Ressaltamos, também, a instituição do sistema de PLR, citado pelo entrevistado, que segundo Antunes (2018, p.148), coincidiu, no Brasil, com a desindexação salarial imposta pelo governo Federal como parte do Plano Real. “Ocorreu concomitantemente ao fim do ciclo dos acordos das câmaras setoriais, que deram impulso ao processo de reestruturação produtiva”, o que caracteriza mais uma das etapas do processo de desmonte das noções de classe trabalhadora e abertura para um processo de barganha maior entre empresas e empregados, que, reiterando o que foi dito pelo entrevistado: “foi mais vantajoso para as empresas do que para os trabalhadores”.

Este distanciamento parece se alterar, à medida que há mudanças nas hierarquias corporativas; talvez, por se tratar de trabalhadores mais bem remunerados, com mais poderes em mãos ou ainda porque a exploração e o distanciamento sejam processos descendentes, que se intensificam à medida que se amplia a pirâmide socioeconômica e são suavizados a partir de seu afunilamento, selecionando “meritocraticamente” os profissionais “eleitos” para ocuparem determinados cargos. Os dizeres a seguir ilustram esta reflexão.

**(RD11) “Geralmente as pessoas que tinham um... mais envolvimento com a empresa, mais engajamento com a empresa eram os Gerentes. Porque até**

**Supervisor, assim, eles tinham um salário um pouco maior, mas o tratamento era o mesmo [...] Mas os Gerentes, eles tinham mais contato com a (empresa de telecomunicação) em si, né?! Que era o cliente, então, eles tinham um engajamento maior, eles tinham um incentivo maior, que eles recebem o variável.” (entrevista 1)**

A partir dos dizeres acima, observa-se que, quanto mais próximo do cliente está o empregado, mais ele parece se engajar com a empresa, ao passo que, o distanciamento dessas grandes oligarquias transnacionais vai, propositalmente, distanciando o empregado dessa relação de pertencimento e ceifando seus direitos trabalhistas. Os efeitos produzidos nestes dizeres ressoam em nós como se houvesse uma escala de humanização no processo de trabalho, e, à medida que vai se terceirizando a produção, mais o trabalhador vai perdendo sua humanidade, seus direitos e sua voz.

Ao dizer que os “Supervisor[es]... tinham um salário um pouco maior, mas o tratamento era o mesmo”, são evocados os sentidos de “nós” e “eles”, que marcam uma divisão hierárquica e verticalizada elegendo, assim, quem não deve ser tratado com respeito. É interessante observar que, pego pelo efeito de evidência, o entrevistado utiliza a conjunção adversativa “mas” para justificar que, mesmo recebendo um salário melhor, os Supervisores ainda não são tratados de maneira adequada. Neste movimento, o interlocutor antecipa e, ideologicamente, evoca sentidos de que o poder econômico de uma pessoa, supostamente, deveria definir a forma como ela será tratada.

Apesar de Gerentes, Supervisores e Operadores de teleatendimento pertencerem à mesma classe, à classe trabalhadora, há uma ruptura na estrutura organizacional de poder. Essas relações de força fazem com que os empregados que ocupam cargos mais altos propaguem, ainda que não se deem conta disso, a naturalização do sofrimento que advém de práticas precárias e abusivas de trabalho, sem perceberem que estão desestruturando a si mesmos. Dejours (2007, p.109), seguindo o conceito de Hannah Arendt (1963) de “banalidade do mal”, enfatiza o tema em seu livro “A banalização da injustiça social” que, em suma, retrata a

realidade de trabalhadores triviais (nem perversos, nem heróis) que, de alguma forma, corroboram, em sua “normopatia<sup>33</sup>” e banalidade, com a reprodução do mal em seus postos de trabalho. Esse processo de setorização e terceirização também contribui, sistematicamente, para a propagação do sofrimento e da autoexploração nos moldes neoliberais de trabalho.

Essas práticas vão se solidificando na forma sujeito histórica neoliberal e modificando as estruturas de trabalho, não só pela perspectiva do sujeito-produto, mas também pela concepção do sujeito produtor. O “trabalho concreto” produz bens socialmente úteis, porém, os bens de consumo são finitos, ocupam espaço, demandam matéria prima e precisam regenerar-se. A cada ano em que a força de trabalho precisa ser mais enxuta e as metas organizacionais aumentam exponencialmente, percebe-se o funcionamento ideológico da forma sujeito histórica capitalista, que precisa ampliar a produção e, para isso, deteriorar, extrair, explorar e degradar, os recursos naturais e a mão de obra produtiva. Todo esse movimento cíclico bate de frente e eclode com a lógica capitalista neoliberal, que promove, em suas práticas, o excesso e um discurso inesgotável a favor da produção. Para atender às suas próprias necessidades e às exigências de consumo já cristalizadas, o funcionamento neoliberal passou a explorar não só o concreto, mas também o trabalho abstrato, que rompe com a barreira dos recursos finitos e possibilita um consumo incessante, supostamente infinito, de seus produtos e serviços. Antunes (2018) explicita esse funcionamento nos dizeres subsequentes:

[...] o sentido do trabalho que estrutura o capital (o trabalho abstrato) é desestruturante para a humanidade, enquanto seu polo oposto, o trabalho que tem sentido estruturante para a humanidade (o trabalho concreto que cria bens socialmente úteis), torna-se potencialmente desestruturante para o capital. Aqui reside a dialética espetacular do trabalho que muitos de seus críticos foram incapazes de compreender (ANTUNES, 2018, p.26).

Nas possibilidades de vender e agregar valor em produtos e serviços onipresentes, intangíveis e inesgotáveis, presentes nos algoritmos, a forma de se

---

<sup>33</sup> Segundo Dejours (2007, p.115), “Normopatia” é um termo usado por certos psicopatologistas (Schotte, 1986; Mac Dougall, 1982) para designar personalidades que se caracterizam por sua extrema “normalidade”, no sentido de conformismo com as normas do comportamento social e profissional.

trabalhar e de acumular riquezas, potencializadas pelo advento tecnológico, foram drasticamente modificadas.

O advento tecnológico impactou tanto a contemporaneidade, que não foi somente a maneira de trabalharmos que foi alterada, mas também a forma de nos comunicarmos. A língua(gem) se movimentou, deu origem à novas linguagens, como, por exemplo, a memória metálica (a memória da máquina) e a língua de metal. Orlandi (2001; 2010), partindo dos postulados de Pêcheux (1938-1983), propôs a discussão sobre essa memória metálica que, segundo a autora, é constituída por um saber cumulativo, que não historiciza, que não ocupa espaço físico e se dá pelo excesso, pelo acúmulo, pela produtividade e repetição sem rupturas, pelo construto técnico, que “lineariza, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições” (ORLANDI, 2001, p.16).

Deste modo, as novas formas de comunicação e de produção constituíram novas relações de força, em que os dados algorítmicos viraram moedas de troca e ferramenta de dominação da classe trabalhadora. Além do processo de submissão econômica aos “bens concretos”, nas atuais condições de produção, o sujeito produto(r) também é interpelado a consumir “bens abstratos”, que vão de serviços bancários até a comercialização do conhecimento. Se na idade média era limitada a venda de itens, na modernidade as possibilidades de consumo são infindáveis. O produto digital permitiu, inclusive, relações comerciais mundiais, que facilitaram o acúmulo de dados, ao mesmo tempo em que restringiram o poder e o monopólio de informações a poucas empresas e pessoas, fazendo com que o consumo crescesse, mas a distribuição de renda se tornasse cada vez mais desigual e concentrada. Esse movimento mundial faz com que 99%<sup>34</sup> de toda a riqueza do planeta esteja acumulada em apenas 1% da população, descortinando a grotesca desigualdade social no mundo e revelando mais um dos funcionamentos neoliberais.

---

<sup>34</sup> Oxfam GB via Oxfam International. An economy for the 99%. Publicação digital, janeiro/2017. Disponível em: <[https://www-cdn.oxfam.org/s3fs-public/file\\_attachments/bp-economyfor-99-percent-160117-en.pdf](https://www-cdn.oxfam.org/s3fs-public/file_attachments/bp-economyfor-99-percent-160117-en.pdf)>. Acesso em: 30/11/2019.

### **2.3 Desemprego e precarização: as faces do neoliberalismo**

O desemprego e a precarização do trabalho surgem como faces do neoliberalismo; uma forma de subjetivação que catalisa o sofrimento, individualiza o sujeito, isola-o e pulveriza o senso de coletividade dos trabalhadores. Destruir as condições do coletivo e enfraquecê-las são algumas de suas estratégias, fazendo emergir discursos de hipercompetição e aut centrismo nos trabalhadores que são incessantemente avaliados, metrificados, cronometrados, em nome de um ideal de sucesso. Aliado a uma onda de mecanização atrelada ao avanço tecnológico, o desemprego de grande parte da parcela populacional também é previsto na contemporaneidade e parece ser sentido e expresso pelos entrevistados nos recortes abaixo.

**(RD12) “[...] a demanda está muito grande e a oferta não está tão grande assim [...] Eu acho que pelo fato de eu não ter me formado isso é agravante para mim, porque num mercado [...] sobrecarregado de... de... de pessoas, quanto melhor seu currículo, maior são suas chances.” (entrevista 1)**

**(RD13) “Entrevistador: E você acha que foi o cenário de desemprego que afetou desta maneira a [sua] área ou já era assim?**

**Entrevistado: [...] Eu acredito que sim. Essa cobrança da vaga seja maior por conta da crise, se você me perguntar se eu acredito que é por conta da crise, eu vou dizer que sim [...] porque aí diminui o quadro de funcionário e aumenta a função para cada funcionário atuante.” (entrevista 1)**

Os dizeres “num mercado [...] sobrecarregado de pessoas, quanto melhor seu currículo, maior[es] suas chances”, colocam em funcionamento sentidos contraditórios e polissêmicos para a significação de “descarte”. Ao invés do descarte de eletrônicos, de coisas, de itens, as empresas passam a descartar seus profissionais, que facilmente podem ser substituídos por outro trabalhador (ou até mesmo por uma máquina). Esse funcionamento é bem característico do neoliberalismo, que trata o sujeito como produto, descartando-o quando ele já não cumpre mais o seu papel de sujeito produtor ou quando já não tem mais “utilidade” e o “perfil” esperado, desestabilizando os sentidos de dignidade humana.

Analisando o cenário macroeconômico, regido pela lógica neoliberal, tem-se, por um lado, o enfraquecimento de movimentos que poderiam, em certa medida, conter ou pelo menos problematizar as prerrogativas desta forma sujeito histórica, ao passo que, de outro, aumenta o fortalecimento da liberalidade econômica e poder das oligarquias globais, que se estabelecem de maneira onipresente no cotidiano social e tomam cada vez mais para si, de maneira conveniente, o papel central do Estado.

Os discursos motivacionais e institucionais tentam abafar e normatizar o desemprego, o desalento e a precarização do trabalho, tornando-os fatores que fazem parte destas práticas discursivas.

Além dos fatores sociológicos e políticos, os próprios móveis subjetivos da mobilização são enfraquecidos pelo sistema neoliberal: a ação coletiva se tornou mais difícil, porque os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis. As formas de gestão na empresa, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação, são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação. A polarização entre os que desistem e os que são bem-sucedidos mina a solidariedade e a cidadania. Abstenção eleitoral, dessindicalização, racismo, tudo parece conduzir à destruição das condições do coletivo e, por consequência, o enfraquecimento da capacidade de agir contra o neoliberalismo (DARDOT; LAVAL, 2016, p.9).

Os discursos mercadológicos fazem deslizar os sentidos de muitos jargões corporativos, criando efeitos de evidência de que o trabalhador precisa ser independente, dono de si, dos seus horários e do próprio desenvolvimento; por conseguinte, não precisa de tantos direitos, estabilidade, aposentaria e horários plausíveis de trabalho. Uma arma prestes a disparar, apontada à classe trabalhadora e àqueles que tentam se engajar em movimentos antineoliberais. Vencem os que se adequam, se adaptam e tornam-se empreendedores (de si mesmos): essa é a receita da *uberização* e da *pejotização*, em que a precarização das formas de trabalho aparece travestida de independência financeira. No trecho a seguir, um dos entrevistados demonstra preocupação e insegurança com um desses novos formatos de trabalho.

**(RD14) “Comecei a trabalhar com 20 anos e tô com 42, então, nunca tinha acontecido isso [ficar desempregada]. Então, foi realmente um choque, eu fiquei desesperada, mas graças a Deus eu era CLT, funcionária CLT, então, eu**

**sabia que receberia o seguro-desemprego [...] e tudo mais, então eu tive um dinheiro para me manter [...] eu preciso começar a focar em guardar um dinheirinho, fazer uma previdência, eu sou muito viver o hoje [...] hoje em dia eu sou PJ [Pessoa Jurídica], eu presto serviço, eu não tenho mais respaldo de FGTS, essas coisas.” (entrevista 2)**

Ao dizer “graças a Deus eu era CLT [...] eu sabia que receberia o seguro-desemprego” e “eu não tenho mais respaldo do FGTS, essas coisas”, produz-se um efeito de insegurança gerado pelos novos formatos de trabalho, uma vez que, sendo prestador de serviços *pejotizado*, o entrevistado assume uma relação interempresarial com a empresa contratante e não mais estabelece o vínculo empresa e empregado. Ao adentrar a opacidade linguística, é interessante observarmos, a partir dos dizeres, que o que incomoda o trabalhador não é estar sem trabalho, mas sem dinheiro para usufruir do consumo proporcionado por ele.

O trabalho autônomo já é institucionalizado e tem se tornado uma prática cada vez mais difundida e potencializada no mundo, especialmente, pelas novas empresas do ramo tecnológico. O termo *uberização*, por exemplo, ganhou força devido ao pioneirismo da multinacional de tecnologia de transportes Uber, mas não é exclusividade dela a implantação de uma nova forma de trabalho. Na verdade, o sucesso desta multinacional e do modo como oferece seu serviço é sintomático de algumas formas de trabalho, de precarização e de sofrimento gerados sob a ótica do discurso capitalista neoliberal.

No Brasil, um Estado deficitário, o alto índice de desemprego e a má distribuição de riquezas e de renda foi a junção ideal para colocar 41,3% de trabalhadores em ocupações informais<sup>35</sup>. Autoempreendedores, que trabalham mais de 12 horas por dia, dormem nas ruas – por residirem em zonas periféricas e não conseguirem voltar para casa depois de horas a fio na rotina desgastante-, que não possuem vínculo nenhum com a empresa para a qual prestam serviços, tampouco

---

<sup>35</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados via Portal eletrônico G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/30/trabalho-informal-avanca-para-413percent-da-populacao-ocupada-e-atinge-nivel-recorde-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 12/11/2019.

com os usuários que contratam seus serviços. Antunes (2018) apresenta a realidade da nova classe trabalhadora, o “proletariado digital”, que vê na epifania tecnológica a “*gourmetização*” do próprio sofrimento. O título do livro do mesmo autor, que ilustra a forma de trabalho produzida pela tecnologia e por certas condições sócio-históricas, retrata a atual realidade na qual vivenciamos “o privilégio da servidão”, em que se acredita que se está ruim viver com um emprego precarizado e que precariza o próprio trabalhador, pior seria ficar sem ele, tal como materializa o recorte abaixo.

**(RD15) “Ah! O mercado não está bom, então é melhor você ficar onde você tá porque senão vai ser difícil de encontrar.” (entrevista 2)**

Diante da crise econômica que assola o país, com alto índice de desemprego, as empresas encontram brechas para moldar formatos de trabalho que reduzem, cada vez mais, os direitos dos empregados, repassando ao próprio a responsabilidade de se manter empregado. Entre a resistência e a sobrevivência, muitos trabalhadores acabam se submetendo às atuais condições de trabalho, exercendo seus ofícios por valores irrisórios e em condições de trabalho cada vez mais questionáveis. Ainda que sejam muitos os trabalhadores que se dão conta desses desmontes sociais, é surpreendente a quantidade de pessoas que se inscrevem nestas práticas de exploração e ainda agradecem por ter a possibilidade de trabalhar, reproduzindo práticas e discursos que atentam contra o próprio trabalhador.

Além da classificação de Antunes (2018), Han (2017) também postulou o termo “sujeito de desempenho<sup>36</sup>”, que sai de uma sociedade disciplinar e passa para uma sociedade do tudo querer-poder, em que o maior desafio é vencer a batalha contra si mesmo e seus limites físicos e intelectuais, a fim de produzir mais e, ao menos imaginariamente, alcançar tudo aquilo que a sociedade o fez almejar, através

---

<sup>36</sup> Han (2017, p.101) defende que o sujeito de desempenho pós-moderno não está submisso a ninguém. “Propriamente falando, não é mais sujeito, uma vez que esse conceito se caracteriza pela submissão (*subject to, sujet à*, sujeito a). Ele se positiva, liberta-se para um projeto. A mudança de sujeito para projeto, porém, não suprime as coações”. O sujeito de desempenho de Han tem particularidades na concepção de sujeito de base psicanalítica, que conflitam com as teorias de AD, portanto, estamos utilizando neste estudo o termo sujeito produto(r), que parte do princípio de um sujeito interpelado pelo Estado Neoliberal e suas práticas. De todo modo, “sujeito de desempenho” aparece em algumas citações referidas ao autor, para nos mantermos fidedignos à sua formulação.

do próprio trabalho. Corroborando as proposições dos referidos autores, queremos abordar este sujeito trabalhador precarizado como um sujeito produto(r), que gera riqueza para a sociedade e faz funcionar o capital, ao mesmo tempo em que é coisificado, passível de descarte a qualquer momento; um produto. É uma posição sujeito dupla e una, cindida, fruto da subjetivação neoliberal. O trabalhador é individuado pelo Estado e inscrito nestas condições de (ciber)precarização das condições de trabalho, independentemente de seus desejos ou anseios, pois “fazer parte” deste sistema e do modo como ele é gerido e transformado torna-se uma necessidade de sobrevivência.

A fotografia a seguir reproduz uma imagem divulgada no início de 2017, que foi amplamente difundida pelas redes sociais e inflamou discussões acerca das condições de trabalho na atualidade e, até hoje, após mais de dois anos, ainda reverbera nas plataformas digitais. A postagem foi feita por um autor desconhecido e propunha a reflexão sobre a precarização e a falta de direitos dos novos modelos de trabalho. Ainda assim, muitos internautas consideraram a prática como uma modernização, que possibilita ao trabalhador um trabalho mais autônomo e livre.

**Figura 5** – Foto de trabalhador informal que viralizou nas redes sociais.



Fonte: Postagem feita pelo usuário **Ciro Sincero**, Facebook, 2019<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> CIRO SINCERO. A “imagem perfeita do trabalho no século XXI”. Via Facebook. Publicado em: 09/04/2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cirogomessincero/photos/a.1601175729927320/2438278532883698/?type=3&theater>>. Acesso em: 12/11/2019.

Na foto, vemos um jovem trabalhador em seu “horário de expediente”, que não é mais fixo ou pré-definido, no trânsito de uma cidade brasileira, com uma mochila da Uber *Eats*, empresa de *delivery* de alimentos, pertencente à Uber - uma das maiores do segmento no país, usando, como meio de transporte uma bicicleta do banco Itaú, que ocupa a posição de maior banco privado do Brasil. As *bikes* fazem parte de um programa do banco, que estimula seus clientes e cidadãos a utilizarem meios alternativos de transportes em grandes centros. Para tal, disponibiliza em pontos específicos estações com diversas bicicletas e, por meio de planos de pagamento, que começam a partir de R\$ 8,00<sup>38</sup>, é possível utilizar a *Bike* Itaú, podendo devolvê-la ao fim do período contratado em qualquer uma das estações espalhadas pela cidade. O interessante é observar que este tipo de serviço ofertado pelo banco ainda agrega valor à instituição que se vale de um discurso do bem-estar e da mobilidade urbana para vender mais um de seus produtos.

O texto que acompanha a foto é intitulado de “A imagem perfeita do trabalho no século XXI”, que produz sentidos bem distintos dos discursos que circulam sobre trabalho, autoempreendedorismo, empresas autoproclamadas “jovens e digitais”. A interdiscursividade, nestes dizeres, evocam sentidos outros para o que estava socialmente estabilizado como trabalho, produzindo uma estranheza para quem olha um jovem-adulto realizando suas atividades para uma rede de aplicativos, que frequenta uma sede fixa ou um escritório, mas que está nas ruas, sempre em circulação, desestabilizando alguns discursos disseminados no meio corporativo e que haviam sido cristalizados no imaginário social.

O enunciado “Um empregado sem vínculo empregatício e sem direito trabalhista...”, evoca uma série de questões institucionalizadas, que produziram, por muitos anos, a sensação de segurança para os trabalhadores. É quase como ouvir os pais e avós da geração anterior falando: “arrume um trabalho registrado, para que você tenha segurança”, “tem que assinar a carteira”, “faça concurso e tenha segurança para o resto da vida”. É a busca incessante do homem por algo que lhe traga a sensação de seguridade. O autor da postagem, ao dizer que o jovem é um

---

<sup>38</sup> Informações retiradas do site oficial. Disponível em: <<https://bikeitau.com.br/bikerio/planos/>>. Acesso em: 14/11/2019.

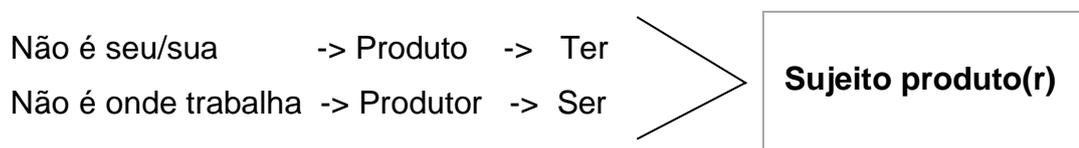
empregado sem vínculo trabalhista, evoca sentidos de desamparo, insegurança, de um desalento que paira nas relações de trabalho da atualidade. Estar sem direito trabalhista significa estar sem plano de saúde, sem aposentadoria, sem afastamento remunerado, sem renda fixa, sem férias; é estar sozinho na jornada, vivendo em um país em que estes direitos se tornaram fundamentais, devido à falta de acesso da população a estes serviços básicos.

Porém, para Bauman (2001, p.202), na modernidade líquida em que vivemos, “ninguém pode razoavelmente supor que está garantido contra a nova rodada de ‘redução de tamanho’, ‘agilização’ e ‘racionalização’.” Mesmo as posições mais privilegiadas podem acabar se tornando temporárias, dispensáveis e desnecessárias, colocando o imaginário de segurança cada vez mais distante das relações de trabalho atuais. Competitividade, flexibilidade e, claro, produtividade, são palavras de ordem do mundo moderno. Pensar no futuro se tornou contraproducente demais, pois tudo muda o tempo todo e a tônica é “viver o agora”. A satisfação precisa ser instantânea em uma sociedade que se tornou instantânea e efêmera. A solidez do passado deu lugar a um presente líquido, moldável, volátil, em que nada é feito para durar, nem o trabalho, que sempre ocupou uma posição central para a constituição do sujeito de direito e deveres e para a organização da sociedade.

Nos trechos “um restaurante que não é onde ele trabalha”, “um aplicativo milionário que também não é onde ele trabalha”, “uma bicicleta que não é sua”, “um banco bilionário que também não é onde ele trabalha”, o autor da postagem trabalha a repetição e a negação, deixando marcas textuais que materializam seu posicionamento através de um “discurso polêmico”, em que o não dito (mas presente) carrega fortes significações de invalidação desta modalidade de trabalho. Orlandi (2015) define o discurso polêmico como um dos possíveis funcionamentos do discurso, que toma como referência as condições de produção e sua relação com o modo de produção de sentidos. Segundo a definição da própria autora, “o discurso polêmico: aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos” (ORLANDI, 2015, p.85).

Neste prisma, o autor do texto postado parece enunciar do lugar de trabalhador, trazendo à tona suas preocupações, angústias e insatisfações com as atuais condições de trabalho. O modo como os enunciados se constituem faz com que os sentidos estejam em constante disputa, filiando-se ora ao discurso sobre/do trabalho, ora ao discurso do Mercado. “Uma bicicleta que não é sua”, e deveria ser? Porque para se trabalhar é preciso se vincular à alguma Instituição? Se víssemos nesta foto um executivo, vestindo um terno, sem vínculo trabalhista, os sentidos produzidos pela imagem seriam outros?

Na opacidade que advém da relação interdiscursiva que compõe estes dizeres, atravessados pela ideologia, alguns possíveis gestos de interpretação nos encaminham para um discurso capitalista neoliberal, em que o “ter” e o “ser” se determinam reciprocamente. É a contradição em funcionamento, a submissão à forma sujeito histórica neoliberal, pois ao se posicionar contra o seu discurso, o autor retorna e filia-se, inconscientemente, à formação discursiva à qual ele demonstra querer combater.



O texto termina com a frase “Ele não trabalha em lugar nenhum...”, descortinando um dos movimentos de transição na perspectiva de consumo neoliberal, em que bens de consumo (tangíveis) perdem espaço para serviços (intangíveis), abstratos e etéreos, que não têm origem e destino fixos. Os bens de consumo imateriais passam a significar de outra maneira a relação do humano com o trabalho. Nas palavras de Antunes (2018),

O capitalismo atual apresenta um processo multiforme, no qual informalidade, precarização, materialidade e imaterialidade se tornaram mecanismos vitais, tanto para a preservação quanto para a ampliação da lei do valor. [...] O mito de que a “sociedade de serviços pós-industrial” eliminaria completamente o proletariado se mostrou um equívoco, Evaporou-se. Desmanchou-se no ar. Na contrapartida, vem aflorando em escala global uma outra tendência, caracterizada pela expansão significativa de trabalhos assalariados no setor de serviços (ANTUNES, 2018, p.33).

O reconhecimento desse proletariado digital por parte da classe trabalhadora já é uma realidade. Na imagem subsequente, podemos observar comentários realizados com base na postagem analisada anteriormente.

**Figura 6** – Comentários de internautas em postagem.



Fonte: Postagem feita pelo usuário **Ciro Sincero**, Facebook, 2019 (ver nota 37).

É interessante observar que, embora haja internautas que se filiam à Formações Discursivas distintas, muitos deles reforçam a lógica neoliberal do empreendedorismo e autonomia, mesmo sem se dar conta disso e mesmo diante de condições de trabalho adversas, como mostrado na foto da postagem. Dizeres como “ainda bem que ta trabalhando honestamente e não se enfiando dentro de uma ladainha de vitima da sociedade. esse é um cidadão de bem nao os ladrõezinhos que a esquerda passa a mão na cabeça [sic.]” e “Que mal há nisso? Melhor seria viver dos Bolsa-Esmola a trabalhar dignamente e prover o próprio sustento? A

esquerda é ridícula [sic.]” produzem sentidos que aproximam o desempregado dos delinquentes, dos folgados que se vitimizam e são parasitas do governo, pelo fato de não terem uma ocupação, ainda que de forma precária. Nota-se, no enunciado reproduzido a seguir, que ter uma ocupação (que não chega a ser uma profissão) já elevaria o indivíduo à condição de cidadão e o tiraria da condição de ladrão: “esse é um cidadão de bem nao os ladrõezinhos que a esquerda passa a mão na cabeça [sic.]”. E a “culpa” de tudo isso parece recair e se resumir às questões político-partidárias de esquerda ou de direita, o que apaga a complexidade das práticas de trabalho afetadas pelas atuais condições materiais de existência.

O efeito produzido pelos dizeres acima atribui, como consequência irreversível do desemprego, a criminalidade e a bandidagem. Do mesmo modo, existem usuários que desaprovam estas práticas, atribuindo a existência dessa realidade às esferas públicas e político-sociais do país e criticando veementemente a “romantização” da precarização e do sofrimento do trabalhador brasileiro. A contradição e o conflito se manifestam entre os usuários, que, por meio de seus comentários, colocam em funcionamento discursos políticos, sociais, trabalhistas, religiosos, que, transpassados ideologicamente e constituídos historicamente, ajudam a criar atmosferas polarizadas e discursos altamente inflamados e acalorados.

Uma das características da precarização é tirar do sujeito trabalhador sua humanidade, ao qualificá-lo como sujeito produto, numerificado, coisificado e desvalorizado. Apresentamos, a seguir, alguns recortes discursivos que materializam essa prática.

**(RD16) “É porque no setor de *telemarketing* a rotatividade é muito grande, então, você sempre é lembrado ali que você não é um funcionário, você é só um número [...] o cliente não paga pelo funcionário indivíduo, pelo trabalho que ele faz, ele paga pelo posto de trabalho só, que a gente chama de PA. Então, a empresa ela não recebe pelo que você faz, e sim por você simplesmente estar sentado ali naquele computador [...] o requisito para o trabalho não é muito exigente, então, é muito fácil de você ser substituído ali.**

**Então, sempre tem esse, o que a gente chama, de fantasma da demissão.”**  
**(entrevista 1)**

**(RD17) “Ah! Da relação da empresa? Numérica. Porque é muito substituível, tipo, você não tá rendendo naquele momento porque você teve um problema, você teve uma depressão, você engravidou... Eu tive três amigas que foram mandadas embora da (*Empresa de comunicação*) no meio da licença maternidade<sup>39</sup>. É o cúmulo! [...] E a mulher ainda é muito pior, imagina, quando engravida tem essa questão e tudo mais.”** (entrevista 2)

Nestes recortes discursivos, é importante destacar que o setor de Serviços é um dos maiores empregadores de celetistas (trabalhadores contratados com base na Consolidação das Leis do Trabalho – CLT) do Brasil, empregando, atualmente, cerca de 45% do total de trabalhadores com carteira assinada<sup>40</sup>. Em *ranking* levantado pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), dentre as 50 companhias que mais geram empregos no país, empresas de teletendimento ocupam o 1º lugar da lista. Estes dados nos remetem à magnitude deste setor e os dizeres “você sempre é lembrado ali que você não é um funcionário, você é só um número” e “Porque [você] é muito substituível. Você não está rendendo ali naquele momento...” passam a ser mais expressivos, ao

---

<sup>39</sup> Antunes (2018) classifica em seu livro trabalhadores e trabalhadoras em sua dimensão de gênero, dada a clara divisão sociossexual do trabalho, frequentemente desigual e diferenciada. Temos convicção e ciência da importância deste recorte, uma vez que em nosso país as mulheres ainda ganham 20,5% a menos que os homens ocupando o mesmo cargo (dados do IBGE 2019 via Agência de notícias IBGE), além de enfrentarem outros desafios como: a maternidade incompreendida e sobrecarga de afazeres, exposição maior aos assédios e práticas machistas no ambiente organizacional. Entretanto, nossa pesquisa não contempla esta divisão, uma vez que estamos articulando aqui sobre o discurso do / sobre o trabalho, partindo da perspectiva discursiva do sujeito trabalhador interpelado e individuado pelo Estado, indistintamente de seu gênero ou orientação sexual. Sujeito este que é a “forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais [...] Este por sua vez se constitui pelo esquecimento do que o constitui, pois é do funcionamento da ideologia em geral que resulta a interpelação dos indivíduos em sujeitos.” (Orlandi, 2015 p.21).

Dados completos da pesquisa do IBGE disponíveis em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens>>. Acesso em 12/11/2019.

<sup>40</sup> Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados via Portal eletrônico G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/04/24/empresas-de-teletendimento-alimentos-e-saude-lideram-lista-de-maiores-empregadores-do-pais-veja-ranking.ghtml>>. Acesso em 12/11/2019.

pensarmos na quantidade de pessoas que fazem parte destes ambientes organizacionais. Dito isto, conseguimos retomar o conceito de proletariado digital de Antunes (2018), que não mais se refere ao *tripalium* ou ao proletariado das décadas passadas - trabalhadores manuais, fabris, mineradores, operadores, que executavam suas atividades em ambientes tóxicos, radioativos, a centenas de metros abaixo da terra, mas ao novo universo do trabalho digital, que integra especialmente o setor de Serviços, cujo ambiente de trabalho é outro, mas continua a ser tóxico e contribuir na produção do sofrimento. Nas palavras do autor,

Apesar de parecer que o proletariado industrial, herdeiro da era taylorista e fordista, vem se reduzindo em várias partes do mundo capitalista central, há também uma forte contratendência, dada pela expansão exponencial de novos contingentes de trabalhadores e trabalhadoras, especialmente no setor de serviços, mas também na agroindústria e na indústria, ainda que de modo diferenciado em vários países [...] (ANTUNES, 2018, p.27).

Este universo põe em funcionamento práticas discursivas que criam um semblante de emprego moderno, modernizado, fácil e descontraído; afinal, os escritórios são repletos de cor, mensagens motivacionais, ambiente de desconpressão (nome comumente dado pelas empresas aos seus ambientes internos de relaxamento), mesas de pingue-pongue e toda a sorte de apetrechos para que o trabalhador se sinta “em casa”. Esta atmosfera acaba por acobertar a jornada extensiva, estressante, exaustiva, repetitiva e mal remunerada de trabalho dos teleatendentes/profissionais de agência de comunicação e, conseqüentemente, faz com que empregados e clientes ignorem o sofrimento psíquico e a nocividade deste tipo de ocupação. Os discursos de emprego moderno em funcionamento nestas práticas, criam efeitos que remetem a postos de trabalho que têm conforto e qualidade de vida, pois contam com cadeiras acolchoadas, ar-condicionado, boa localização, vale-transporte e a sensação de segurança ao se obter plano de saúde e salário ao final de cada mês.

As condições descritas se amparam nos exemplos do teleatendimento e das agências de comunicação, entretanto, são experiências vivenciadas em diversos setores do mercado, em especial no setor de Serviços. Ao enunciar “a empresa não recebe pelo que você faz, e sim por você simplesmente estar sentado ali naquele computador”, o entrevistado coloca-se no lugar de produto, já que sua identidade,

individualidade e qualquer atributo que o qualifique são dispensáveis e facilmente substituíveis. É uma prática de Mercado que desumaniza o empregado, a partir do momento que o que tem valor ali é a posição de trabalho, o posto, e não quem executa a tarefa. Essa automatização e mecanização do trabalhador é reforçada quando ele precisa decorar certos *scripts* de fala e segui-los *ipsis litteris*, sem poder manifestar suas opiniões e aquilo que o torna único. Este processo de subjetivação do sujeito produto(r) em ferramenta automatizada e repetitiva vai, aos poucos, dando origem a profissionais desgostosos, frustrados e exaustos.

Por antecipação dos sentidos, pressupomos que gerir uma empresa com trabalhadores frustrados é uma árdua tarefa, especialmente para a ampliação da produção e cumprimento das metas e resultados. Entretanto, ao de-superficializarmos os sentidos e adentrarmos o funcionamento neoliberal observamos que, mesmo em um ambiente frustrante, alguns fantasmas, como “o fantasma da demissão”, se tornam aliados das empresas. Além da gestão pelo medo, as organizações se valem também da exploração da frustração desses trabalhadores, que desesperados para se livrarem das atividades limitantes, entediantes e alienantes, terminam por produzir com mais agilidade. Dejours (2015) utiliza como exemplo de exploração da frustração um caso ocorrido na empresa PTT<sup>41</sup>, com sede na França, que, não por acaso, também é uma empresa de teleatendimento.

[no trabalho] não se admite nenhuma variação no vocabulário, no número de frases, nem no tempo utilizado para pronunciá-las! É obrigatório que, de algum modo, a telefonista reprima suas intenções, suas iniciativas, sua linguagem. Em outras palavras, sua personalidade. Falar “PTT” é, a cada instante, uma proibição de ser ela mesma (DEJOURS, 2015, p.131).

---

<sup>41</sup> PTT é a sigla de *Postes, Télégrames et Télécommunication*, empresa estatal francesa, que após sua privatização tornou-se a *France Telecom* e, atualmente, *Orange S.A.* Dejours (2015) parece não ter escolhido a empresa por acaso, pois, além de ser uma das maiores empregadoras francesas, a companhia estampa em sua história uma série de acusações de assédio moral e violações de direitos trabalhistas, que levaram diversos de seus trabalhadores ao suicídio. O documentário “France Telecom, investigação aos suicídios”, feito pela Portuguesa SIC notícias, retrata alguns dos escândalos vividos pela companhia a partir de 2008, ano que eclodiram manifestações de trabalhadores franceses em busca de justiça por seus companheiros de trabalho. O documentário não está disponível no site oficial da SIC notícias, no entanto, pode ser facilmente encontrado em plataformas digitais, como o Youtube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=kHsPm3YNh38>>. Acesso em: 25/11/2019.

O relato registrado por Dejours (2015) foi originado por uma pesquisa não publicada de Dominique Dessors, cuja data também não foi mencionada. No entanto, ao que tudo indica, a pesquisa foi realizada entre os anos 80 e 90, enquanto a empresa francesa ainda era uma estatal.

Se nos registros de Dejours e Dessors a situação já era alarmante, com o passar do tempo, só veio a piorar, pois os sinais de esgotamento dos trabalhadores da empresa foram só aumentando. O apogeu da degradação e sofrimento humano se deu quando, entre 2008 e 2009, 35 trabalhadores da, então, France Telecom, cometeram suicídio<sup>42</sup>. Em relatos deixados por algumas das vítimas, elas culpabilizavam a empresa, o ex-CEO, Didier Lombard, seu sub, Luis-Pierre Wenès, e o diretor de Recursos Humanos, Olivier Barberot, de promoverem um sistema de "assédio moral institucionalizado", que teria como objetivo forçar funcionários a pedirem demissão. O desespero desses profissionais foi tanto que optaram pelo suicídio como forma de se livrar do tormento vivido no trabalho.

Em julgamento histórico, os executivos estão respondendo pelo suicídio dos 35 funcionários e o processo, ainda em andamento em dezembro de 2019, pode definir um próximo nível na discussão nacional e internacional sobre as doenças psicopatológicas, que são ocasionadas, sobretudo, pela postura assediadora e terrorista assumida por gestores e pela nocividade vivenciada pelo trabalhador em determinados ambientes organizacionais.

---

<sup>42</sup> Jornal eletrônico BBC News Brasil via Portal eletrônico G1 Notícias, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/07/12/em-julgamento-historico-executivos-na-franca-respondem-por-suicidio-de-35-funcionarios.ghtml>>. Acesso em: 02/12/2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, a palavra trabalho produz efeitos de sentido que não são fixos e que nos remetem a diferentes significações, dependendo das condições sócio-históricas em que foi produzida. Observa-se, atualmente, uma íntima relação do trabalho com o sofrimento e o mal-estar. Nota-se que o significante trabalho nos remete a outros significantes e não se mantém preso a apenas um significado. A partir dessas afirmações e das reflexões aqui arroladas, propomos alguns questionamentos: Será que existe alguma liberdade ou possibilidade de escolha do trabalho que de fato se ama? Qual tipo de trabalhador o Mercado quer? Qual(is) profissão(ões) o Mercado precisa e demanda que o sujeito ame? Mesmo que se tenha acesso ao emprego dos sonhos, seria possível mantê-lo de forma prazerosa, levando-se em conta o avanço da tecnologia e da precarização do trabalho? É presumível que não.

Com base em Orlandi (2015, p.37) que associa as relações de força ao discurso autoritário, podemos sugerir que o Mercado (no caso deste estudo o Mercado de Trabalho) se sobrepõe à figura do Estado, direcionando suas políticas e individuando o sujeito trabalhador para que se adapte às novas regras e demandas ditas coletivas. Essa força do discurso mercadológico é tão presente na atual forma sujeito histórica capitalista neoliberal que ganhou centralidade no funcionamento da sociedade que se organiza no/pelo trabalho. Apesar dos furos e resistências, somos ideologicamente interpelados pela ideologia hegemônica do sistema no qual estamos inseridos. As instituições, ao propagar discursos sobre criar legados, pensar “fora da caixa”, fazer o que se acredita, ter um olhar único e especial para a atividade exercida no trabalho, produzem um efeito de liberdade e de criatividade que cativa adeptos e entusiastas. No entanto, são as práticas e demandas impostas pelo Mercado que regulam o que o trabalhador deve ou não (re)produzir e não o contrário. Perguntamo-nos, então, se realmente as práticas de trabalho (que produzem efeitos de sentido de sofrimento e tortura) se aperfeiçoaram (“evoluíram”?) ao longo da história ou somente ganharam novas roupagens até chegarem à atual conjuntura histórica neoliberal?

Esperamos ter conseguido, no decorrer desta pesquisa, tangenciar e de-superficializar determinados discursos que circulam na contemporaneidade, descortinando alguns sentidos em funcionamento nas práticas neoliberais de trabalho. Ao colocarmos em xeque a evidência dos sentidos e adentrarmos o funcionamento histórico-social e ideológico que constitui as lógicas de Mercado, das Instituições e do próprio Estado, observamos as práticas e discursos do/sobre o trabalho de um outro lugar. Para tal, mobilizamos algumas reflexões sem perder de vista que os sentidos podem ser sempre outros, discursivizados e praticados de outra forma, sob determinadas condições de produção. Entendemos que, até mesmo a escolha dos recortes analisados se caracteriza pelo atravessamento ideológico, já que os sentidos mobilizados no percurso analítico podem ressoar de diferentes maneiras para outros analistas (seja mobilizando os mesmos recortes ou outros). Portanto, não consideramos exploradas todas as possibilidades do tema, tampouco do *corpus discursivo* contido neste estudo. Ainda há muito a se explorar sobre as práticas do/sobre o trabalho, o seu funcionamento no neoliberalismo e a produção do sofrimento advinda dessas práticas.

Compreender o trabalho em sua forma de ser contraditória: mesmo quando é marcado de modo predominante por traços de alienação e estranhamento, ele expressa também, em alguma medida, coágulos de sociabilidade que são perceptíveis particularmente quando comparamos a vida de homens e mulheres que trabalham com a daqueles que se encontram desempregados (ANTUNES, 2018, p.25).

O trabalho como fundante do ser social acaba por constituir, de forma polivalente, a existência humana, sendo associado à felicidade e ao sucesso ao mesmo tempo em que também é fonte de mal-estar. Nossa proposta, neste estudo, foi descortinar algumas práticas e discursos do/sobre o trabalho que produzem sofrimento ao sujeito trabalhador. Percorremos este caminho de análise, não por acreditarmos que o trabalho se resume ao sofrimento, mas para lançar luz a determinados funcionamentos que nos ajudam a pensar e refletir sobre o trabalho com um novo olhar, de uma outra posição, e, quem sabe, contribuir para que os ambientes de trabalho possam ser afetados por este olhar problematizador acerca das práticas de trabalho no neoliberalismo. O trabalho deve ocupar, na sociedade contemporânea, o seu lugar de “parte” no “todo” e não continuar sendo o “todo” na “parte”. Para tanto, é preciso enxergar a nossa existência para além do capital.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Darlan. **Empresas de teleatendimento, alimentos e saúde lideram lista de maiores empregadores do país; veja ranking.** Portal digital G1. Publicado em: 24/04/2019, 06:01. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/04/24/empresas-de-teleatendimento-alimentos-e-saudelideram-lista-de-maiores-empregadores-do-pais-veja-ranking.ghtml>>. Acesso em 12/11/2019.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** 1ª Ed. São Paulo (SP): Editora Boitempo, 2018.

BALDINI, Lauro J. S. **Discurso e cinismo.** In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; (Org.). **Discurso e....** Rio de Janeiro: 7 Letras / Faperj, 2012, v. , p. 103-112.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BECHARA, Evanildo; **Filologia**, p. 157-194. In: ORLANDI, Eni P; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade.** 3º ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 2015.

**Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®.** NVI Copyright. Bíblica Inc.: 1993, 2000, 2011.

**Bike Rio Itaú®.** Disponível em: <<https://bikeitau.com.br/bikerio/planos/>>. Acesso em: 14/11/2019

**Consolidação das Leis do Trabalho – CLT e normas correlatas.** Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt\\_e\\_normas\\_correlatas\\_1ed.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt_e_normas_correlatas_1ed.pdf)>. Acesso em: 08/08/2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 6ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. **Subjetividade, trabalho e ação**. Revista Produção, Paris, v. 14, n. 3, p. 027-034, 2004.

**Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras**©, 2008–2019. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Acesso em: 08/08/2019.

**Dicionário inFormal**©, 2006-2019. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em: 31/08/2019.

**Dicionário Michaelis**©. Editora Melhoramentos Ltda., 2019. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 10/08/2019.

**Earth Overshoot Day. Global Footprint Network**©, 2019. Disponível em: <<https://www.overshootday.org/>>. Acesso em: 02/09/2019.

FERNANDEZ, Adriana. **Como driblar a síndrome de segunda-feira?** Portal digital EXAME. Publicado em: 27/07/2015, 11:05. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/saiba-o-que-fazer-para-driblar-a-sindrome-da-segunda-feira/>>. Acesso em 10/10/2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª Ed. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2014.

GADET, Françoise; PÉCHEUX, Michel. **A língua inatingível: O discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

GRAEBER, David. **Bullshit Jobs: a theory**. New York: Simon & Schuster, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens – Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2017.

Jornal eletrônico BBC News Brasil via portal eletrônico G1 Notícias, 2019. **Em julgamento histórico, executivos na França respondem por suicídio de 35 funcionários**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2019/07/12/em-julgamento-historico-executivos-na-franca-respondem-por-suicidio-de-35-funcionarios.ghtml>>. Acesso em: 02/12/2019.

LYSANDRO-DIAS, Dylia. **Provérbios que são notícia: uma análise discursiva**. Boletim UFMG, Belo Horizonte, ano 27, n. 1316, p. 4, 2001. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1316/quarta.shtml>>. Acesso em: 30/08/2019.

MARIANI, Bethania S. C. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: Editora n-1 edições, 2019.

**Ministério da saúde**©, 2013-2019. Disponível em: <<http://saude.gov.br/>>. Acesso em: 08/11/2019.

NASCIMENTO, Adriano; TONET, Ivo. **Descaminhos da Esquerda: da centralidade do trabalho à centralidade da política**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Alfa-ômega, 2019.

NOGUEIRA, Luciana. **Discurso, sujeito e relações de trabalho: a posição discursiva da Petrobrás.** Tese (doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2015.

NUNES, José Horta; SELIGMAN, Kátia. **Discurso lexicográfico: as reedições do Dicionário da Língua Portuguesa de Moraes.** Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online), São Paulo, v. 47, n.1, p. 37-51, 2003. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4231/3826>>. Acesso em: 15/11/2019.

OECD/FAO/UNCDF. **Adopting a Territorial Approach to Food Security and Nutrition Policy.** OECD, Paris: Publishing, 2016. Disponível em: <[HTTP://dx.doi.org/10.1787/9789264257108-en](http://dx.doi.org/10.1787/9789264257108-en)>. Acesso em: 02/09/2018.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. **Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos.** Revista Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 45, nº 5, p.1517-1538, 2011.

ORLANDI, Eni. **A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade.** RUA [online], nº 16. V. 2, 2010.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 12ª ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia.** 3ª ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 2016.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos.** Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. [1938-1983] **Ler Michel Pêcheux hoje.** In: ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi.* Campinas: Pontes, 2011. p.11-20.

ORLANDI, Eni P; **Análise de discurso**, p. 13-36. In: ORLANDI, Eni P; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade**. 3º ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni P; **Formação ou capacitação: duas formas de ligar sociedade e conhecimento**, p. 141-188. In: ORLANDI, Eni P; FERREIRA, Eliana Lucia (Orgs.). **Discursos sobre a inclusão**. 3º ed. Niterói (RJ): Editora Intertexto, 2014.

ORLANDI, Eni. O Estatuto do Texto na História da Relação sobre a Linguagem. *In: Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001. p. 73-98.

**Organização Mundial da Saúde**©, 2019. Disponível em: <<https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>>. Acesso em: 08/11/2019.

Oxfam GB via Oxfam International. **An economy for the 99%**. Publicação digital, janeiro/2017. Disponível em: <[https://www-cdn.oxfam.org/s3fs-public/file\\_attachments/bp-economyfor-99-percent-160117-en.pdf](https://www-cdn.oxfam.org/s3fs-public/file_attachments/bp-economyfor-99-percent-160117-en.pdf)>. Acesso em: 30/11/2019.

PARADELLA, Darlan. **Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens**. **Agência IBGE Notícias**. Publicado em: 11/03/2019, 09:41. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens>>. Acesso em 12/11/2019.

PAYER, Maria Onice. **Linguagem e sociedade contemporânea - sujeito, mídia e mercado**. Aula inaugural do Mestrado em Linguística da UNIVÁS. Pouso Alegre, 2004.

PÊCHEUX, Michel. [1975] **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. [1938-1983] **Foi “propaganda” mesmo que você disse?** In: ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi*. Campinas: Pontes, 2011. p. 73-92.

**Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua): divulgação trimestral**, 2018-2019. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continuamensal.html?edicao=24663&t=destaques>>. Acesso em: 14/08/2019.

Revista Você RH – Edição fevereiro/março de 2019 – **Matéria Causa Mortis: trabalho**. São Paulo: Editora Abril, 2019.

SANTANA, Wedencley Alves; COSTA, Stephanie Lyanie Melo e. **Quem sou eu para lhe fala assim? A construção de “discursos de si” por pessoas com HIV e o lugar do Analista na entrevista discursiva**. Entremeios: revista de estudos do discurso. v.9, 2014. Disponível em <http://www.entremeios.inf.br>>. Acesso em: 07/11/2019.

SAUSSURE, Ferdinand [1857-1913]. **Curso de linguística geral**. 28ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; *et al.* **Do karoshi no Japão à birôla no Brasil: as faces do trabalho no capitalismo mundializado**. Revista Nera, ano 9, nº 8, p. 74-108, janeiro/junho de 2016.

SILVEIRA, Daniel; ALVARENGA; Darlan. **Trabalho informal avança para 41,3% da população ocupada e atinge nível recorde, diz IBGE**. Portal digital G1. Publicado em: 30/08/2019, 12:07. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/08/30/trabalho-informal-avanca-para-413percent-da-populacao-ocupada-e-atinge-nivel-recorde-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 12/11/2019.

**Significados BR: o que significa (significados), conceitos e definições ao seu alcance**, 2019. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/ossos-do-oficio>>. Acesso em: 31/08/2019.

SGARIONI, Mariana. **As lições do Mestre**. Revista digital Superinteressante. Publicado em 21/12/2004, 22:00. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/as-lico-es-do-mestre/>>. Acesso em: 25/09/2019.

UCHOA, Pablo. **Porque o Japão está pedindo que os trabalhadores tirem uma manhã de segunda-feira de folga**. Jornal eletrônico BBC News Brasil. Publicado em: 21/08/2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45253773>>. Acesso em: 10/08/2019.

## ANEXO I – ROTEIRO EXPLORATÓRIO

 	<p><b>Recorte inicial de entrevistados:</b> homens e mulheres, brasileiro(a), entre 18 e 55 anos, trabalhadores desempregados, de empresas de pequeno, médio e grande portes, moradores dos estados de São Paulo e Minas Gerais.</p> <p><b>Características principais:</b> Ter ficado desempregado(a) nos últimos 2 anos (por demissão involuntária) e ter trabalhado ao menos 1 ano na última empresa.</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p><b>INTRODUÇÃO</b></p> <p>a) Apresentação do entrevistador          b) Explicação do motivo da entrevista.          Objetivo primário: entender a opinião dos entrevistados em relação ao desemprego e as consequências que implica esta posição-sujeito para o indivíduo.          c) Explicação sobre processo de entrevista</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tempo estimado: 20-30 minutos – dependendo da desenvoltura do(s) entrevistado(s).</li> <li>• SINCERIDADE: É uma exploração de percepções, idéias e experiências: não existe certo nem errado para nenhuma pergunta ou assunto.</li> </ul> </div> <p><b>I. APRESENTAÇÃO DO ENTREVISTADO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>_ Nome completo   Idade   Estado Civil   Filhos</li> <li>_ Grau de escolaridade</li> <li>_ Cidade e estado onde mora</li> <li>_ Local e empresa do último emprego</li> <li>_ Tempo de permanência no último emprego</li> <li>_ Motivo da demissão</li> <li>_ Tempo desempregado</li> <li>_ Valor do último salário</li> </ul> <p><b>III. O TRABALHO, O DESEMPREGO E A SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>_ Sensação ao receber a notícia da demissão</li> <li>_ Sensação após, efetivamente, sair da empresa</li> <li>_ Impacto do desemprego no estilo de vida</li> <li>_ Impacto do desemprego na liberdade (financeira, de ir e vir)</li> <li>_ Impacto do desemprego no poder (de fala, de decisão, de compra)</li> <li>_ Impacto enquanto sujeito pessoa-jurídica (direitos e deveres)</li> <li>_ Impacto da identidade e auto percepção</li> </ul> <p><b>IV. O DESEMPREGO E AS RELAÇÕES</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>_ Relações com as pessoas da sociedade</li> <li>_ Relações com os amigos</li> <li>_ Relações com a família</li> <li>_ Lugar de fala e inscrições (personagens)</li> <li>_ Projeção de futuro</li> <li>_ Uma palavra que define o desemprego.</li> </ul> <p><b>II. O TRABALHO, DESEMPREGO E A SOCIEDADE</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>_ Situação do Brasil em relação ao desemprego</li> <li>_ Situação da cidade que mora/trabalha em relação ao desemprego</li> <li>_ Situação do mercado e da área de atuação em relação ao desemprego</li> <li>_ Representação do seu trabalho perante a sociedade</li> <li>_ Representação do desemprego perante a sociedade</li> </ul>	<div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p><b>CONCLUSÃO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reforçar sigilo das informações prestadas.</li> <li>• Agradecer a participação e deixar aberta a possibilidade de contato futuro, e para mais esclarecimentos no momento de consolidação da pesquisa.</li> </ul> </div>
---	---	---

## **ANEXO II – TRANSCRIÇÕES DAS ESCUTAS DISCURSIVAS**

Considerações iniciais:

- a. O nome dos entrevistados, de seus respectivos empregadores e empresas citadas durante as entrevistas foram suprimidos, como forma de preservar a identidade dos participantes e manter a confidencialidade do processo de pesquisa.
- b. As entrevistas foram transcritas tal qual a fala dos entrevistados, contemplando suas pausas, reações demonstradas durante as respostas e características presentes em suas falas (gírias, supressões gramaticais, repetição etc.).

### **ENTREVISTA 1**

Realizada em 17 de julho de 2018.

**Entrevistado:** Meu nome é (*Entrevistado 1*), tenho 28 anos e sou solteiro. Sem filhos, tenho ensino Médio completo, moro em Cruzília, Minas Gerais. Meu último emprego foi na (*Empresa de telemarketing A*), em Juiz de fora, eu fiquei lá por 5 anos. O motivo da demissão foi demissão em massa por término de contrato da empresa com o cliente. Meu tempo desempregado já chega há 1 ano e... 2 meses. O valor do meu último salário acho que foi R\$1.200,00 e pouco.

**Entrevistador:** **O que você acha da situação do Brasil em relação ao desemprego?**

**Entrevistado:** Então, eu acho que se ouve mesmo, né?! Da crise, do desemprego e em números, está muito alto. Só que eu acabei percebendo isso pessoalmente mesmo nesse processo em que eu fui demitido e que eu comecei a procurar trabalho. Que as vagas estavam sendo muito concorridas, e até mesmo quando você sai na rua para entregar currículo, você vê muita gente com envelopinho de currículo assim na mão, então, é uma coisa que se diz e uma coisa que eu presenciei, que eu vivi também.

**Entrevistador:** **Pelo que você mencionou você teve uma percepção diferente sobre o desemprego ao estar na situação?**

**Entrevistado:** Ah, sim. É porque enquanto eu tava trabalhando, a dita crise não... não era clara pra mim, eu sabia que o país estava passando por algo, mas eu tava trabalhando, tava sobrevivendo e tudo ok. Mas quando eu fiquei desempregado que eu... que eu tive que lidar com essa situação de procurar emprego, de... de procurar emprego mesmo, que eu percebi a questão do desemprego mesmo, sacou?! Que eu vi... que eu notei que realmente existem muitas pessoas desempregadas, a demanda está muito grande e a oferta não está tão grande assim.

**Entrevistador: E o que isso implica para você em um contexto social?**

**Entrevistado:** [hesitação] Ah, implica... me atinge diretamente porque eu tô desempregado desde então. Eu acho que pelo fato de eu não ter me formado isso é agravante para mim, porque num mercado que está superfaturado... super sobrecarregado de...de...de pessoas, quanto melhor o seu currículo, maior são suas chances. Embora eu tenha experiência em currículo eu não tenho uma formação, então, isso pra mim é um agravante.

**Entrevistador: E você acha que neste momento o cenário do desemprego está melhor ou pior que anteriormente?**

**Entrevistado:** Pois é, eu... eu depois, eu fiquei procurando... eu fui demitido em abril, comecei procurar efetivamente trabalho em julho e fiquei até março desse ano procurando emprego. No começo eu tinha uma expectativa melhor, então é... em relação a minha visão sobre isso eu tinha uma visão um pouco mais positiva do que eu realmente vi, do que eu presenciei, na verdade, e... no começo eu achava que seria mais fácil, então, eu até cheguei a negar algumas... algumas vagas de emprego no início, achando que eu ia conseguir algo melhor depois, não aconteceu. E depois que eu voltei... que eu tive... que eu passei por esse processo, como eu tava desempregado é... por questões financeiras eu tive que voltar para a minha cidade natal, então, desde que eu vim pra cá meu contato tem sido só ...é... on-line, né?! Virtual, minha procura tem sido só virtual então eu não sei se...se melhorou ainda, pare... aparentemente não, mas eu vou descobrir quando eu realmente começar esse trabalho de novo de entregar currículo de todas as formas, assim.

**Entrevistador: E a situação de desemprego na sua cidade atual, que no caso é Cruzília? Se você fizer um paralelo, a situação está parecida em relação a Juiz de Fora?**

**Entrevistado:** Então, não, eu acho que não são não. Porque Cruzília é uma cidade um pouco dife... é uma cidade pequena. Juiz de Fora é uma cidade maior, quase uma metrópole, então ela... ela sente mais essa questão da crise. Acho que o problema de desemprego na cidade de Cruzília é...é... é relacionada aos problemas que cidade pequena tem mesmo, né?! As ofertas são poucas de emprego e quando existem, elas são direcionadas, né?! Para... para pessoas que tem mesmo contato, currículo já deixa de ser tão importante, já não é tão importante mais. Aqui tem, obviamente, tem uma estrutura industrial aqui, que é o que tá mais contratando, né?! Que é a (*Empresa do segmento industrial*) que veio para cá, então acho que... sim, é mais amenizado, eu acho, aqui em Cruzília, essa questão do desemprego aqui. Proporcionalmente falando, porque a... eu acho que afeta menos, sabe?! Acho que afeta... acho que são diferentes. Aqui existe sim a questão, vejo muita gente que reclama de emprego aqui, mas não...não pela crise em si.

**Entrevistador: E em relação a situação de desemprego e a sua área de atuação?**

**Entrevistado:** Então, o que eu vejo, o que eu percebi que eu também procurei trabalho na minha área é que até afetou a forma de como se contrata um profissional na minha área hoje em...nessa situação toda, porque a maioria dos trabalhos que contratavam Design Gráfico, não contratava só Design Gráfico, sacou?! Por exemplo, tinha uma empresa que contratava Design Gráfico, mas o Design Gráfico fazia papel de várias coisas, ele tinha que... é... lançar nota, era uma coisa mais administrativa, sacou?! Tinha um desvio da função. Tinha que saber mexer com programação, que também faz parte da área, mas não é tão da área, sacou?!

**Entrevistador: E você acha que foi o cenário de desemprego que afetou desta maneira a área ou já era assim antes?**

**Entrevistado:** Então, efetivamente na área de Design Gráfico eu comecei a procu... porque quando eu trabalhava na (*Empresa de telemarketing A*), fiquei lá por 5 anos, era o período que eu tava cursando, eu não procurei trabalho de carteira assinada na área, eu só fazia *freelance... freelance* mesmo. E eu percebi isso agora, eu não sei se isso foi uma... se essa... se esse desvio de função e essa cobrança, né?! Eu acredito que sim. Essa cobrança da vaga seja maior por conta da crise, se você me perguntar se eu acredito que é por conta da crise, eu vou dizer que sim.

**Entrevistador:** Como você falou sobre a quantidade de oferta, então quando você tem uma demanda mais baixa, a empresa tem mais opção para escolher. E para as empresas também é necessário um corte de gastos e precisa fazer com que os profissionais precisem atuar em mais áreas. É isso?

**Entrevistado:** É acho que o ponto é exatamente esse, porque aí diminui o quadro de funcionário e aumenta a função pra cada funcionário atuante.

**Entrevistador:** E você acredita que o cenário de desemprego no país se deve a qual motivo?

**Entrevistado:** Hum... eu tenho acompanhado bastante a política, mas agora me deu um branco com a sua pergunta. [risada] Espera aí.

**Entrevistador:** E quando a gente fala do desemprego e o indivíduo, é o ponto que fica mais forte o processo de desemprego como um todo. Gostaria que você contasse um pouco de como foi o seu processo de demissão, desde quando você recebeu a notícia da demissão.

**Entrevistado:** Então, eu acho que nesse aspecto foi tranquilo, porque *telemarketing*, existe um pouco dessa ... do fantasma da demissão. Eu trabalhei até hoje na minha vida... eu só trabalhei com esse cargo e existe esse fantasma o todo momento, existe aquela cobrança grande, eles sempre falam de corte, e ali naquela situação eu já sabia que existia essa ... esse boato de que a campanha, não estava indo bem...

**Entrevistador: O que é uma campanha?**

**Entrevistado:** A campanha era o trabalho que a gente fazia de auditoria, eu trabalhei para uma empresa que presta auditoria pra um cliente que é uma empresa de telecomunicações, no caso, era a (*Empresa de telecomunicação*). Então, os resultados que a gente estava entregando não estavam satisfatórios e eles já falavam de corte há um tempinho, já.

**Entrevistador: O resultado que não estava satisfatório era da equipe ou individual?**

**Entrevistado:** Era um resultado em equipe e o resultado individual também, mas o meu setor não tinha metas, a gente não tinha metas, mas tinha que entregar o resultado. Eu esqueci qual foi a pergunta... [risada]

**Entrevistador: Antes de voltarmos à pergunta, me fale um pouquinho sobre essa questão de existir um fantasma da demissão no seu setor. Era algo sempre presente? Vinha das pessoas, dos chefes...?**

**Entrevistado:** É porque no setor de *telemarketing* a rotatividade é muito grande, então, você sempre é lembrado ali que você não é um funcionário, você é só um número, entendeu?! Até o... até se a gente for pegar outras questões, a empresa... o cliente não paga pelo funcionário indivíduo, pelo trabalho que ele faz, ele paga pelo posto de trabalho só, que a gente chama de PA. Então, a empresa ela não recebe pelo que você faz, e sim por você simplesmente estar sentado ali naquele computador, sacou?! Então, você é a todo momento lembrado disso, a rotatividade é muito grande, e também é...a... o requisito para o trabalho não é muito exigente, então, é muito fácil de você ser substituído ali. Então, sempre tem esse, o que a gente chama, de fantasma da demissão.

**Entrevistador: E o que esse fantasma te causava?**

**Entrevistado:** Nada, na verdade. [risada] Eu já estava acostumado. Eu trabalhei lá 5 anos, então... E quando aconteceu a demissão, não foi uma coisa que ... Foi uma coisa que me surpreendeu de forma imediata, porque a gente não esperava que fosse naquele dia. Eu cheguei para trabalhar normalmente e já fui barrado logo na catraca, já fui direcionado para o RH, e eu cheguei lá e já tinha 300 pessoas na mesma sala, ouvindo, né... o motivo da demissão, foi uma coisa meio... foi um evento, assim. [risada] Mas não foi nada que a gente já não esperasse.

**Entrevistador:** Mas como foi essa espera ali das pessoas, em que situação, essa situação de ter sido barrado na catraca...?

**Entrevistado:** Sim...então. É uma coisa... é... a representação que traz é exatamente isso que eu acabei de falar, o que você significa para a empresa, que é realmente nada, né?! E, tipo, eles te demitem, e antes de você ser demitido, você não pertence mais àquela empresa, você não pode nem entrar mais, então, os supervisores ficavam te esperando na catraca, então na hora que você ia entrar eles já te barravam. Isso representa o quanto você... o quanto o funcionário ali, pelo menos a posição que a gente tinha no trabalho, não significava nada para a empresa. Porque antes de você ser demitido oficialmente você já não podia nem ter contato mais com os colegas que não foram demitidos, você não podia nem entrar, você já era barrado logo na catraca mesmo.

**Entrevistador:** O que esse acontecimento te traz de sensação?

**Entrevistado:** Então, é... você fala em relação a estar desempregado ou a não significar nada para a empresa?

**Entrevistador:** Essa questão do “não significar nada” e a forma como isso acontece. O fato de ser barrado, não poder ter contato com colegas...

**Entrevistado:** É uma coisa que não me afetou tanto porque eu sempre tive um distanciamento muito grande do meu trabalho, é um trabalho que eu sabia que eu fazia, não porque eu gostava, não porque eu queria, mas é... era só um trabalho que

eu fazia, assim. Eu conheci a empresa, a (*Empresa de telemarketing A*) é uma multinacional, e ela tem esse distanciamento de funcionário realmente, assim. É, todas as questões, sempre que você tem um problema de salário, de alguma coisa, é uma burocracia enorme para resolver, e as decisões que ela toma em relação a aumento de salário, a pagamento de PLR é sempre vantajoso para a empresa em si e nunca pro funcionário, então ela tem esse... ela já lida com o funcionário dessa maneira. Com esse distanciamento, com essa... cria um ambiente de trabalho não agradável, então, eu já tinha esse distanciamento por causa disso.

**Entrevistador: Esse tratamento tem alguma ligação com o cargo?**

**Entrevistado:** Geralmente as pessoas que tinham um... mais envolvimento com a empresa, mais engajamento com a empresa eram os Gerentes. Porque até Supervisor, eles tinham um salário um pouco maior, mas o tratamento era o mesmo. Era a mesma coisa. Mas os Gerentes, eles tinham mais contato com a (*Empresa de telecomunicação*) em si, né?! Que era o cliente, então, eles tinham um engajamento um pouco maior, eles tinham um incentivo maior, que eles recebem o variável.

**Entrevistador: Você acha que é um padrão das empresas ser dessa maneira com o colaborador?**

**Entrevistado:** Não, eu acho que não. Porque eu trabalhei em outra empresa que foi a (*Empresa de telemarketing B*) e ela tinha um tratamento um pouco diferente, em vários aspectos. A (*Empresa de telemarketing B*), ela tinha uma organização interna melhor, ela tinha um RH melhor, assim, um RH que interagia mais, ela tinha uma comunicação interna bem bacana, assim. E lá aconteceu exatamente a mesma coisa, a empresa fechou em 2009, eu trabalhei lá por 3 meses só e foi bem diferente, sabe? A gente chegou para trabalhar, a gente não foi trabalhar, eles levaram a gente para uma sala de reunião, ela explicou o que ia acontecer, a gente nem tinha sido demitido ainda. No dia a gente nem trabalhou. Então, acho que isso é uma característica da (*Empresa de telemarketing A*) mesmo, especificamente. Mas essa coisa que eu falei do fantasma da demissão, isso acontecia na (*Empresa de*

*telemarketing B*) também, lá você também era substituível, você tinha que cumprir o seu papel, senão...

**Entrevistador: Você já passou pelo processo de demissão quantas vezes?**

**Entrevistado:** Foram umas 3 vezes.

**Entrevistador: E todas as vezes foram similares a esse relato que você deu?**

**Entrevistado:** Sim. Na (*Empresa de telemarketing B*), na (*Empresa financeira*) e na (*Empresa de telemarketing A*).

**Entrevistador: O que o seu tempo na (*Empresa de telemarketing A*) te acrescentou como identidade e na sua constituição como pessoa? Dessa relação, tirando a parte financeira de você prestar o serviço e receber por isso, o que teve de troca entre você e a empresa?**

**Entrevistado:** Então, eu sempre tive esse afastamento da (*Empresa de telemarketing A*), porque a (*Empresa de telemarketing A*) é uma empresa é... que, assim, no sentido geral, ela não te enxerga como funcionário, então, ela não cria essa relação e não cria essa construção. Porém, existe também... a relação funcionário e empresa não é só entre funcionário e empresa, né?! Tem os seus supervisores, você acaba tendo uma relação mais íntima com as pessoas que estão ali no mesmo hábito que você e tal. Relação de trabalho mesmo e essas pessoas, essas pessoas, não a empresa em si. Elas começam a te reconhecer como funcionário e elas começam a te dar oportunidades e tal. Então, eu acho que profissionalmente eu cresci ali sim, aprendi muita coisa. O nosso setor era bem administrativo, então, acho que principalmente relações interpessoais de trabalho eu consegui trabalhar ali, mas...acho que é só isso.

**Entrevistador: E após você efetivamente sair da empresa, qual foi a sensação no primeiro dia fora sem emprego?**

**Entrevistado:** A sensação foi de liberdade no primeiro momento, porque trabalhar na (*Empresa de telemarketing A*) também te trazia... te colocava... eu não sei descrever, mas é uma coisa que parecia que aquilo era...era... não sei explicar, velho. Aquilo parecia mais importante do que realmente era. Então, a empresa te exigia muito de uma coisa que se você fizesse menos ou mais não alteraria o seu salário, não mudaria a sua responsabilidade, entendeu? Aliás, você não precisaria ir além daquilo, mas o ambiente te deixava... te dava essa noção de que você tinha que se entregar muito pra aquilo. Então, quando a gente, isso acho que a maioria das pessoas ali, quando a gente saiu, quando a gente foi demitido, a primeira sensação foi de liberdade, assim, se juntou todo mundo, depois de assinar a homologação lá e foi meio de comemoração, porque não era um trabalho tão bacana, sabe? Então... Só que depois da sensação de liberdade, vem a sensação de vazio, tipo... “E agora? O que farei?” [risada]

**Entrevistador: E qual foi o impacto do desemprego no seu estilo de vida?**

**Entrevistado:** Todo, né? Foi um impacto muito grande, porque eu tive que me deslocar de uma cidade para outra, no caso a cidade que eu estava me mantendo para minha cidade natal. Eu não tenho autonomia financeira mais. Então, influenciou totalmente. No início não, né, porque 5 anos te dá uma rescisão um pouco bacana, mas... é, como não consegui um trabalho foi uma coisa que me influenciou financeiramente totalmente, assim...

**Entrevistador: E esse impacto na sua liberdade financeira e de ir e vir, digamos assim, o que te traz de sensação?**

**Entrevistado:** Sensação? Ah, é a liberdade do início que não existe mais. [risada] A liberdade que senti logo ao sair da empresa não existe mais, entendeu?! Fica difícil tomar qualquer decisão, para resolver a vida, quando você está desempregado porque você não tem recurso, é... o fundamental é recurso, você tem que ter recurso para fazer qualquer coisa. Então, você perde essa liberdade de ir e vir, não só de ir e vir, de fazer qualquer coisa...cê...cê tem que se privar de muita coisa que cê fazia antes, tem que ser muito mais controlado.

**Entrevistador: E o impacto do desemprego no seu poder de fala, poder de compra, poder de decisão?**

**Entrevistado:** Eu acho que eu criei uma... acaba distorcendo a sua identidade quando você está desempregado, entendeu? Principalmente pelo processo em si de entregar currículo e não receber uma resposta, de entregar currículo e não receber um *feedback*, então acaba... você acaba... eu acabei distorcendo a imagem que eu tenho sobre mim, por conta disso. Porque você literalmente perde esse poder de... de... você desconstrói a imagem que você tinha sobre você antes, entendeu? Porque afeta a confiança, afeta um monte de coisas, você desconstrói essa imagem, você acaba desconstruindo essa imagem. Você não tem o poder de fala porque você não tá em lugar nenhum. Poder de consumo também, você não pode consumir, então, isso acaba...

**Entrevistador: Mas qual a imagem que você tinha de você mesmo antes e agora?**

**Entrevistado:** Eu acho que basicamente uma pessoa que... é... interagia com a sociedade, né? Em todos os sentidos. Era uma pessoa que consumia, uma pessoa que produzia e você deixa de ser isso, você deixa de ser algo que a sociedade precisa em todos os sentidos. Até porque você está distribuindo currículo, você não está conseguindo, então você meio que é tirado do meio social de diversas formas.

**Entrevistador: Você citou uma questão de autoconfiança anteriormente, de como você se enxergava antes do desemprego e como você se enxerga hoje desempregado. Como essa situação afetou a sua autopercepção?**

**Entrevistado:** Então, você acaba acreditando, ou até entendendo um pouco mais... eu acabei acreditando e entendendo um pouco mais o que a (*Empresa de telemarketing A*), por exemplo, já me dizia há muito tempo, que no mercado de trabalho você não... não existe ego, não existe estabilidade. Obviamente que existe sim, existem cargos que só podem ser exercidos por pessoas específicos, mas você precisa de muito para chegar nesse nível, então você ... acabou me mudando essa...

entendendo que na verdade o que a (*Empresa de telemarketing A*) fazia é a forma como o mercado funciona mesmo, talvez. Você ... é uma relação fria.

**Entrevistador: A gente chama de sujeito pessoa-jurídica, que seria o sujeito de direitos e deveres. Você sente que de alguma forma o desemprego impacta nos seus direitos e deveres perante a sociedade?**

**Entrevistado:** Foi o que eu disse, quando você não tá trabalhando, você perde a autonomia sobre você, sobre as coisas que você faz. Automaticamente, você deixa...você é excluído do convívio social de diversas formas, então, cê não tá pagando INSS, cê não tá... sei lá... pagando aluguel, sua vida acaba se estagnando, entendeu? Então, em todos os sentidos de coisas que as pessoas deveriam fazer em relação a qualidade de vida é afetado, sim.

**Entrevistador: Como o desemprego impacta a sua relação com as pessoas da sociedade, não da sociedade como entidade, mas com as pessoas do seu convívio?**

**Entrevistado:** Afeta, principalmente porque eu me mantinha em uma cidade que não era a minha cidade natal, eu me mantinha por conta própria. Então, afetou principalmente a convivência com as pessoas, a permanência da relação com as pessoas, porque, como eu não pude continuar lá, tive que abdicar dessas relações também, para voltar para a minha cidade. E também muda a percepção das pessoas para você, né?! Quando você... eu acredito que quando cê tá desempregado, elas te olham com uma cara de... com uma outra visão, te veem numa situação de fragilidade, muda a conduta delas com você tanto para bom quanto para ruim. Mas acho que é normal, é a vida. [risada]

**Entrevistador: E na sua relação com seus amigos, que são figuras mais próximas, como o desemprego impactou?**

**Entrevistado:** Com os amigos em si não afetou tanto, porque é... se o problema é a distância, o meu círculo de amizade em geral já é mais distante. Vou tentar ser mais

claro falando de amigos em geral, amizade afetou, obviamente, mas principalmente as de Juiz de Fora, né?! Que aí deixa de ter a convivência, deixa de ter o presencial. Mas acho que pelo... pela... hoje em dia a comunicação já é uma coisa mais tranquila, então, afeta, mas afeta de uma forma mais amena. Mas afetou meu relacionamento, né? Que eu me mudando para cá, eu não pude manter o meu relacionamento mais, por questões de distância mesmo. E isso se deve ao fato de eu estar desempregado, foi como começou o processo e culminou em tudo isso, né?! Porque a distância, no nosso caso, é uma problemática, e foi um problema não vencido. E afetou de uma forma terminal mesmo.

**Entrevistador: E a sua relação com a família, afetou?**

**Entrevistado:** Acaba sendo mais intrínseca, intrínseca não, mais intensa, porque você... eu dependo muito da minha família atualmente, nesse momento. Por não ter recurso, não ter um salário, eu dependo muito para tomar qualquer decisão, e até mesmo pra dar uma solução pro...pra esse problema, eu dependo muito, muito, muito da minha família, então acaba intensificando a relação de uma forma não tão agradável, porque a dependência não é uma coisa boa, mas tem esse impacto. Hoje quem me ajuda mais é a minha mãe e a minha madrinha, que são as pessoas que eu tenho mais relação e são as pessoas que mais me ajudam nessa situação. Também tive a ajuda de amigo também, lá em Juiz de Fora por um tempo, eu morava com uma amiga, a Thais, e quando eu fui demitido... antes de eu sair, antes de eu efetivamente sair da casa dela, ela me ajudou, diminuindo o valor dos custos da casa e tudo mais.

**Entrevistador: E quando você amplia um pouco a relação com a família, se falarmos mais de parentes distantes, muda algo?**

**Entrevistado:** Não, porque eu não me relaciono tanto com parentes distantes.

**Entrevistador: E para finalizar, se fosse para você se sentir como um personagem da sociedade, você estaria em que papel neste momento?**

**Entrevistado:** É, infelizmente me vejo como estatística hoje em dia. [risada] Como estatística da figura jovem, desempregada, que teve que largar faculdade, teve que largar tudo e isso eu vejo que é um personagem comum nos dias de hoje. E minha sensação é de lamentação, não gostaria, mas...

**Entrevistador: O que você espera daqui para frente?**

**Entrevistado:** Eu espero que as coisas melhorem de alguma forma, mas eu vou seguir tentando, vou traçar um plano... com a... com a ajuda da minha mãe, obviamente, como eu disse, eu tô dependendo muito dela agora e eu vou tentar, aliás, o meu plano é tentar ir pra uma cidade que seja um pouco melhor que a cidade que eu estava, que é Juiz de Fora, em questão de desemprego, porque Juiz de Fora é um lugar que realmente tá meio impraticável. Ai eu vou pra uma capital, pra uma cidade que tem... deveria pelo menos, ter mais oportunidade, tentar recomeçar a vida lá.

## **ENTREVISTA 2**

Realizada em 08 de agosto de 2018.

**Entrevistada:** Meu nome é (*Entrevistada 2*), tenho 41 anos, solteira, sem filhos. Meu grau de escolaridade é pós-graduação completa, cidade de São Paulo, estado São Paulo. O local do Meu último emprego foi uma agência de comunicação e *marketing* chamado (*Empresa de comunicação*), em São Paulo. Eu fiquei lá por 9 anos e o motivo da minha demissão foi um motivo sem justa causa, sem Causa aparente. Eu fiquei 1 mês e 15 dias exatos desempregada e o valor do meu último salário CLT lá era R\$ 5.640,00.

**Entrevistador:** **O que você acha da situação do Brasil em relação ao desemprego?**

**Entrevistada:** É, a gente tá numa fase estável agora, aparentemente, mas um estável ruim, porque pela última estatística que eu li a gente tem 13 milhões de desempregados no Brasil, não cresceu mas também não diminuiu, então, é uma situação estável ruim e a gente tem também muitas pessoas que estão naquele momento de desalento, né?! De não procurar mais emprego, já procurou tanto, que desistiu de procurar e perderam as esperanças. Então, isso é bem grave, bem grave, a pessoa não quer mais nem procurar.

**Entrevistador:** **E você sente isso nas pessoas do seu convívio?**

**Entrevistada:** Olha, eu tive eu tive algumas amigas que ficaram muito tempo desempregadas, uma, inclusive, ficou dois anos. É bastante, né? Bastante tempo e ela conseguiu um emprego agora numa farmácia de manipulação ganhando R\$ 1.300,00 e ela me consultou: “Ai, será que eu devo ir? Não é na minha área.” e eu falei “Olha! devido à sua circunstância, dois anos sem nada, eu acho que faria girar alguma coisa, pelo menos você estaria fazendo alguma coisa.”. E aí poderia procurar outras coisas com um pouco mais de calma, né?! Mas olha, eu não vejo

muitos amigos próximos passando por isso não, não vejo, e quem eu vejo já consegue algo rápido.

**Entrevistador: Você acha que é por conta da sua área de atuação?**

**Entrevistada:** Eu acho que é nossa área de comunicação, de *freela*, sim. Então, na minha área não é muito comum ficar tanto tempo desempregado, tá?!

**Entrevistador: Você acha que, estando em São Paulo, na maior cidade do país, você sente alguma diferença em relação ao restante do Brasil? Em relação à quantidade de desempregados, você acha que em São Paulo está maior, menor ou a mesma coisa?**

**Entrevistada:** Olha, Ricardo, o que eu vejo muito... alguns locais, empreendimentos fechando portas, né?! Então, tipo, restaurante que fechou na esquina, ali quando eu trabalhava na (*Empresa de comunicação*) mesmo, né?! A gente tinha uma série de restaurantes e de repente foi fechando um a um, então, essa percepção é bem...

**Entrevistador: E esses locais tinham o aspecto de que iam fechar?**

**Entrevistada:** Não assim! Um dia você foi lá e almoçou e no outro dia não está mais, então, isso eu percebo mais aqui da cidade, né?! Barzinhos que fecham e empreendimentos no geral.

**Entrevistador: E o que você acha em relação ao desemprego na sua área de atuação, está impactando?**

**Entrevistada:** De comunicação? O que eu ouço falar é que o mercado não está bom, não está aquecido, que não está bom, que tá difícil. As pessoas comentam isso, mas eu não vejo muitas pessoas da nossa área de comunicação desempregadas, pelo menos do meu convívio, do meu círculo de amizade. Então, tem sempre, as pessoas estão sempre pulando de agência em agência ou fazendo

*freelas*, então, eu não vejo muito isso, mas a gente ouve falar. Então, é meio incoerente né?! Ouve muito falar mas eu não vejo amigos meus desempregados.

**Entrevistador: Mas você ouve falar de onde? De onde você tira esta informação?**

**Entrevistada:** Amigos, que falam “Ah! o mercado não tá bom, então, é melhor você ficar onde você tá porque senão vai ser difícil de encontrar.”. Entendeu?

**Entrevistador: Mas são os mesmos amigos que estão empregados?**

**Entrevistada:** É, são! Exatamente. [risada]

**Entrevistador: Bom, agora vamos falar mais de você. Quero saber mais sobre a relação desemprego e indivíduo, que é o foco da nossa conversa. Qual foi a sua sensação ao receber a notícia de que você seria demitida?**

**Entrevistada:** [inicia a resposta antes da finalização da pergunta] Eu quase morri do coração! Primeiro, porque não tinha nenhum sinal de que isso ia acontecer, pelo menos a meu ver, né?! Na verdade, eu fiquei 9 anos na (*Empresa de comunicação*), mas eu tinha uma nova gestora há dois anos e a gente nunca se deu muito bem, então, assim, a relação era desgastada, era difícil, mas ela não tinha nunca me dado um *feedback* ruim, tipo: “Olha, se você não melhorar em tal coisa talvez você possa rodar ou...”, não tinha! Ela nunca me deu *feedback* nenhum do trabalho, inclusive, a gente fechou contas legais e importantes que eu atendia, mas eu cheguei um dia para trabalhar e ela falou: “(*Entrevistada 2*), você pode vir aqui na minha sala?” e quando eu cheguei lá tava moça do RH e eu tomei um susto, e ela falou: “Olha, eu acho que não dá mais pra gente trabalhar junto e acho que também você não está muito na *vibe* de continuar aqui.”; ou seja, jogou para mim, né?! Tipo, eu não tô na *vibe*? E eu fiquei em estado de choque, Ricardo, estado de choque! Porque eu que banco minha casa, eu que ajudo a minha mãe, eu que banco todas as contas da casa, então, né?! Eu nunca tinha sido mandada embora de nenhum emprego, foi a primeira vez.

**Entrevistador: Em quantos anos você nunca tinha sido mandada embora?**

**Entrevistada:** Ah, a vida inteira de trabalho, né?! Comecei a trabalhar com 20 anos e tô com 42, então, nunca tinha acontecido isso e o lugar que eu mais fiquei realmente foi lá, quase uma década, né?! 9 anos, completou 9 anos certinho. Então, foi realmente um choque, eu fiquei desesperada, mas graças a Deus eu era CLT, funcionária CLT, então, eu sabia que eu receberia seguro desemprego e todo... E eu tinha também 100 horas extras, que eles me pagaram em dinheiro porque normalmente é banco de horas, né?! Então eu tive 100 horas extras pagas, eu tive todo, todo o respaldo, né?! Seguro-desemprego e tudo mais, então eu tive um dinheiro para me manter aí nesse tempo, que eu achava que ia durar mais, mas graças a Deus durou só 1 mês e meio.

**Entrevistador: E você atribui a sua demissão a quê? Porque, pelo seu relato, transpareceu que foi algo mais de cunho pessoal do que a situação econômica do país.**

**Entrevistada:** [inicia a resposta antes da finalização da pergunta] Não! Completamente. Por que no mesmo dia que eu fui mandada embora me contaram que chegou uma menina para me substituir, então, não foi econômico, né?! Porque senão...

**Entrevistador: Não tiraram a vaga?**

**Entrevistada:** Não, não tirou a vaga, não cortaram a vaga. Essa menina tá lá, inclusive até hoje e ela... eu fui substituída, então, foi algo pessoal.

**Entrevistador: E o que isso te traz e sensação? O fato de ter entendido que era algo pessoal?**

**Entrevistada:** Nossa! Eu fiquei... primeiro, num primeiro momento eu me culpei de não ter sido mais política, corporativa, eu me culpei, né?! Porque...

**Entrevistador: Ser política e corporativa no momento da demissão ou no desenrolar de toda a relação com ela?**

**Entrevistada:** No momento, no momento e no desenrolar também, eu acho, porque às vezes eu batia de frente com ela e depois eu me arrependia, eu pensava “Puts! Ela é a chefe, por que eu tô fazendo isso?”, mas é porque era uma pessoa muito preconceituosa, era uma pessoa que desdenhava de funcionários que tinham um cargo mais baixo, falava mal, assim, então ela... Ela... Ela foi racista muitas vezes, ela foi gordofóbica muitas vezes, ela foi homofóbica muitas vezes e eu questionava, né?!

**Entrevistador: Você não compartilhava destes princípios?**

**Entrevistada:** Não! Uma vez ela foi falar “Nossa, não sei por que existe essa bobeira de consciência negra.”, e aí vai falar para mim isso, pra mim! [risada] E aí todo mundo me olhou. Enfim, ela fazia coisas terríveis, terríveis, não gostava dela, a gente não batia e não ia dar para ficar mais tempo lá também, eu acho que...tava insustentável. Mas eu fiquei sabendo que ela saiu há pouco tempo, ou seja, me mandou embora, mandou uma série de pessoas embora, porque assim, a gente tinha, a nossa área tinha uma média de 50 pessoas, ficou 15, então ela realmente... ela passou o facão mesmo e refez a área, né?!

**Entrevistador: E qual foi a sua sensação após, efetivamente, você sair da empresa? Porque uma coisa é pensar “Estou demitida e ainda estou trabalhando”.**

**Entrevistada:** Isso!

**Entrevistador: Você cumpriu aviso prévio?**

**Entrevistada:** Não, não, lá não existe isso.

**Entrevistador: Então, como foi o primeiro dia em que você pensou: “não tenho um emprego hoje, estou em casa”.**

**Entrevistada:** No primeiro dia eu fui para casa da Thati, uma amiga, e a gente ficou conversando horas lá, mas eu tava em estado de choque, não conseguia conversar, não conseguir raciocinar, não conseguia pensar, no dia seguinte eu voltei para pegar minhas coisas, né?! Porque nesse primeiro dia você simplesmente vai embora porque você tá completamente atordoada, no dia seguinte eu voltei para pegar minhas coisas e eu só chorei na minha casa e falei: “Meu, ferrou, o que eu vou fazer agora? Onde vou procurar emprego?”, porque fazia muitos anos, né, Ricardo?! Então, eu não sabia nem procurar emprego, como é que faz entrevista, eu não sei fazer entrevista por que... e também eu sempre fui chamada, eu tava em um lugar aí um amigo me chamou para trabalhar em outro, então, eu nunca fiz uma entrevista assim de emprego para entrar, sabe?! Numa nova... numa nova empresa, então, eu não sabia nem como fazer isso. Mas aí os dias que se passaram eu fui me acalmando, fui pensando que eu ia receber o dinheiro e eu ia poder me organizar. E aí, eu resolvi viajar uns dez dias, eu fui para a Bahia, para tentar dar uma espairecida. E aí, quando eu voltei, eu ainda fiquei alguns dias e logo fui chamada para trabalhar em outro lugar, na consultoria, na (*Empresa de consultoria*), então eu não fiquei muito tempo, foi rápido, eu não passei aquele desespero de “Nossa! As contas estão chegando e eu não tenho mais dinheiro”, não passei por isso.

**Entrevistador: Teve algum impacto no seu estilo de vida esse momento de desemprego?**

**Entrevistada:** Não! Nenhum. Porque foi um mês só, né?! Não deu tempo, graças a Deus, mas não deu tempo de ter problemas financeiros.

**Entrevistador: No seu estilo de vida em geral, você continua fazendo tudo exatamente da forma como você já fazia em relação a gastos, compras, programas?**

**Entrevistada:** Eu continuo, mas eu não deveria. Eu continuo, mas eu não deveria porque eu acho que eu preciso, eu sou uma pessoa que eu vou fazendo as coisas sem muito pensar no amanhã, já tive uma experiência de ser mandada embora, né?! Então eu... eu... eu preciso começar a focar em guardar um dinheirinho, fazer uma previdência, eu sou muito viver o hoje. Tô fazendo as mesmas coisas, mesmo estilo, o que não é bom, né?! Porque hoje em dia eu sou PJ, eu presto serviço, eu não tenho mais esse respaldo de FGTS, essas coisas.

**Entrevistador:** Com o desemprego, você sentiu algum impacto na sua liberdade de ir e vir, de fazer as coisas, de sair, ir e voltar do jeito que você sempre fez?

**Entrevistada:** Olha, eu tô fazendo as mesmas coisas, do jeito que eu sempre fiz. Eu não tive Impacto nenhum e agora eu tô trabalhando num lugar que é bem mais flexível, né?! E eu me adaptei bem, eu achei que eu não me adaptaria a trabalhar em casa ou algo nesse sentido, mas eu tô gostando bastante.

**Entrevistador:** Você sentiu algum impacto do desemprego na sua relação com a sociedade, seja na sua posição de fala, poder de decisão ou poder de compra?

**Entrevistada:** Olha, Ricardo, quando... nos primeiros dias que eu fiquei desempregada, eu fiquei com vergonha. Olha que horrível isso, né?! Tipo, como é que eu vou falar para as pessoas que eu tô desempregada e o que eu vou falar se me perguntarem qual foi o motivo. É horrível, uma sensação horrorosa, você se sente super rejeitado, assim, ser mandado embora de um lugar é como... é como se a pessoa falasse assim: "Eu não preciso mais de você aqui, você não me serve para nada.", então, isso me pegou muito porque eu tenho essa coisa... meio... esse núcleo da rejeição meio forte assim, sabe? Eu sinto isso, então, isso foi algo que me pegou bem forte... é... cê quer refazer a pergunta? Se a minha posição de poder é o que?

**Entrevistador:** O quanto você se manifesta, o quanto você se sente proprietária para falar, para comprar, para tomar decisões, inclusive na sua casa...

**Entrevistada:** É... porque como foi muito rápido isso, não impactou, eu continuei me sentindo a mesma coisa. Olha, foi essa sensação de vergonha na sociedade, porque eu acho que a pessoa desempregada ela se sente assim, tipo, eu não sirvo para nada, né?! Ainda mais porque colocaram uma pessoa no meu lugar, porque se fosse um corte de vaga você fala: “Puts! Realmente a empresa não tá podendo”, agora, quando na hora você é substituído... horrível, uma sensação horrorosa.

**Entrevistador:** Teve algum impacto na sua construção de identidade quando você se viu desvinculada do seu emprego?

**Entrevistada:** Eu acho que eu não sabia mais quem eu era naquele momento, eu falava “o que eu... o que eu sei fazer? O que eu posso fazer agora para eu conseguir me recolocar no mercado?”. Então, eu fiquei numa puta crise nesse começo... de identidade, eu falava: “Mas o que eu sei fazer a não ser atendimento?”, porque eu era atendimento na agência, né?! “O que eu posso... eu sei escrever? Eu sei mexer com arte?”, então, assim, você fica se questionando se aquilo que você sabe é suficiente, tipo, eu deveria ter feito mais coisas? Mais cursos? Mais... me preparado melhor para o mercado, né?! Tipo, melhorado o meu inglês, enfim... fica numa crise de identidade, sim, é horrível. Nossa! Horrível, sensação horrorosa.

**Entrevistador:** Hoje você sente que recuperou essa identidade que, em dado momento, foi impactada?

**Entrevistada:** Nossa, é engraçado, porque depois que a gente tá num novo trabalho a gente não pensa mais, né?! A gente larga mão. Ah! Tô trabalhando, tô produzindo, então tá ok, né?!

**Entrevistador:** Uma autoafirmação de voltar a ser uma “pessoa útil”?

**Entrevistada:** Voltei a ser aquela pessoa útil, exatamente. Que louco.

**Entrevistador:** **Aos poucos você parou de pensar nisso?**

**Entrevistada:** Eu parei de pensar, eu não sou uma pessoa que...

**Entrevistador:** **Ou você acha que o novo emprego te ajudou, de alguma forma, a restabelecer sua identidade de outra maneira?**

**Entrevistada:** Eu acho que ele está ajudando agora, porque a gente tem essa coisa de estudos, de grupos de estudos, de refletir, de reflexão, bastante coisa que a gente não tem numa agência que você atende 10 clientes ao mesmo tempo, então, eu acho que ele tá ajudando a construir isso.

**Entrevistador:** **Você acha que o desemprego impactou de alguma forma na sua relação familiar?**

**Entrevistada:** Sim! Porque eu comecei a ficar desesperada e como eu que banco todas as contas da casa, e eu moro com a minha mãe, eu botei um pânico nela de gasto, então a gente teve uns estresses, né?! Então, impactou nesse sentido de ficar desesperada, “Putz! Como é que eu vou pagar o condomínio, como que eu vou pagar isso, como que eu vou pagar aquilo?”, então, impactou em um estressezinho sim.

**Entrevistador:** **O estresse sempre voltado para a questão financeira?**

**Entrevistada:** Financeira, sempre, sempre financeiro.

**Entrevistador:** **E na sua relação com a sociedade em geral e com aqueles que você tinha um convívio esporádico, impactou de alguma forma?**

**Entrevistada:** Não, não. Não impactou. Mas eu senti muita ajuda das pessoas, viu, Ricardo! Muita ajuda das pessoas quando eu fiquei desempregada, de pedirem meu

currículo, de me indicarem, inclusive, nesse um mês e meio eu fiz duas entrevistas, o que não é o comum, né?! As pessoas geralmente falam que ficaram um tempão sem conseguir fazer entrevista, enfim, e eu fui indicada para duas nesse um mês, então, achei que foi produtivo, achei que foi produtivo uns amigos.

**Entrevistador: E como ficou a sua relação com os amigos?**

**Entrevistada:** Nossa, eu achei... eu achei que eu tive bastante apoio e ajuda das pessoas nesse momento, mesmo ajuda emocional, de me acalmar mesmo, me indicando para lugares. Eu achei que as pessoas foram bem solidárias, acho que no meu caso.

**Entrevistador: Você acha que a pessoa desempregada se inscreve em algum papel social?**

**Entrevistada:** Eu acho que a pessoa se inscreve no papel de inútil, de não ter função, de não ter uma identidade, não sei. A gente fala muito dessa coisa de identidade corporativa, né?! Que a pessoa se sente tão parte da empresa onde ela trabalha que ela tem aquele crachá corporativo. Eu acho que a pessoa desempregada perde isso, fica sem uma... sem uma... o indivíduo fica meio acoplado ao trabalho, né?! Eu senti isso, eu ficava com vergonha de falar que eu tava desempregada. Com vergonha. Tipo, como assim? Nossa! Você não sabe nada? Fiquei assim, foi horrível.

**Entrevistador: Se fosse para você descrever em uma palavra, em um sentimento, qual representaria o desemprego?**

**Entrevistada:** Rejeição, pra mim. Rejeição. Me senti rejeitada, porque eu logo fui substituída também. Rejeição e substituição. Tipo, não serve mais, joga fora e pega outro. Entendeu? Mas eu me senti rejeitada.

**Entrevistador: E você acha que as relações de emprego no geral são assim, substitui e joga fora?**

**Entrevistada:** Sim, salvo raríssimas exceções, como é o caso da (*Empresa de consultoria*), que eu estou trabalhando agora. Mas assim, todas as agências que eu conheço, empresas que eu tenho amigos... É, somos um número dentro das empresas, né?!

**Entrevistador:** Me fale mais um pouco sobre essa questão de ser um número. Como você enxerga essa relação “numérica” das empresas com os empregados?

**Entrevistada:** Olha, Ricardo, na verdade, como eu trabalhei bastante tempo nos... eu tive poucos empregos na vida, porque eu trabalhei muito tempo nos lugares que eu passei... anos... então eu fiz amizades, né?! Tanto é que na (*Empresa de comunicação*), olha que curioso, eu era tão amiga da galera do RH, que nem o RH ficou sabendo que eu ia ser mandada embora, só a Diretora, porque eu tinha uma amiga próxima lá e ela ficou chocada, porque foi feito muito embaixo dos panos, porque eu tinha muita amizade com as pessoas da empresa. Então, eu sempre tentei não ser apenas um número, sempre tentei. As pessoas falam que a gente não faz amigos no ambiente de trabalho, eu discordo. Acho que você passa a maior parte do tempo lá, você faz amigos para vida, né?! Eu tenho amigos de vida que eu conheci no ambiente de trabalho, então... eu esqueci sua pergunta, fala de novo.  
[risada]

**Entrevistador:** Isso foi da sua relação com as pessoas. Mas e a relação da empresa para você e com as pessoas?

**Entrevistada:** Ah! Da relação da empresa? Numérica. Porque é muito substituível, tipo, você não tá rendendo naquele momento porque você teve um problema, você teve uma depressão, você engravidou... Eu tive três amigas que foram mandadas embora da (*Empresa de comunicação*) no meio da licença maternidade. É o cúmulo! Decidiram pagar tudo e elas foram dispensadas, uma inclusive falou: “Se tivesse secado o meu leite por causa desse estresse, eu teria processado. Mas é que aí tudo bem, eu vou ficar com a minha filha e tudo bem.”. Mas para você ver,

né?! E a mulher ainda é muito pior, imagina, quando engravida tem essa questão e tudo mais.

**Entrevistador: E para encerrar, o que você acha que vem pela frente, nessa relação do brasileiro com o desemprego?**

**Entrevistada:** Ai, Ricardo, que difícil. Que difícil. Eu não tenho menor ideia, porque a gente tá com essa questão das eleições e a gente tá num puta cenário incerto, né?! Eu não sei o que vai ser, eu realmente espero que a gente consiga melhorar aí os níveis de emprego no Brasil e consiga voltar a crescer um pouco economicamente aqui, né?! Porque a gente... a gente andou 10 passos para trás, a gente vinha num crescimento legal e depois caiu tudo por terra. Então, realmente, 13 milhões de pessoas desempregadas é muito, né?! Eu não sei realmente responder essa pergunta, não sei, tá muito incerto ainda o cenário.